



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

RUI FILIPE RIBEIRO SOARES

Escutismo e Comunidade
O método como lugar de formação para a experiência
comunitária

Dissertação final
sob orientação de:
Prof. Doutor Sérgio Filipe Pinho Leal

Porto
2024

Escutismo e Comunidade

O método como lugar de formação para a experiência comunitária

ÍNDICE

RESUMO.....	6
SIGLÁRIO	7
Siglas	7
Abreviaturas.....	8
Siglas Trabalho de Campo.....	8
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 - ANÁLISE E AVALIAÇÃO DA REALIDADE COMUNITÁRIA	16
1.1. Um duplo horizonte	16
1.1.1. Horizonte Sociocultural da Comunidade.....	16
1.2.2. Horizonte Eclesial da Comunidade	23
1.2. Estudo de Campo.....	28
1.2.1. Análise da Amostra	28
1.2.2. Análise dos Resultados	34
1.3. Observações Conclusivas	57
CAPÍTULO 2 - COMUNIDADE E COMUNHÃO: FUNDAMENTOS BÍBLICOS E ECLESIOLÓGICOS.....	61
2.1. At 2,42-47: Uma vida de comunhão.....	61
2.1.1. Análise da Perícopes	61
2.1.2. Observações Conclusivas	68
2.2. Coordenadas eclesiológicas para (re)pensar a comunidade	70
2.2.1. A Eclesiologia de Comunhão do Vaticano II	71
2.2.2. A Sinodalidade como expressão e realização desta comunhão.....	75
2.2.2.1. Igual Dignidade e Unidade na Missão.....	76
2.2.2.2. Corresponsabilidade	77
2.2.2.3. Governo Pastoral Comunal.....	78
2.2.2.4. Conselho como parte integrante da decisão pastoral.....	81
2.2.3. Observações Conclusivas	83

CAPÍTULO 3 - A FORMAÇÃO PARA A COMUNIDADE E O MÉTODO

ESQUITISTA: IMPLICAÇÕES PASTORAIS.....	86
3.1. O Movimento escutista e o método	86
3.1.1. O Movimento escutista.....	86
3.1.2. As 8 maravilhas do método	87
3.1.2.1. Lei e Promessa.....	87
3.1.2.2. Mística e Simbologia.....	88
3.1.2.3. Vida na Natureza	89
3.1.2.4. Aprender fazendo	90
3.1.2.5. Sistema de Patrulhas.....	91
3.1.2.6. Progresso Pessoal	92
3.1.2.7. Relação educativa	92
3.1.2.8. Envolvimento na comunidade	93
3.2. Orientações Pastorais para formar para a comunidade.....	95
3.2.1. Catequese e Escutismo	97
3.2.2. Fraternidade e Escutismo.....	99
3.2.3. Orações e Escutismo.....	100
3.2.4. Comunidade e Escutismo: Observações Conclusivas	102
CONCLUSÃO.....	106
BIBLIOGRAFIA	109
Fontes	109
Magistério.....	109
Estudos	112
ANEXO 1.....	117
ANEXO 2.....	118
ANEXO 3.....	119
ANEXO 4.....	120
ANEXO 5.....	121
ANEXO 6 - QUESTIONÁRIO.....	122

RESUMO

O Escutismo é uma escola de formação de muitas crianças e jovens dos nossos dias, conduzindo-os a impelir a sua própria canoa rumo à felicidade e ao envolvimento na comunidade. Sabendo que as comunidade atuais passam por uma “mudança de época”, esta dissertação tem o objetivo de investigar o modo como o Método Escutista forma para um maior sentido de pertença às Comunidades Paroquiais. Partindo da análise do horizonte sociocultural e eclesial, visamos perceber como é que, este movimento eclesial juvenil pode ser presença ativa nas Comunidades Paroquiais e, através do seu método, formar os seus elementos para uma maior experiência comunitária.

Palavras-chave: Escutismo, Jovens, Comunidade, sentido de pertença, Comunhão, Método Escutista.

ABSTRACT

The Scouting movement is considered a school of educational institution for various children and young people nowadays, teaching them how to steer their own canoe towards happiness and involvement in the community. Taking into consideration that communities are currently going through a 'change of the times', this dissertation aims to investigate how the Scout Method helps foster a greater sense of belonging to Parochial Communities. Launching from an analysis of the sociocultural and ecclesial horizon, we aim to understand how it is this youth ecclesial movement can be an active presence in Parochial Communities and, through its method, shape its members for an enhanced community experience.

Keywords: Scouting, youth, community, sense of belonging, fellowship, scouting method.

SIGLÁRIO

Siglas:

AEP - Associação Escotista de Portugal

BP - Robert Stephenson Smyth Baden-Powell

CEP - Conferência Episcopal Portuguesa

CEPCEP - Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa

CIC - *Codex Iuris Canonici*: Código de Direito Canónico

CL - Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christifidelis Laici*

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNE - Corpo Nacional de Escutas: Escutismo Católico Português

CPP - Conselho Pastoral Paroquial

CTI - Comissão Teológica Internacional - “A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja”

DFJ - Documento Final: Sínodo dos Bispos, XV Assembleia Geral Ordinária - “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”

DPS - Documento Preparatório: Sínodo dos Bispos, XVI Assembleia Geral Ordinária - “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”

EC - Constituição Apostólica *Episcopalis Communio*

EE - Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*

EG - Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

FACEIS - Físico, Afetivo, Caráter, Espiritual, Intelectual, Social (6 áreas do Sistema de Progresso do Método Escotista)

FT - Carta Encíclica *Fratelli Tutti*

GS - Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*

ILJ - *Instrumentum Laboris*: Sínodo dos Bispos, XV Assembleia Geral Ordinária - “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”

ILS - *Instrumentum Laboris*: Sínodo dos Bispos, XVI Assembleia Geral Ordinária - “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”

LG - Constituição Dogmática *Lumen Gentium*

LS - Carta Encíclica *Laudato Si'*

MC - Carta Encíclica *Mystici Corporis*

NDC - Novo Diretório para a Catequese
OMME - Organização Mundial do Movimento Escutista
ONU - Organização das Nações Unidas
OPJ - Observatório Permanente da Juventude
PG - Exortação Apostólica *Pastores Gregis*
RM - Carta Encíclica *Redemptoris Missio*
SS - Carta Encíclica *Spe Salvi*
SNP - Secretaria Nacional Pedagógica
UR - Decreto *Unitatis Redintegratio*

Abreviaturas:

1 Cor - Primeira Carta aos Coríntios
At - Atos dos Apóstolos
art.º - artigo
cân. - cânone
cf. - conferir
cfr. - confrontar
Ef - Carta aos Efésios
Jo - Evangelho de João
Lc - Evangelho de Lucas
Mt - Evangelho de Mateus
nº - número
Rm - Carta aos Romanos
v. - versículo
vv. - versículos

Siglas Trabalho de Campo:

PF_{10a} - Pioneiro Feminino, 10 anos de Movimento
PF_{7a} - Pioneiro Feminino, 7 anos de Movimento
PF_{8a} - Pioneiro Feminino, 8 anos de Movimento
PF_{10a10m} - Pioneiro Feminino, 10 anos e 10 meses de Movimento

PM_{10a} - Pioneiro Masculino, 10 anos de Movimento
PM_{13a} - Pioneiro Masculino, 13 anos de Movimento

PM_{18a} - Pioneiro Masculino, 18 anos de Movimento

CF_{6a} - Caminheiro Feminino, 6 anos de Movimento

CF_{6a9m} - Caminheiro Feminino, 6 anos e 9 meses de Movimento

CF_{8a} - Caminheiro Feminino, 8 anos de Movimento

CDF_{8a} - Candidato (Noviço) a Dirigente Feminino, 8 anos de Movimento

CDF_{18a} - Candidato (Noviço) a Dirigente Feminino, 18 anos de Movimento

CDM_{3a} - Candidato (Noviço) a Dirigente Masculino, 3 anos de Movimento

CDM_{15a} - Candidato (Noviço) a Dirigente Masculino, 15 anos de Movimento

DF_{10a} - Dirigente Feminino, 10 anos de Movimento

DF_{25a} - Dirigente Feminino, 25 anos de Movimento

DF_{30a} - Dirigente Feminino, 30 anos de Movimento

DF_{34a} - Dirigente Feminino, 34 anos de Movimento

DM_{10m} - Dirigente Masculino, 10 meses de Movimento

DM_{10a} - Dirigente Masculino, 10 anos de Movimento

DM_{23a4m} - Dirigente Masculino, 23 anos e 4 meses de Movimento

DM_{43a} - Dirigente Masculino, 43 anos de Movimento

INTRODUÇÃO

«Procurai deixar o mundo um pouco melhor de que o encontrastes quando vos chegar a vez de morrer, podeis morrer felizes, sentindo que ao menos não desperdiçastes o tempo e fizestes todo o possível por praticar o bem»¹. Estas palavras de BP, na sua última mensagem, dão o mote a toda a vida escutista e foi a partir daqui que começamos o nosso percurso que será desenvolvido ao longo desta trabalho.

Esta investigação surge da experiência pessoal no Movimento Escutista, onde se gerou uma oportunidade para o envolvimento na comunidade. Todavia, nesta pesquisa temos consciência que o Escutismo está, muitas vezes, afastado da comunidade e fechado em si mesmo. A nossa experiência, enquanto escuteiros, permitiu guiarmos este caminho rumo ao envolvimento na comunidade, através do Método Escutista.

Esta dissertação, desenvolvida no âmbito do Mestrado Integrado em Teologia, da Universidade Católica Portuguesa, visa ser um estudo pela procura da felicidade no ambiente escutista através do método, mais especificamente, pelo seu envolvimento na comunidade.

Após o estudo da UC de Teologia Pastoral Fundamental, percebemos que um trabalho do seu âmbito deve responder à pergunta: “O que é que a Igreja deve fazer aqui e agora?”. Sendo assim, este trabalho tem como objeto material o Escutismo vivido nas nossas Comunidades Paroquiais, mais especificamente, na Região do Porto. Neste sentido, este trabalho surge da necessidade de uma maior envolvência na comunidade por parte dos escuteiros e, por sua vez, pela abertura da comunidade a um estilo mais comunitário. Deste modo, a nossa pesquisa quer responder à seguinte questão: “Como é que o método escutista forma os seus elementos para a comunidade?”.

Vivemos num tempo em que é cada vez mais frágil o sentido de pertença às comunidades eclesiais, dando lugar ao individualismo e ao indiferentismo. Vivemos num tempo em que urge a necessidade das comunidades eclesiais fazerem um caminho em

¹ Robert Baden-Powell, «Última Mensagem do Chefe», em *Celebrações do CNE*, 194.

conjunto, de modo sinodal, para que sejam capazes de escutar aquilo que o Espírito lhes quer dizer aqui e agora.

No decorrer do nosso trabalho estará presente o método de discernimento pastoral e evangélico, do Prof. Sergio Lanza, sendo desenvolvido nas suas dimensões (kairológica, operativa e criteriológica) e em duas das suas três fases (análise e avaliação, decisão e projeção). Este método tem como horizonte o princípio da Incarnação «que sendo um evento fundamental da revelação, a partir do qual o Verbo se fez carne e assumiu a nossa natureza humana, se torna um princípio a partir do qual Deus salva o homem através do homem»², constituindo-se um critério essencial para toda a ação eclesial e para a leitura e compreensão dos acontecimentos eclesiais.

No decorrer desta investigação, evitando seguir uma via dedutiva ou indutiva, seguiremos um método de reciprocidade dialética e assimétrica. Este método reclama a reciprocidade entre a teoria e a práxis, possibilitando a comunicação da fé, estabelecendo um diálogo entre Deus e a Humanidade. É assimétrica, dado que é o dado da fé que tem preponderância sobre o dado da realidade, e é o dado da fé que faz a leitura da realidade. Além disso, «aquilo que qualifica este método é o discernimento, não só pessoal, mas sobretudo comunitário: “o discernimento originário e fundamental exprime a dinâmica própria do acto de fé: é uma leitura cristológica da realidade, sob a acção do Espírito Santo”»³.

Partiremos, então, da relação entre o dado da realidade e entre o dado da fé para, daí, podermos retirar implicações pastorais para a vida comunitária. Neste sentido, o nosso caminho será composto por três etapas fundamentais: 1) Análise e Avaliação da realidade comunitária; 2) Comunidade e Comunhão: fundamentos bíblicos e eclesiológicos; 3) A formação para a Comunidade e o Método Escutista: Implicações Pastorais.

No primeiro capítulo, será apresentado o contexto da comunidade atual, focando a nossa visão na presença dos jovens nela, pois a sua relação com a fé e o seu sentido de pertença à comunidade é ténue e apresenta hoje novos desafios. Neste capítulo, procuraremos analisar a realidade em que nos encontramos, seja no âmbito sociocultural, seja no âmbito eclesial. Através do estudo da sociologia e da psicologia comunitária

² Sérgio Filipe Pinho Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal: O Ministério Pastoral numa Igreja Sinodal ao Serviço da Evangelização e da Missão para uma Permanente Conversão Pastoral e Missionária em Portugal* (Roma: Pontificia Universtitas Lateranensis, 2024), 14.

³ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 14.

queremos perceber como é que os homens e mulheres de hoje vivem a experiência comunitária e que impacto as dinâmicas relacionais e institucionais têm na vida humana.

Vivemos numa “modernidade líquida” onde a sociedade não é capaz de vivenciar os vários momentos na sua profundidade, ficando somente pela sua superficialidade, vivendo só pelos desejos, um tempo de “zapping cultural”. Contudo, é fundamental entender a composição do sentido de pertença comunitária para percebermos que este não é um sentimento momentâneo, mas algo que deve permanecer nas comunidades.

Na análise e avaliação da realidade, além do horizonte sociocultural investigaremos também o contexto eclesial. Sabendo que vivemos numa “mudança de época”, como afirma o Papa Francisco⁴, percebemos que as nossas comunidades veem muitas vezes as suas paróquias como uma “estação de serviço”, onde a participação na comunidade acontece não pelo sentido de pertença, mas por alguma necessidade pessoal. Neste sentido, precisamos de olhar a paróquia não como uma “estrutura caduca” (EG 28), mas como uma realidade viva que requer docilidade e criatividade para que possa responder às exigências do contexto sociocultural e eclesial contemporâneo.

Neste sentido, será desenvolvida a perceção e o envolvimento dos escuteiros da Região do Porto face às suas Comunidades Paroquiais. Este estudo de campo, realizado através de um questionário e de um pequeno contacto com as secções mais novas, apresentará apenas uma pequena parte de uma das maiores regiões do país. Contudo, será possível apresentar alguns resultados, através dos quais guiaremos o nosso estudo para ser possível retirar conclusões, tendo em conta a pergunta de estudo. Em anexo a este trabalho apresentaremos alguns elementos usados no decorrer do trabalho de campo, como o questionário utilizado e o que foi obtido do contacto com as Alcateias.

No segundo capítulo, abordaremos a Revelação bíblica para perceber como é que a comunidade primitiva pode ser uma comunidade modelo para os nossos dias. Investigando a perícopes de At 2,42-47 iremos procurar perceber a importância da comunidade primitiva, os seus critérios e como é que se constitui modelo para as comunidades atuais.

Na análise e avaliação da realidade eclesial não focaremos apenas a Revelação Bíblica, mas procuraremos conhecer o caminho eclesial, nomeadamente o Concílio Vaticano II e a sua eclesiologia de comunhão, escusando um percurso histórico, o qual não é o nosso objetivo, tendo em conta o âmbito da nossa reflexão. Além do mais, a

⁴ Cf. Francisco, «Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios», 21-12-2019.

eclesiologia de comunhão é visível e concretizável nos movimentos eclesiais, como é o caso do Escutismo, que procura viver a comunhão tanto a nível interno como externo.

A eclesiologia de comunhão é o fundamento da sinodalidade enquanto estilo eclesial. A sinodalidade, tal como é apresentada pelo Papa Francisco, é um estilo que permite uma permanente conversão pastoral. Iremos procurar perceber como é que os quatro elementos fundacionais da sinodalidade podem ser colocados em prática pelo Escutismo. Tentaremos procurar perceber como é que estes elementos podem constituir uma verdadeira sinfonia da sinodalidade neste caminho de conversão pastoral que pode ser concretizado pelo Método Escutista.

No terceiro capítulo, depois da análise e avaliação da realidade sociocultural e eclesial retiraremos implicações pastorais para a vida da comunidade. Começaremos, então, por apresentar, de forma sumária, o Movimento escutista e as 8 Maravilhas do Método Escutista, para depois ser possível apresentar orientações pastorais. Estas serão formuladas com base nos capítulos precedentes, tendo presente a realidade que abordamos no trabalho de campo, bem como na análise bíblica e eclesiológica.

“O CNE gera comunidade”, mas precisamos de atuar para não deixar que o Escutismo se feche em si mesmo. Com estas orientações projetaremos uma maior proximidade às Comunidades Paroquiais e a criação de um maior sentido de pertença. Além disso, apresentaremos exemplos mais práticos, baseados nas orientações pastorais.

A construção comunitária é um grande desafio no contexto social e eclesial contemporâneo, por isso, é urgente repensar como cada grupo, movimento pode ser construtor de comunidade e gerador de uma Igreja Comunhão, ao serviço da evangelização e da missão.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todos aqueles que tornaram este caminho possível. Em primeiro lugar, à Faculdade de Teologia do Centro Regional do Porto que, durante estes anos nos permitiu ter as bases para este desenvolvimento final. Neste âmbito queremos agradecer a todos os professores, em especial, ao Professor Doutor Sérgio Filipe Pinho Leal, por todo o acompanhamento feito desde o dia em que decidimos que caminho iríamos traçar até ao fim, mesmo nos momentos mais difíceis do caminho. Agradecemos ainda ao Seminário Maior de Nossa Senhora da Conceição do Porto, aos colegas por todo o companheirismo demonstrado nesta fase, aos que leram este trabalho e que o corrigiram.

Não poderíamos ainda de deixar de agradecer ao Escutismo, pelas bases que deu quando por lá passamos. Agradecer a Região do Porto que acolheu este nosso trabalho e

aos Agrupamentos 0007 - Ermesinde e 1189 - Corim que proporcionaram o encontro com as suas Alcateias durante o trabalho de campo. Agradecer a Baden-Powell que fundou um movimento que move os jovens, que os educa e que os faz crescer em sociedade e na sociedade.

Agradecer por último, mas não menos importante, à Paróquia de São Lourenço de Ermesinde, que nos viu crescer neste movimento e que nos levou a estudá-lo um pouco mais; à nossa família que sempre nos acompanhou, nos momentos fáceis e mais difíceis deste caminho, que esteve sempre presente, sendo um porto seguro que nos permitia atracar a nossa canoa e nos impelia, mais fortes, nesta busca pela felicidade.

CAPÍTULO 1 - ANÁLISE E AVALIAÇÃO DA REALIDADE COMUNITÁRIA

1.1. Um duplo horizonte

No presente capítulo procuramos olhar para a realidade atual: uma realidade composta pelos jovens, pela sua relação com a fé e pelas suas comunidades. A relação dos jovens com a fé e o seu sentido de pertença à comunidade não é fácil, devido a um crescente processo de individualização num tempo em que os avanços tecnológicos fazem com que os jovens passem mais tempo isolados e menos tempo em encontros.

Ao olhar a realidade escutista, percebemos que o envolvimento na comunidade é essencial para um movimento eclesial que tem de ser cada vez mais aberto às questões da sociedade atual. Nesse aspeto, é de precisar a importância na formação dos jovens elementos nesta questão. É necessário que os Dirigentes formem os seus elementos para a experiência comunitária: informem sobre a comunidade atual e formem-nos para ela.

1.1.1. Horizonte Sociocultural da Comunidade

Quando falamos de comunidade, temos de ter presente os estudos que as várias ciências sociais e humanas vão desenvolvendo, como a psicologia, a sociologia, que têm uma relação dialógica com a teologia pastoral.

O sentimento de comunidade foi estudado no ramo da psicologia comunitária afirmando que este conceito «abarca o sentimento de pertença em que a pessoa se percebe como parte integrante e significativa de uma coletividade maior (...). O sentimento de comunidade dilui e previne os sentimentos de isolamento, solidão e alienação dos indivíduos das suas comunidades»⁵. A psicologia tem desenvolvido este conceito e não o restringe a um certo território, mas abarca-o até mesmo nas relações. Há estudiosos da psicologia que definem o termo tanto ligado à territorialidade como às relações, como o caso de Gusfield e de Heller.

À semelhança de Gusfield, há quem afirme que:

⁵ José Ornelas, *Psicologia Comunitária* (Lisboa: Fim de Século, 2008), 39.

«o termo comunidade, utilizado hoje em dia na Psicologia Social, é bastante elástico e capaz de incluir em seu escopo desde um pequeno grupo social, um bairro, uma vila, uma escola, um hospital, um sindicato, uma associação de moradores, uma organização não – governamental, até abarcar os indivíduos que interagem numa cidade inteira. E as definições de comunidade têm sido cada vez mais abrangentes pois se destinam a cobrir toda esta gama de *habitats sociais*»⁶.

Numa outra perspectiva, Heller fala de comunidades relacionais, as quais se definem pelos interesses, culturas ou tarefas comuns. Ele atesta que empresas, associações juvenis (onde podemos incluir o escutismo), entre outras, podem ser consideradas comunidades relacionais, mesmo estando circunscritas a um certo território geográfico. Nestes casos, «o sentimento de comunidade implica a ligação e o sentimento de pertença ao grupo»⁷.

É certo que, com a emergência da modernidade mudaram completamente as estruturas que fundamentavam as relações sociais comunitárias. «A globalização, com seu deslocamento de tempo e local, acabou com as possibilidades de uma demarcação clara dos limites de uma comunidade, de certa forma, dificultando a localização das relações e sua durabilidade ao longo do tempo»⁸.

Com a pós-modernidade, a imagem de mundo começa a ser entendida como uma conceção de matéria que está aberta a mudanças que levam o homem a uma dimensão que conduz a um reducionismo materialístico. Assim, a crise de identidade que aflige os indivíduos, aflige também as instituições e estruturas civis e comunitárias e o ordenamento institucional da sociedade perdeu também a sua identidade.

Cada vez mais é notória uma perda da identidade católica com o passar do tempo e com o nascer das novas gerações, apesar do catolicismo português ter uma forte presença cultural na nossa sociedade⁹. A pandemia do Covid-19 veio trazer ao de cima a nossa fragilidade e, com este individualismo patente na nossa sociedade, veio denotar que «caiu a maquilhagem dos estereótipos com que mascaramos o nosso “eu” sempre preocupado com a nossa imagem; e ficou a descoberto, uma vez mais aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos»¹⁰.

Na sociedade portuguesa atual tem vindo a crescer uma “cultura do indivíduo”, criando uma pluralização das práticas religiosas, sendo esta um dos recentes modos de

⁶ Araújo Gomes, «Psicologia Comunitária: Uma abordagem conceitual», *Psicologia: Teoria e Prática* 1, nº 2 (1999): 73.

⁷ Ornelas, *Psicologia Comunitária*, 62.

⁸ Alan Delazeri Mocellim, «A Comunidade: Da Sociologia Clássica à Sociologia Contemporânea», *Plural* 17, nº 2 (2011): 107.

⁹ Cf. Alfredo Teixeira, «A eclesiosfera católica: pertença diferenciada», *Didaskalia* 43, nº 1-2 (2013): 115.

¹⁰ Francisco, «Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia», 27-03-2020.

expressar a prática religiosa.¹¹ Este crescimento da individualização na nossa sociedade faz com que haja «uma crescente autonomização do indivíduo face aos sistemas simbólicos de orientação existencial»¹².

A nossa sociedade sofre também do avanço do processo de globalização que envolve não só perspetivas de natureza económica e a liberalização dos comércios e a geração de um mercado livre mundial, mas também de um sistema semelhante de igualização cultural, através da corrente de pessoas e bens¹³. Isto acarreta uma necessidade da releitura dos conceitos de pertença e de identidade, neste contexto de mudança de época, em que o Papa Francisco apresenta alguns desafios na *Evangelii Gaudium*:

«Na cultura dominante, ocupa o primeiro lugar aquilo que é exterior, imediato, visível, rápido, superficial, provisório. O real cede o lugar à aparência. Em muitos países, a globalização comportou uma acelerada deterioração das raízes culturais com a invasão de tendências pertencentes a outras culturas, economicamente desenvolvidas mas eticamente debilitadas. (...) Isto verifica-se com frequência também no domínio dos meios de comunicação social, os quais, sendo na sua maior parte geridos por centros situados na parte norte do mundo, nem sempre têm na devida conta as prioridades e os problemas próprios desses países e não respeitam a sua fisionomia cultural» (EG 62).

Nestes tempos pós-modernos, cresceu um processo histórico-cultural que fez com que as relações que a Igreja e a cultura tinham estabelecido fossem deitadas abaixo¹⁴. Z. Bauman também aplica o conceito “líquida” à sociedade, e também à modernidade, descrevendo-a como «individualista e impiedosa, que avança vertiginosamente mas sem rumo e que muda compulsivamente mas sem consciência»¹⁵.

Bauman, sobre a comunidade afirma que

«na fase líquida da modernidade, só existem arneses com fechos de mola, e o seu sucesso de vendas baseia-se na facilidade com que se pode colocá-los de manhã e tirá-los à noite (ou vice-versa). As comunidades existem em muitas cores e tamanhos, mas se tiverem distribuídas ao longo do eixo weberiano que se estende entre o “manto de luz” e a “gaiola de ferro”, todas elas se aproximam mais do primeiro polo. Como precisam de ser defendidas (...) todas as comunidades são uma postulação, um projeto e não uma realidade»¹⁶.

¹¹ Cf. Alfredo Teixeira, *Religião na Sociedade Portuguesa* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019), 44.

¹² Teixeira, *Religião na Sociedade Portuguesa*, 44.

¹³ Cf. Marco Rizzi, *La secolarizzazione debole* (Bolonha: Il Mulino, 2016), 28.

¹⁴ Cf. Jorge Castela, *Evangelizar em tempos de mudança* (Porto: Edições Salesianas, 2020), 27.

¹⁵ José Ignacio García-Valdecasas, «Zygmunt Bauman: una voz sólida en una sociedad líquida», *Razón y Fe* 275, n.º 1424-1423 (2017): 453.

¹⁶ Zygmunt Bauman, *Modernidad Líquida* (Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000), 180.

Esta sociedade “líquida” situa-se num tempo de «zapping cultural»¹⁷, um tempo em que tudo passa a correr e as experiências são simplesmente do momento. Um tempo em que a sociedade está ao serviço dos desejos humanos, em que a estabilidade não importa¹⁸, fazendo com que pareça que a Igreja «se tem transformado num super-mercado de sacramentos e sacramentais, que são vistos como direitos à escolha, fazendo jus a uma pastoral à la carte»¹⁹.

Na carta encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário, João Paulo II afirmava que o homem vive uma «procura de sentido, a necessidade de vida interior, o desejo de aprender novas formas e meios de concentração e oração» (RM 38). Esta procura de sentido que o homem vive, faz parte dos tempos pós-modernos em que o homem já não sabe quem é, mas procura intensamente por algo que o satisfaça.

Neste mundo em que o individualismo está cada vez mais patente na nossa sociedade, as comunidades são cada vez mais afetadas por este movimento. Apesar das mudanças que a comunidade foi sofrendo com o passar dos anos, é possível afirmar que «construir uma comunidade é, deveras, uma experiência desafiante, mas necessária»²⁰. A construção de uma comunidade é urgente para «a criação do sentido de pertença num mundo individualista e narcisista, um mundo em movimento em que as fronteiras e as distâncias foram vencidas pelo processo de globalização e pelo mundo cibernético»²¹.

Ser comunidade é a convergência de dois impulsos que se completam um ao outro: as causas que ajudam na formação do corpo social e um sentimento que se vai construindo ao longo do tempo.²² Tiago Freitas afirma existirem quatro elementos essenciais que comportam o sentimento de comunidade:

«o primeiro elemento é o *sentimento de pertença ou de partilha de um relacionamento pessoal*. A pertença a uma comunidade pressupõe um dinamismo activo por parte dos membros, que devem investir as suas forças para adquirirem esse estatuto. Significa também que passam a existir fronteiras (*boundaries*), ou seja, haverá pessoas que pertencem e pessoas que não pertencem à comunidade.

O segundo elemento é a *influência*, definida como um *sentimento de importância, de fazer a diferença para o grupo e de o grupo ser importante para os seus membros*. O terceiro elemento, a *integração e satisfação de necessidades*, corresponde ao *sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelos recursos recebidos pelo seu estatuto de membro no grupo*. Por fim, as ligações emocionais partilhadas resultam do *compromisso e crença de que os membros partilharam e irão partilhar histórias, lugares*

¹⁷ Castela, *Evangelizar em tempos de mudança*, 39.

¹⁸ Cf. Castela, *Evangelizar em tempos de mudança*, 41-43.

¹⁹ Castela, *Evangelizar em tempos de mudança*, 42.

²⁰ Tiago Freitas, *Colégio de Paróquias: A paróquia em tempos de mobilidade* (Prior Velho: Paulinas, 2018), 68.

²¹ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 54.

²² Cf. Freitas, *Colégio de Paróquias: A paróquia em tempos de mobilidade*, 68-69.

comuns, tempo juntos e experiências similares. (...) Devem, acima de tudo, sentir-se identificados»²³.

Nos estudos da sociologia da religião, surge cada vez mais o conceito daqueles que se identificam como “sem religião”, escondem uma diversidade de visões do mundo²⁴, oscilando entre «uma visibilidade quantitativa e uma invisibilidade qualitativa, uma vez que se trata de um fenómeno relativamente recente e nos círculos académicos existe ainda uma certa incerteza na tentativa de descrever este grupo em termos qualitativos»²⁵. A religião é a ligação pessoal de cada um com o transcendente, com o numinoso, sendo, aqueles que se dizem “sem religião” um *contradictio in adiecto*, como afirma Rudolf Otto, como o diz Steffen Dix.²⁶

Apesar de serem cada vez mais os que se denominam “sem religião”, muitos continuam a estar relacionados culturalmente com a tradição religiosa, como por exemplo, os casamentos, os batizados, a catequese, a pertença a certos movimentos e, até mesmo, com os funerais.²⁷ Além disso, é facilmente constatável que os que, hoje em dia, se afirmam crentes sem religião, ou até mesmo não crentes, «prende-se com a fraca socialização religiosa que tiveram, ou mais propriamente, não tiveram»²⁸.

Alfredo Teixeira num estudo sobre a religião na sociedade portuguesa, faz uma categorização tripartida da mesma, usando a destradicionalização, a individualização e a diversificação. A primeira categoria enfoca nas imagens de Deus que estão a ser moldadas, apesar de a sociedade portuguesa ter traços fortes duma tradição religiosa. Há um conjunto de fatores que produziram uma heterogeneidade multicultural e multitemporal, que tanto se refere à variedade histórica e temporal das cidades como à multifuncionalidade das zonas urbanas.²⁹

A segunda categoria assenta na crescente separação das duas esferas (secular e religiosa) que levou a uma libertação dos indivíduos perante as estruturas sociais. Esta categoria «traduz uma diminuição do poder regulador da instituição e sinaliza também a possibilidade de manutenção de graus diversos de vinculação»³⁰. Por fim, na terceira

²³ Freitas, *Colégio de Paróquias: A paróquia em tempos de mobilidade*, 72-73.

²⁴ Cf. Steffen Dix, «A visibilidade e a invisibilidade das pessoas “sem religião” na sociedade portuguesa», *Didaskalia* 43, nº 1-2 (2013): 57.

²⁵ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 56.

²⁶ Cf. Dix, «A visibilidade e a invisibilidade das pessoas “sem religião” na sociedade portuguesa», 61.

²⁷ Cf. Dix, «A visibilidade e a invisibilidade das pessoas “sem religião” na sociedade portuguesa», 62.

²⁸ Helena Vilaça, Maria João Oliveira, *A Religião no Espaço Público Português* (Lisboa: Imprensa Nacional, 2019), 74.

²⁹ Cf. Teixeira, *Religião na Sociedade Portuguesa*, 37-38.

³⁰ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 56.

categoria, ele toca a mudança dos regimes de sociabilização: da mudança de uma sociabilidade comunitária para uma societária.

Nesta sociedade é importante olhar para a juventude, uma vez que esta é o objeto de estudo do nosso trabalho. Num estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos, com o tema «Os jovens em Portugal hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem», de 2021, refere que o conceito de juventude tem vindo a ser posto em debate. Referindo um estudo de Machado Pais, Laura Sagnier e Alex Morell referem que a sociologia usa dois enfoques essenciais nesta questão: o “geracionista”, que olha para a juventude como um grupo que está na mesma fase de vida e o “classista” que olha para a juventude como um conjunto variado igualando a reprodução social à de género.³¹

O conceito de juventude só ganha peso sociológico na modernidade, sendo definido como o «momento em que entre a infância e a idade adulta se começa a prolongar o tempo de passagem entre a conclusão da escolaridade e a entrada no mercado de trabalho»³². Em Portugal, os estudos sobre a questão da juventude aparecem na década de 80. Em 1999, o OPJ realizou um primeiro trabalho o qual foi importante para a Sociologia, uma vez que sintetizou o que havia, estatisticamente, sobre os jovens e que viria a ser disponibilizado na Internet por este mesmo trabalho.³³

Podemos considerar que «há uma espécie de inversão na relação entre as gerações: muitas vezes hoje são os adultos a considerar os jovens como uma referência para o próprio estilo de vida, dentro de uma cultura global dominada por uma ênfase individualista no próprio eu» (ILJ 14).

É também possível afirmar que nos encontramos num processo de diferenciação interna levando a uma pluralização na relação entre o crer e o pertencer³⁴. Alfredo Teixeira alerta que, devido ao aprofundamento dos processos de individualização,

«o ganho de autonomia face às instituições, a construção reflexa de uma identidade que não se esgota nos papéis sociais nem se condensa nas formas de vínculo, cria-se a possibilidade de um intervalo entre o universo do crer e do pertencer que nem sempre é legível nas formas de categorização das identidades religiosas. Neste sentido, tornou-se

³¹ Cf. Machado Pais, «A construção sociológica da juventude: Alguns contributos», *Análise social* 25, n.º 105-106 (1990): 140, citado em Laura Sagnier e Alex Morell. Coord., *Os jovens em Portugal hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021), 11.

³² Laura Sagnier e Alex Morell. coord., *Os jovens em Portugal hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021), 12.

³³ Cf. Sagnier e Morell, *Os jovens em Portugal hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*, 13.

³⁴ Cf. Teixeira, *Religião na Sociedade Portuguesa*, 48.

necessário que as categorias de posição religiosa dessem espaço à possibilidade de um amplo intervalo entre a crença e a pertença».³⁵

Esta diversificação nas formas da identidade religiosa passou por um processo ao qual Alfredo Teixeira nomeia de “descatolicização societal”, ou seja, «os imaginários e os modos de vida deixaram de ter o mesmo tipo de articulação com a referência identitária católica»³⁶. Além disso, afirma num estudo da Fundação Manuel dos Santos “Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa” que «esta diversificação no campo das identidades religiosas é geradora de comunidades distintas, territórios específicos e paisagens múltiplas»³⁷, o que nos leva a crer ainda mais nesta cisão da relação entre a crença religiosa e a pertença a uma comunidade.

Num estudo feito por Eduardo Duque, sobre “Os Jovens e a Religião na Sociedade atual”, de 2007, ele afirma que a fase juvenil:

«é a fase da vida carregada de curiosidade, de energia, da certeza de um futuro que se prolonga e se adentra por outras fases; é a fase típica da demanda da independência. Na juventude, é importante dar opiniões, mas é sobretudo relevante experimentar: experimentar sensações, situações, relações e emoções. Nesta fase, já não se experimenta com aquela pureza e desprendimento da infância, mas com outras responsabilidades, deveres e até com certa preocupação perante o futuro»³⁸.

Inclusive, podemos trazer à memória o discurso do Papa Francisco, na cerimónia de acolhimento das Jornadas Mundiais da Juventude de 2023, em Lisboa, quando ele afirmava que «perguntar é bom; aliás, muitas vezes, é melhor que dar respostas, porque quem pergunta permanece “inquieto” (...). Cada um de nós traz dentro os próprios interrogativos»³⁹.

A família, para os jovens, está no centro das suas vidas, sendo ela a «transmissora de valores, hábitos, costumes e comportamentos que passam de geração em geração»⁴⁰. Na maioria dos casos, os filhos olham para os pais como um exemplo a seguir, aprendendo deles os seus valores e, caso mude alguma coisa nos pais é provável que nos filhos aconteça o mesmo. Contudo, há casos em que os pais professam a fé católica e os filhos professam outra.⁴¹ Apesar disto, a XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos,

³⁵ Teixeira, «A eclesiosfera católica: pertença diferenciada», 119.

³⁶ Teixeira, *Religião na Sociedade Portuguesa*, 53.

³⁷ Alfredo Teixeira, coord., *Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa* (Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019), 38.

³⁸ Eduardo Duque, *Os Jovens e a Religião na sociedade atual: Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga* (Braga: Instituto Português da Juventude, 2007), 138.

³⁹ Francisco, «Cerimónia de Acolhimento», 03-08-2023, em Francisco, *Papa Francisco - JMJ Lisboa 2023 - Discursos e Homilias* (Prior Velho: Paulus, 2023), 45.

⁴⁰ Duque, *Os Jovens e a Religião na sociedade atual*, 139.

⁴¹ Cf. Duque, *Os Jovens e a Religião na sociedade atual*, 138-139.

no *Instrumentum Laboris*, atesta que mesmo que haja jovens que não sigam as tradições familiares, há outros que sim, fazendo com que o matrimónio e o constituir família sejam relevantes para muitos jovens (cf. ILJ 13).

No estudo de Eduardo Duque, no Distrito de Braga, apercebemo-nos que há algumas semelhanças com o estudo feito pela Fundação Francisco Manuel dos Santos, em 2019, sobre “Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa», quando falamos sobre razões para não praticar a religião. Eduardo Duque refere que uma das razões apresentadas, no seu estudo, para não praticarem alguma religião é o comportamento dos membros da Igreja, tal como vem referido no estudo da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Este estudo atesta que «os portugueses são os europeus que revelam uma atitude mais positiva em relação à religião»⁴², devido à Igreja em Portugal não ter sido afetada pelo escândalo da pedofilia. Neste momento, esta informação já não é a mais correta.

O mais recente estudo, da CEPCEP, sob coordenação de Patrícia Dias e com o tema de “Jovens, Fé e Futuro”, apresenta uma amostra de 2480 jovens, apesar de conter apenas 1794 respostas. O estudo apresenta que «um pouco mais de metade (56%) da amostra afirma ter religião, embora apenas cerca de um terço da amostra (34%) se considere praticante»⁴³. Também neste estudo, como as razões que os jovens apresentam para não praticarem a religião, para além da falta de tempo e compromisso, está o desacordo com certas diretrizes da prática religiosa.⁴⁴

1.2.2. Horizonte Eclesial da Comunidade

No discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios, a 21 de dezembro de 2019, o Papa afirma que

«estamos a viver, não simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Encontramo-nos, portanto, num daqueles momentos em que as mudanças já não são lineares, mas epocais; constituem opções que transformam rapidamente o modo de viver, de se relacionar, de comunicar e elaborar o pensamento, de comunicar entre as gerações humanas e de compreender e viver a fé e a ciência»⁴⁵.

É certo que a “mudança de época” de que fala o Papa está a acontecer e é visível nas nossas comunidades. Desde já, a perda do sentido de pertença e a quebra da

⁴² Teixeira, *Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa*, 12.

⁴³ Patrícia Dias, coord., *Jovens, Fé e Futuro* (Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2023), 13.

⁴⁴ Cf. Dias, *Jovens, Fé e Futuro*, 15-16.

⁴⁵ Francisco, «Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios», 21-12-2019.

transmissão geracional da fé é aquilo que mais ressalta à vista. Os jovens já não vão à sua comunidade de livre vontade, mas vão por causa de alguma coisa que irão fazer. Os pais já não têm o sentido da chamada “catequese familiar”, fazendo com que os seus filhos já não aprendam a rezar com eles. Além disso, «não se apercebem, por fim, da íntima necessidade de celebrar o dia do Senhor como momento para recolher e relançar a grande aventura que é a vida de cada um de nós»⁴⁶.

Vivemos um tempo em que a comunidade está em crise, uma época onde deixamos o sentido de compromisso de parte e vivemos alienados no nosso individualismo. O Papa Francisco recorda-nos que é esta crise do compromisso comunitário que deve ser olhada para entender a realidade atual (cf. EG 65).

A vida em comunidade é essencial para todos: «precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente» (FT 8). Aqui percebemos que a fraternidade é cada vez mais basilar nesta “mudança de época”, uma vez que, na lógica cristã, somos todos irmãos (cf. Mt 23,8). Esta lógica fraterna e comunitária está muito patente no Escutismo através do 4º art.º da Lei do Escuta que afirma que «o escuta é amigo de todos e irmão de todos os outros escutas»⁴⁷.

O Escutismo tem sempre ligação a uma comunidade cristã e, em larga maioria, à paróquia. Segundo o CIC, no cân. 515 §1, a paróquia é «uma determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano». A paróquia é também o lugar onde o cristianismo se torna visível, como peça fundamental na criação da nossa identidade cristã⁴⁸, «é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração (...). É comunidade de comunidades.» (EG 28) e «é a fonte mais próxima capaz de dar resposta ao desejo de fraternidade. É o lugar concreto do serviço da comunhão, procurando a concórdia entre as pessoas e os grupos, para os introduzir, se possível, na comunhão com Deus»⁴⁹.

Fazendo um pequeno percurso pelo Magistério encontramos definições de “paróquia” muito distintas e, ao mesmo tempo, muito semelhantes: João XXIII olhava a

⁴⁶ Armando Matteo, *A primeira geração incrédula: A difícil relação em os jovens e a fé* (Prior Velho: Paulinas, 2013), 36.

⁴⁷ Art. 4.º §1, *Regulamento Geral* (2020).

⁴⁸ Cf. CNBB, *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia: A conversão pastoral da paróquia* (Aparecida: CNBB, 2014), 23.

⁴⁹ José da Silva Lima, *Teologia Prática Fundamental: Fazei Vós Também* (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009), 332.

paróquia como o «fontanário da aldeia» (CL 27) onde todos vão beber quando têm sede à semelhança do convite que Cristo fez à Samaritana (cf. Jo 4,13); João Paulo II afirmava que a paróquia é a Igreja que está «colocada no meio da casa dos homens» (CL 27), «uma comunidade de batizados que exprime e afirma a sua identidade» (EE 32), que deve ter consciência da sua vocação no mundo; Francisco afirma que a paróquia «deve ser comunidade próxima, sem burocracia, centrada nas pessoas e nas quais se pode encontrar o dom dos sacramentos»⁵⁰.

A CNBB fala da conversão pastoral das paróquias afirmando que «apesar de se constatar muita religiosidade, especialmente por via midiática, evidencia-se uma adesão parcial à fé cristã. Está em crise o sentido de pertença à comunidade e o engajamento na paróquia»⁵¹. Todavia, «os jovens têm uma pertença: pertença a uma família, a uma pátria, a uma cultura, a uma fé» (ILJ 5). Não nos podemos esquecer que a família é «a primeira comunidade de fé onde (...) o jovem experimenta o amor de Deus e começa a discernir a sua vocação» (DFJ 72).

A paróquia, como figura multissecular da Igreja, sofre hoje uma crise de identidade⁵², que nos leva a levantar a problemática do seu futuro, mas não nos podemos esquecer que a «base da identidade cristã (...) é também a chave hermenêutica para compreender a História, incluindo os hodiernos sinais dos tempos»⁵³. Tiago Freitas, afirma que Scarvaglieri «define a crise da paróquia como uma “situação na qual uma determinada instituição demonstra carência de plausibilidade conceptual, da qual decorre uma parca funcionalidade da sua estrutura e dinâmica, com dificuldades efetivas de funcionamento»⁵⁴.

A transmissão, a pedagogia e a gramática andam ligadas neste tempo em que se nota uma crise no seio da transmissão da fé. «A crise da comunicação está na base de uma pandemia geral que dita a desregulação dos sistemas sociais e as transmissões que lhe são inerentes»⁵⁵, uma vez que o homem é um ser de comunicação. Esta transmissão da fé que está em crise é uma mudança cultural que fragmenta, como afirma a socióloga Danièle Hervieu-Léger⁵⁶.

⁵⁰ Francisco, «Vídeo do Santo Padre com a intenção de oração para o mês de fevereiro difundido através da Rede Mundial de Oração pelo Papa», 30-01-2023.

⁵¹ CNBB, *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia*, 9.

⁵² Cf. Freitas, *Colégio de Paróquias: A paróquia em tempos de mobilidade*, 35.

⁵³ Tomás Halík, *No limiar de uma Nova Reforma do Cristianismo* (Prior Velho: Paulinas, 2023), 13.

⁵⁴ Freitas, *Colégio de Paróquias: A paróquia em tempos de mobilidade*, 108.

⁵⁵ Tiago Miguel Fialho Neto, *Hora de Mudança na Transmissão da Fé: A urgência da pastoral de gestação* (Prior Velho: Paulinas, 2016), 19.

⁵⁶ Cf. Neto, *Hora de Mudança na Transmissão da Fé: A urgência da pastoral de gestação*, 24.

A mensagem que é transmitida não pode ser somente “informativa”, mas tem de ser “performativa”, dado que «o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida» (SS 2).

«O tempo que vivemos contém duas tentações: a nostalgia do passado e a pretensão de dominar o presente. (...) O apelo neste tempo de transição cultural é manter a confiança no Espírito que não deixa perder o leme da história e cultivar a esperança nos homens e mulheres de hoje, que não estão menos preparados para acolher o Evangelho do que as gerações passadas. É um convite a não pretender dominar as mudanças, mas servir a vida que o Senhor continua a suscitar. Nem uma pastoral desiludida, nem uma pastoral voluntarista, mas o empenho para oferecer o Evangelho a todos no estilo evangélico da confiança e da esperança»⁵⁷.

É importante perceber que é impossível falar de transmissão sem se falar na crise da mesma que, apesar de estar em crise, é de ressaltar que esta faz parte integrante do dinamismo da salvação e da identidade da Igreja. As identidades religiosas, neste tempo de crise, já não podem ser consideradas como identidades que foram herdadas⁵⁸. As formas tradicionais de transmissão já não podem ser tidas como certas. É certo também que, apesar de haver este problema na tradicionalidade da transmissão, a Igreja traçou novos rumos para conseguir chegar aos mais jovens.⁵⁹

Nesta crise de transmissão da fé levantam-se problemas que fazem com que seja mais complicado e mais difícil o acesso às camadas mais juvenis das nossas comunidades. O teólogo Armando Matteo fala mesmo de uma “sociedade sem adultos”, uma sociedade em que a juventude é cultivada eternamente, perdendo-se, assim, o sentido de ser adulto, em que «nascer e tornar-se cristão são *duas* coisas diferentes»⁶⁰. Ele afirma que «o adulto, portanto, é aquele que melhor personifica o que a palavra responsabilidade evoca em todos os tempos e lugares da terra»⁶¹.

Neste sentido de renovação pastoral, é necessário passar de uma pastoral de conversão para uma pastoral lida em chave missionária, o que implica que os modos que se usam e as estruturas também sejam renovadas.⁶² Este sentido de renovação já vem desde o Concílio Vaticano II, quando este afirmava que «a Igreja contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente penitência e renovação» (LG 8).

⁵⁷ Enzo Biemmi, *Il Secondo Annuncio: La grazia di ricominciare* (Bologna: EDB, 2011), 22-23.

⁵⁸ Cf. Neto, *Hora de Mudança na Transmissão da Fé: A urgência da pastoral de gestação*, 27.

⁵⁹ Cf. Matteo, *A primeira geração incrédula: A difícil relação em os jovens e a fé*, 29.

⁶⁰ Matteo, *A primeira geração incrédula: A difícil relação em os jovens e a fé*, 35.

⁶¹ Armando Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa: A transmissão da fé numa sociedade sem adultos* (Prior Velho: Paulinas, 2023), 60.

⁶² Cf. CNBB, *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia*, 13.

Segundo a *Evangelii Gaudium*, a rutura na transmissão geracional da fé no seio das comunidade é devido a:

«falta de espaços de diálogo familiar, a influência dos meios de comunicação, o subjetivismo relativista, o consumismo desenfreado que o mercado incentiva, a falta de cuidado pastoral pelos mais pobres, a inexistência dum acolhimento cordial nas nossas instituições, e a dificuldade que sentimos em recriar a adesão mística da fé num cenário religioso pluralista» (EG 70).

Estas causas, apresentadas pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, são algumas das muitas que estão a acontecer na nossa sociedade. Contudo, desde o Concílio Vaticano II que a vocação e missão dos leigos tem vindo a ser desenvolvida. Os leigos são chamados a santificar o mundo a partir de dentro, sendo como o fermento (cf. LG 31). Além do mais, «a secularidade é própria e peculiar ao leigo e que a sua vocação consiste em procurar o Reino tratando das coisas temporais, contribuindo, assim, para a santificação do mundo a partir de dentro»⁶³.

Por outro lado, «muitas vezes os jovens têm dificuldade de encontrar um espaço na Igreja no qual possam participar ativamente e ter responsabilidades. (...) É igualmente claro que, onde os jovens estão presentes e são valorizados, o estilo da Igreja e o seu dinamismo adquirem uma forte vitalidade capaz de atrair a atenção» (ILJ 33).

O *Instrumentum Laboris* da XV Assembleia Ordinária do Sínodo dos Bispos afirma que os jovens são fundamentais na ação pastoral, porque são parte integrante da Igreja (cf. ILJ 31). Contudo, podemos perguntar se as Conferências Episcopais estão a conseguir este dinamismo envolvente dos jovens. Se olharmos as Jornadas Mundiais da Juventude de 2023, em Lisboa, percebemos que muitos são aqueles que se sentem protagonistas e queridos nesta Igreja, pois fomos chamados pelo nosso nome, «nenhum de nós é cristão por acaso, todos fomos chamados pelo nosso nome»⁶⁴.

Nota-se que os jovens pedem para serem cada vez mais envolvidos na ação pastoral, para serem sujeitos ativos da mesma (cf. ILJ 199). Contudo, estamos numa sociedade em que «a comunidade dos crentes é chamada a transformar-se, a fazer-se solidária com os jovens casais com cada vez mais dificuldades em serem iniciados ao humano e ao Evangelho»⁶⁵. Além disso, os jovens estão cada vez mais a começar uma vida sem o Deus que nos é revelado no Evangelho e sem a experiência de Igreja que ele nos oferece.⁶⁶

⁶³ Marcos Faria, «A vocação e missão dos leigos», em *Igreja Portucalense* (Porto: Voz Portucalense, 2020), 185.

⁶⁴ Francisco, «Cerimónia de Acolhimento», 42.

⁶⁵ Matteo, *A primeira geração incrédula: A difícil relação em os jovens e a fé*, 62.

⁶⁶ Cf. Matteo, *Trazer os jovens de volta à Missa: A transmissão da fé numa sociedade sem adultos*, 60.

O sentido de pertença à comunidade e à sua ação pastoral já tem vindo a ser estudado muito antes do Sínodo sobre os Jovens. Os jovens pedem incessantemente uma renovação na Igreja e aberta à juventude. Além disso querem

«uma Igreja que se comprometa mais no serviço dos homens, sobretudo dos mais necessitados e que, ao mesmo tempo, empregue formas e linguagem de expressão da fé que os jovens possam entender.

Uma Igreja que olhe mais para o futuro do que para o passado.

Uma Igreja com capacidade de festa e celebrações com diálogo crítico e correção fraterna a todos. Que todos se corrijam a todos»⁶⁷.

Nesta atitude de fazer com que os jovens não se afastem da Igreja e sejam membros ativos nas suas comunidades eclesiais é preciso encontrar mecanismos para que tal aconteça. O Sínodo dos Jovens apresenta a experiência de grupo como recurso importante para a partilha e discussão da fé (cf. DFJ 36), uma experiência que vai sendo visível em alguns movimentos eclesiais, como é o caso do Escutismo. Os jovens são chamados a terem uma permanente atitude de serviço numa Igreja em saída, com uma alegria missionária que brota do Evangelho (cf. EG 21).

1.2. Estudo de Campo

1.2.1. Análise da Amostra

O inquérito desenvolvido visa perceber qual era o sentido de pertença dos escuteiros à sua Comunidade Paroquial. Inicialmente, foram contactados cinco agrupamentos da Região do Porto de pontos distintos da mesma. Contudo, no desenvolvimento do trabalho, percebemos que era necessário aproveitar a diversidade da Região do Porto e abrimos o inquérito a todos os Pioneiros, Caminheiros, Candidatos/Noviços a Dirigentes e Dirigentes. Além disso, dos agrupamentos contactados inicialmente, ocorreram duas intervenções com Lobitos e uma com Exploradores.

O nosso estudo comporta um universo de 4441 inquiridos, sendo que só obtivemos 130 respostas⁶⁸, correspondendo a apenas 2,93% da população inquirida. Contudo, apesar de dois dos inquiridos apresentarem tempos de presença no movimento que não correspondem ao máximo possível daquela secção, contamos com as respostas deles, uma vez que possivelmente serão Dirigentes. Apesar de não termos conseguido um número de

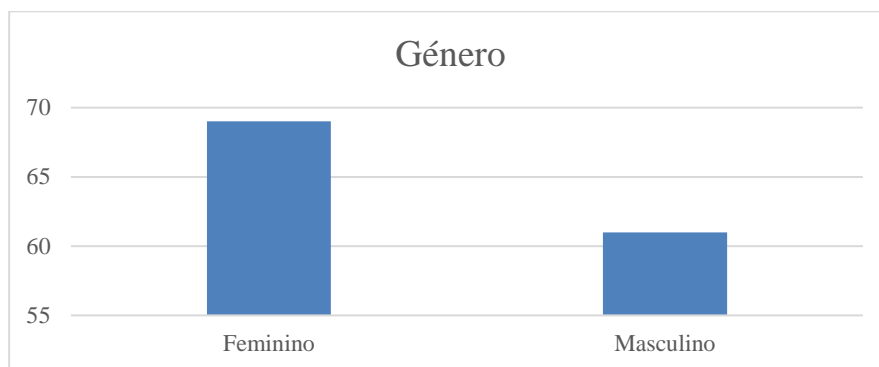
⁶⁷ Adérito Gomes Barbosa, *Os jovens portugueses e a nova evangelização* (Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993), 317.

⁶⁸ A margem de erro, com um grau de confiabilidade de 95% é de $\pm 8,5\%$. Em certas Tabelas o valor total da Tabela 1 e da Tabela 2 é de 132, uma vez que houve dois Dirigentes que referiu pertencer a 2 Agrupamentos, algo que é possível no caso dos Assistentes de Agrupamento.

respostas mais favorável, o número obtido é suficiente para termos uma pequena noção do envolvimento e do sentido de pertença destes 130 escuteiros nas suas Comunidades Paroquiais.

Das respostas obtidas, 53% são do género feminino e 47% do género masculino (cf. Gráfico 1).

Gráfico 1



Conseguimos obter uma variedade de agrupamentos da Região em estudo a responder ao inquérito (cf. Tabela 1), apesar da maioria apenas registar uma resposta. Alguns registam mais do que uma, como é o caso dos agrupamentos: 0007 - Ermesinde (21 respostas); 0465 - Santo Ovídio (15 respostas); 0274 - Espinho, 0534 - Nogueira do Cravo, 0575 - São Félix da Marinha (7 respostas); 1189 - Corim (6 respostas); 0210 - Oliveira do Douro, 0321 - Vilar do Paraíso, 1162 - Canidelo (4 respostas); 0399 - Rebordões, 0521 - Senhora da Hora, 1048 - Romariz (3 respostas); 0328 - Fânzeres, 0525 - São Pedro Fins, 0901 - Caldas de São Jorge, 0902 - Moreira da Maia, 1104 - Paranhos, 1404 - Canelas (2 respostas).

Tabela 1

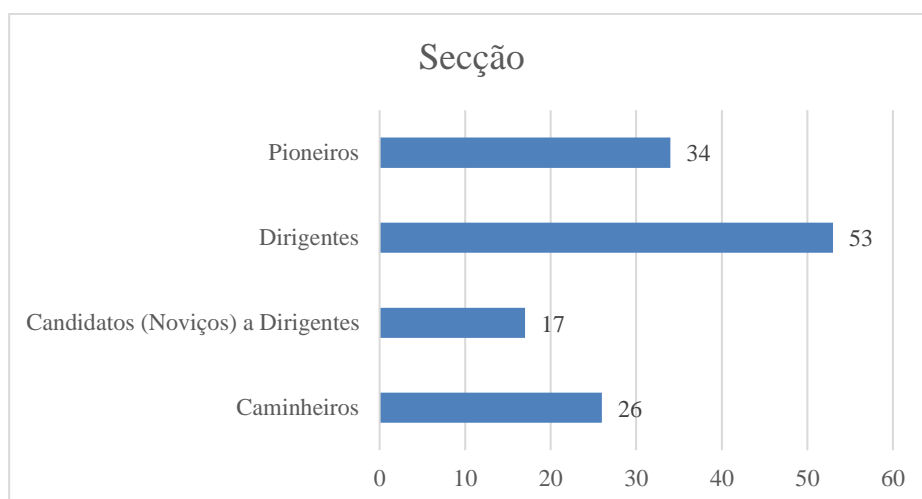
Agrupamentos	Total		
		0017 - Sé	1
		0094 - Trofa	1
0006 - Bonfim	1	0125 - Vermoim	1
0007 - Ermesinde	21	0210 - Oliveira do Douro	4
		0274 - Espinho	7
0009 - Campanhã	1		
0010 - Cedofeita	1	0277 - Pedrouços	1

0300 - Senhora do Calvário	1	0610 - Grijó	1
0313 - Cortegaça	1	0640 - Santa Maria da Feira	1
0321 - Vilar do Paraíso	4	0680 - Santão	1
0328 - Fânzeres	2	0694 - Margaride	1
0399 - Rebordões	3	0873 - Urrô	1
0400 - Burgães	1	0892 - São Pedro da Cova	1
0449 - Santíssimo Sacramento	1	0901 - Caldas de São Jorge	2
0465 - Santo Ovídio	15	0902 - Moreira da Maia	2
0479 - Alfena	1	0980 - Cepelos	1
0483 - Nevogilde	1	0986 - Vilar de Andorinho	1
0503 - Fontiscos	1	1048 - Romariz	3
0521 - Senhora da Hora	3	1069 - Macieira	1
0525 - São Pedro Fins	2	1095 - Meinedo	1
0534 - Nogueira do Cravo	7	1104 - Paranhos	2
0572 - Mindelo	1	1154 - Lustosa	1
0575 - São Félix da Marinha	7	1162 - Canidelo	4
0599 - Vizela (Santo Adrião)	1	1163 - Gulpilhares	1
0608 - Perafita	1	1189 - Corim	6
		1275 - Santa Maria de Airães	1

1281 - Campo	1	1371 - Recarei	1
1284 - Canedo	1	1404 - Canelas	2
1295 - São Miguel de Souto	1	9130 - Gueifães - Maia	1
1321 - Foz do Sousa	1	Total Geral	132

Devido ao Escutismo estar dividido em pequenos grupos (secções), os inquiridos tiveram de responder a qual pertenciam. O maior número de respostas é de Dirigentes (53 respostas), seguido dos Pioneiros (34 respostas), Caminheiros (26 respostas) e Candidatos ou Noviços a Dirigentes (17 respostas), como podemos ver no Gráfico 2.

Gráfico 2



Todos responderam que a sua Comunidade Paroquial era a mesma do seu Agrupamento, como é possível analisar na Tabela 2.

Por fim, para concluir a caracterização da amostra, procuramos saber há quanto tempo é que os inquiridos se encontravam no CNE. Após agruparmos os dados, reparamos que o tempo com mais respostas foram os 10 anos (12 respostas), seguido dos 15 anos (10 respostas), os demais podemos ver e analisar no Gráfico 3.

Gráfico 3

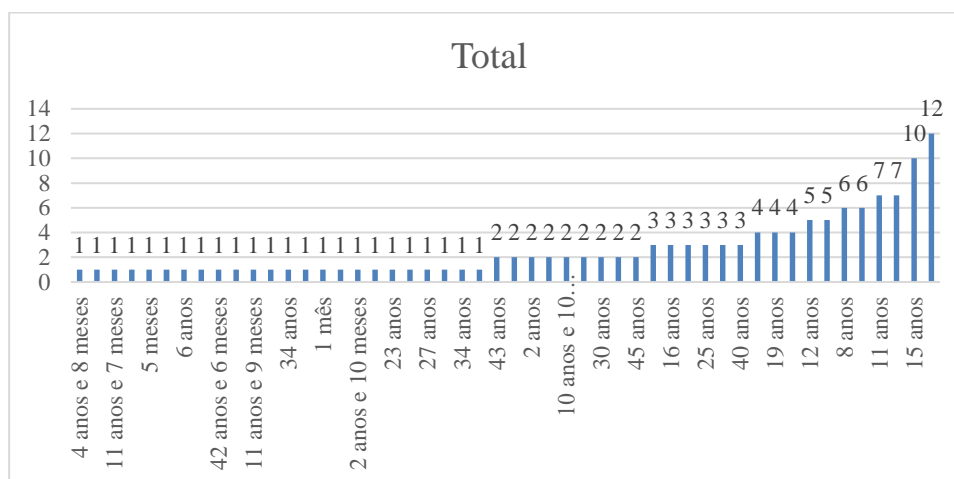


Tabela 2

Comunidade Paroquial	Totais	Família	Totais
Alfena	1	Passionista	
Bonfim	1	Santa	
Burgães	1	Maria da	
Caldas de São Jorge	2	Feira	1
Campanhã	1	Fânzeres	2
Campo	1	Foz do	
Canedo	1	Sousa	1
Canelas	2	Grijó	1
Canidelo	4	Gueifães	1
catequese	1	Gulpilhares	1
Cedofeita	1	Lustosa	1
Cepelos	1	Macieira	1
Corim	6	Margaride	1
Cortegaça	1	Meinedo	1
Ermesinde	21	Mindelo (S. João)	
Espinho	7	Evangelista	
)	1
		Moreira	2
		Nevogilde	1

Nogueira do Cravo	7	São Veríssimo de	
Oliveira do Douro	4	Paranhos	2
Pedrouços	1	Sé	1
		Senhora da Hora	3
Rebordões	3	Senhora do Porto	1
		Urrô	1
Recarei	1	Valadares	1
Romariz	3	Vilar de Andorinho	1
S. Mamede de Perafita	1	Vilar do Paraíso	3
S. Martinho de Bougado	1	Total Geral	132
Santa Maria de Airães	1		
Santa Maria de Vermoim	1		
Santão	1		
Santíssimo Sacramento	1		
Santo Adrião de Vizela	1		
Santo Ovídio	14		
São Bartolomeu de Fontiscos	1		
São Félix da Marinha	7		
São Miguel de Souto	1		
São Pedro da Cova	1		
São Pedro Fins	2		

1.2.2. Análise dos Resultados

A segunda parte do questionário contém uma série de afirmações sobre a ligação de cada um à sua Comunidade Paroquial e o papel desta na sua ligação com cada Agrupamento e questionámos sobre a concordância com elas, numa escala de 1 “discordo completamente” a 6 “concordo completamente”, dando ainda a possibilidade de escolher “não sei, não quero responder”.

Se olharmos para as duas primeiras afirmações percebemos que a Comunidade Paroquial não está, para a maioria, presente apenas quando é necessário angariar fundos ou quando há alguma atividade, já que a maioria respondeu 1 “discordo completamente” e 2 “discordo”, apesar de termos ainda quem concorde com este género de afirmações. (cf. Gráfico 4 e Gráfico 5).

Gráfico 4

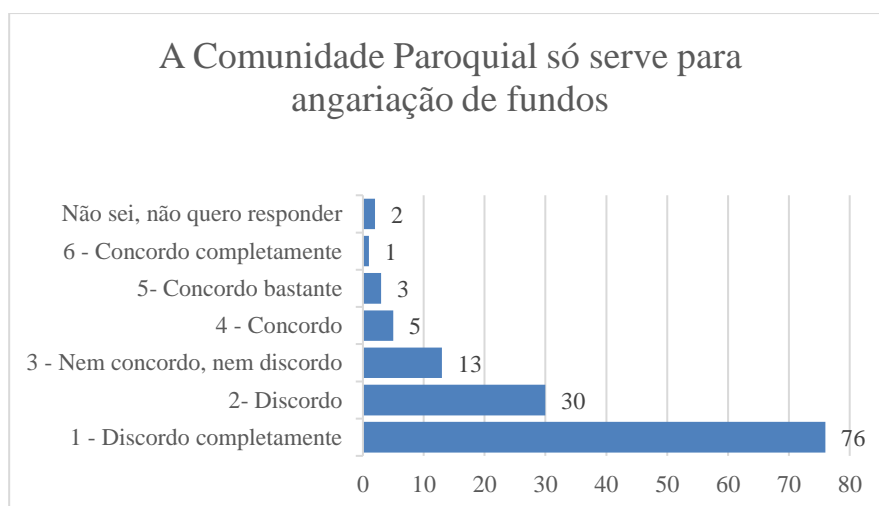
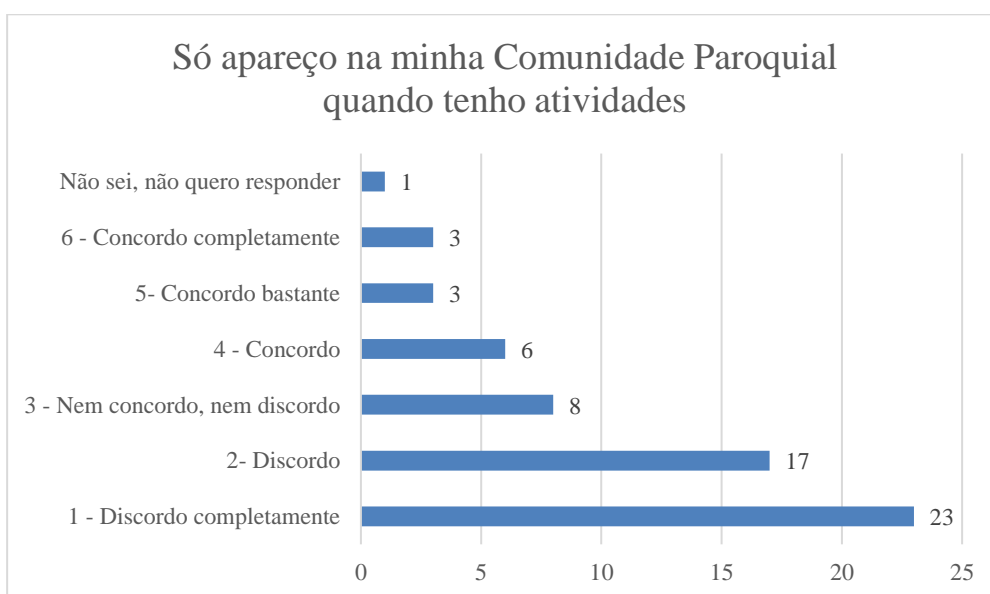


Gráfico 5



Nas afirmações “A Comunidade Paroquial está sempre presente na minha vida” e “A minha relação com os vários grupos da Comunidade Paroquial é essencial para a educação dos escuteiros” a maioria concorda. Contudo, como podemos analisar no Gráfico 6 e no Gráfico 7 temos um número considerável de respostas que discordam que esta presença dos elementos na Comunidade Paroquial seja essencial e, especialmente, desta ligação da comunidade com o Agrupamento.

Gráfico 6

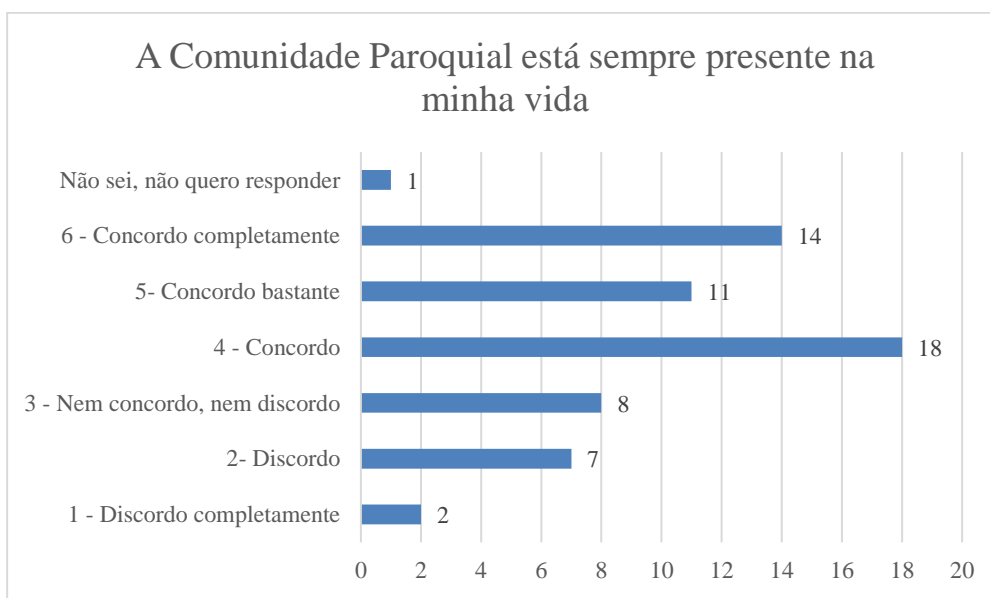
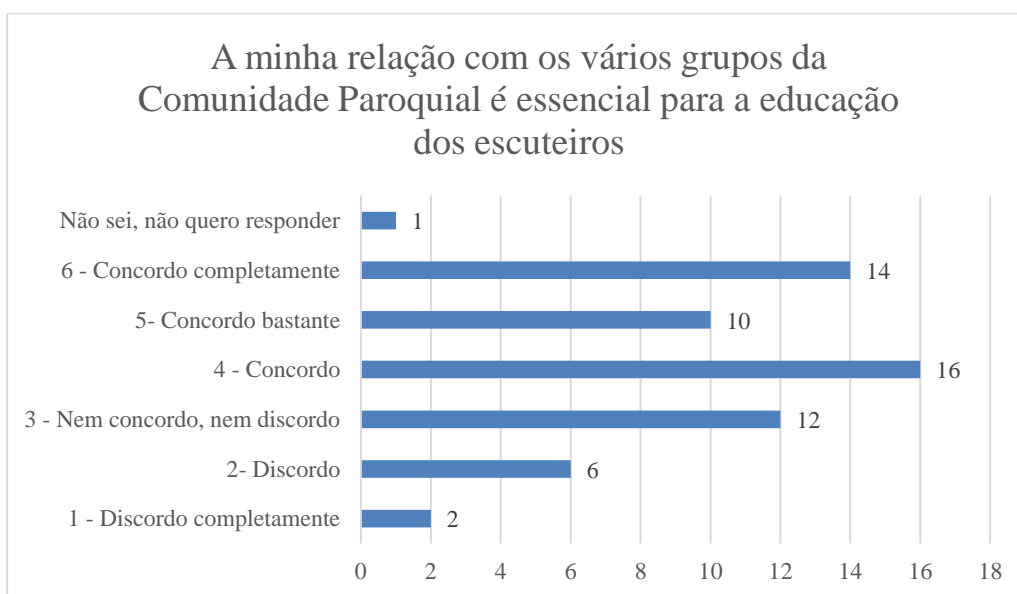


Gráfico 7



Além disso, podemos aferir que a maioria concorda que “A Comunidade Paroquial é fundamental para o amadurecimento dos escuteiros” (cf. Gráfico 8). Todavia, é importante ressaltar o razoável número de respostas que se colocam numa situação de indiferença. Do

mesmo modo, é estranho o elevado nº de “nem concordo, nem discordo” quando afirmamos “A Comunidade Paroquial interessa-me pouco” (cf. Gráfico 9), apesar de 45 escuteiros discordarem completamente.

Estes números surpreendem, tendo em conta a marca comunitária que o método e a vida escutista possuem e que devia estar mais implementada no seio dos agrupamentos. A vida em comunidade faz parte da vivência escutista e, por isso, devemos questionar-nos acerca destes números, ainda um pouco elevados, para o Escutismo que está, maioritariamente, ligado a uma Comunidade Paroquial.

Gráfico 8

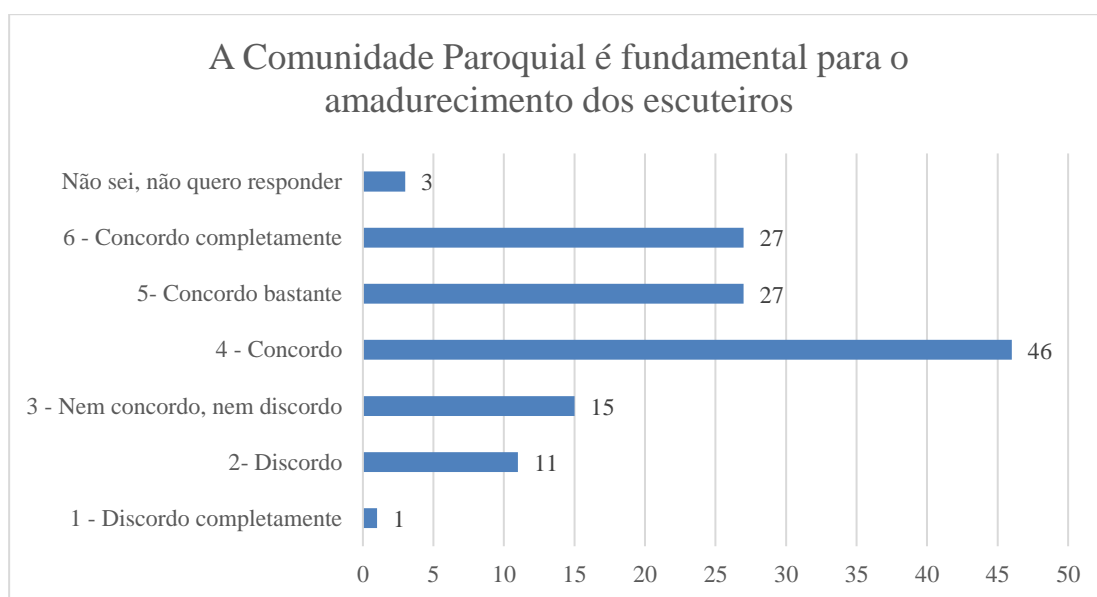
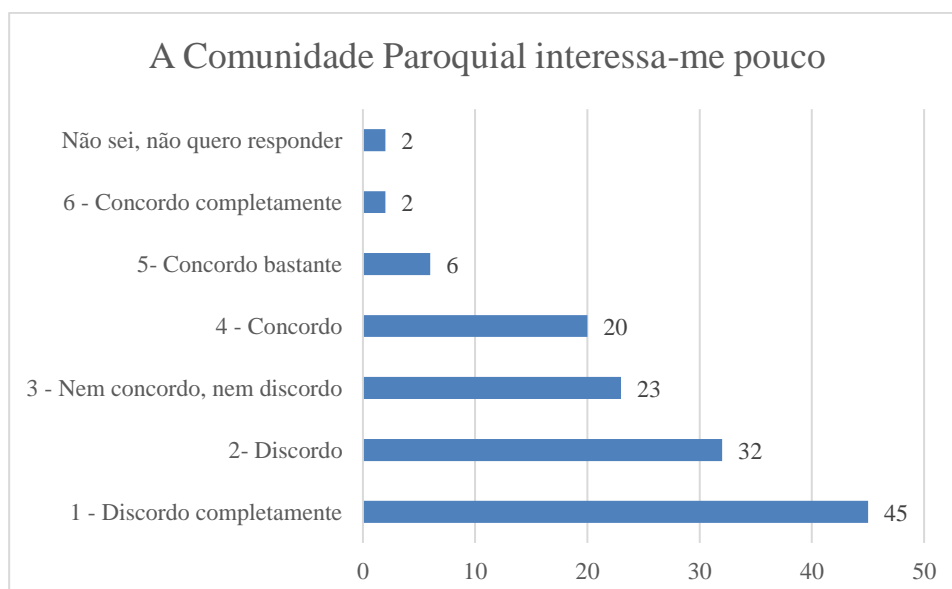


Gráfico 9



Há uma maior variedade de escolha quando o tema é a presença na Comunidade Paroquial todos os fins-de-semana ou a sua composição. A contrapor os 33 que não estão presentes todos os fins-de-semana na sua Comunidade Paroquial, respondendo 2 “discordo”, temos os 39 que concordam que sabem quem compõe a sua Comunidade Paroquial. (cf. Gráfico 10 e Gráfico 11).

Gráfico 10

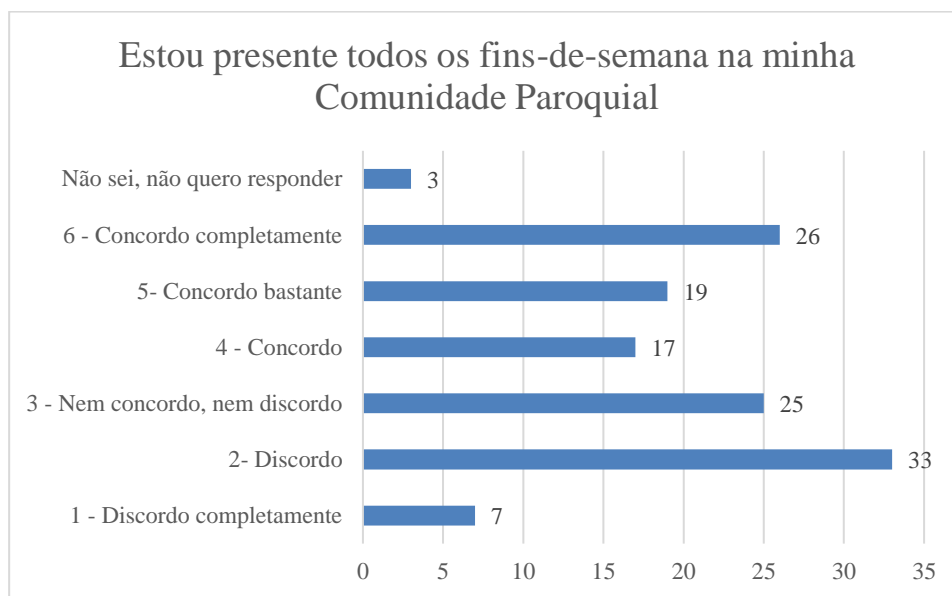
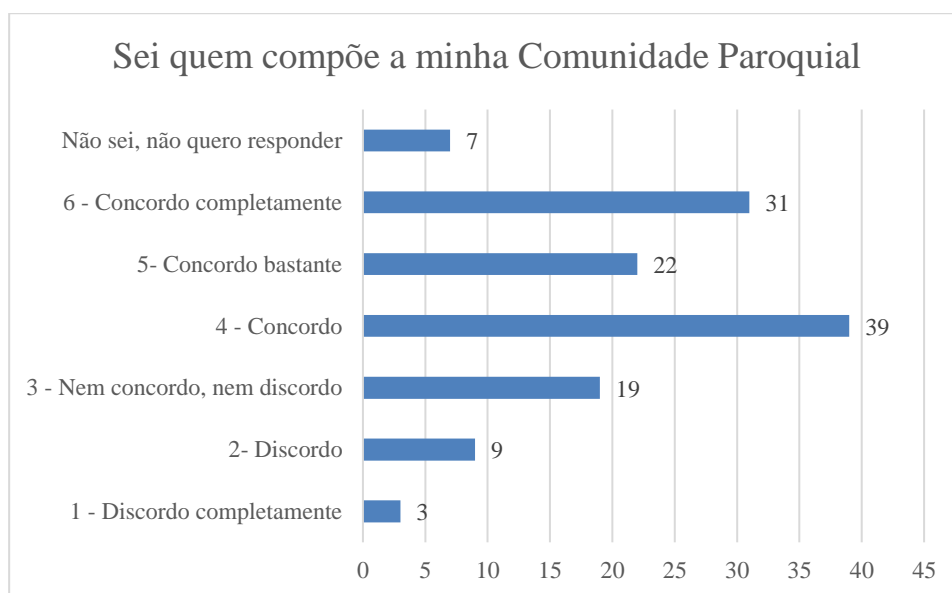


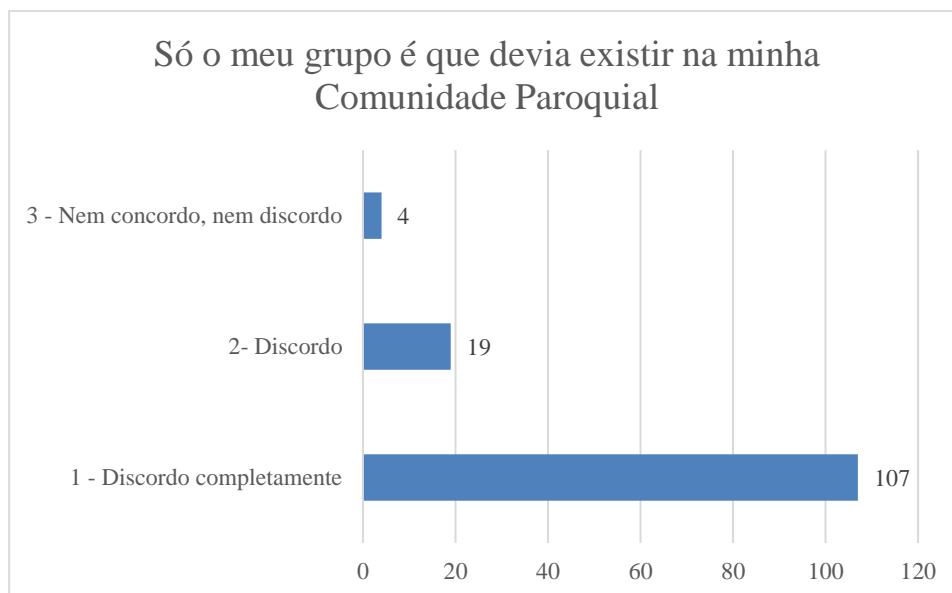
Gráfico 11



O sentido de pertença e de serviço na Comunidade Paroquial, apesar de estar cada vez mais enfraquecido nos nossos dias, foi sendo abordado desde esta parte do questionário. Não houve ninguém que respondesse afirmativamente quando afirmamos “Só o meu grupo é que

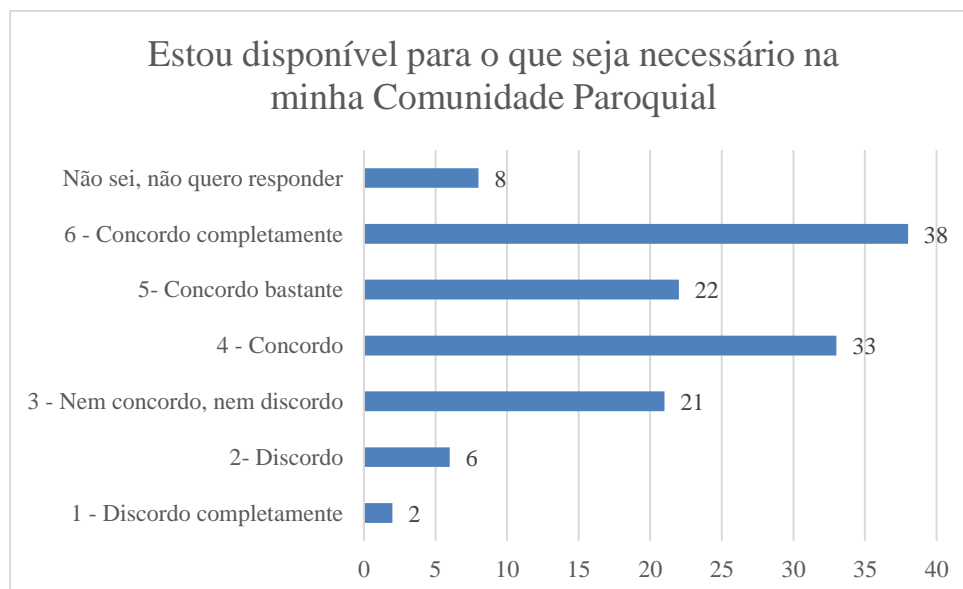
devia existir na minha Comunidade Paroquial” (cf. Gráfico 12), o que pode revelar a presença deste sentimento no seio escutista.

Gráfico 12



Além disso, quando afirmamos “Estou disponível para o que seja necessário na minha Comunidade Paroquial” obtivemos 93 respostas afirmativas neste sentido: 4 “concordo” (33 respostas), 5 “concordo bastante” (22 respostas), 6 “concordo completamente” (38 respostas), como podemos analisar no Gráfico 13.

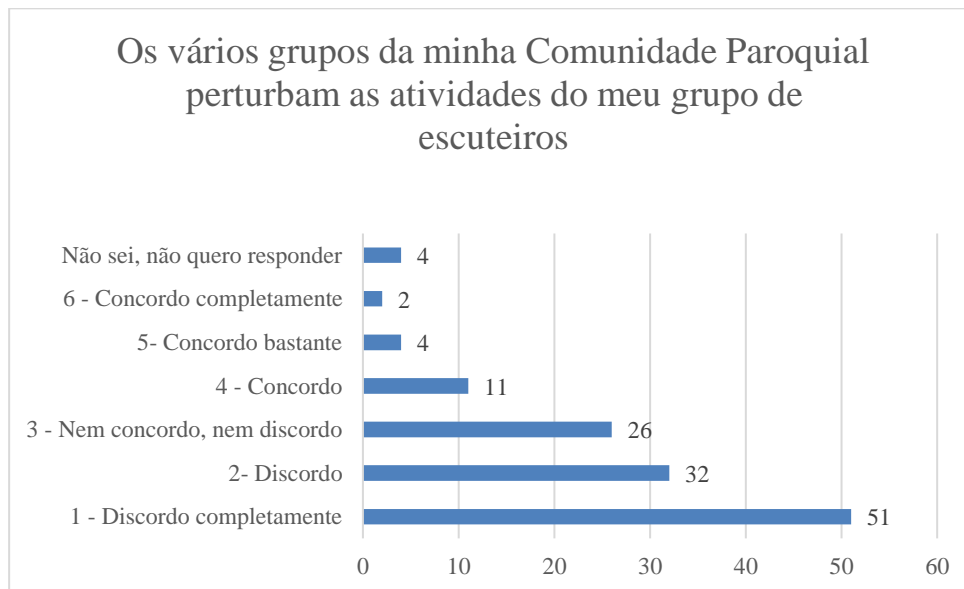
Gráfico 13



Apesar de não haver nenhuma resposta que concordasse com a afirmação referida no Gráfico 12, quando se falou na perturbação dos demais grupos da Comunidade Paroquial com o Agrupamento, houve 17 respostas que concordavam. Dado a maioria discordar

completamente (cf. Gráfico 14), os Agrupamentos deviam trabalhar em conjunto com outros grupos da Comunidade Paroquial e não se deveriam sentir “perturbados” por eles. O Escutismo deveria ser, em atitude de serviço, o primeiro a querer caminhar sinodalmente com os demais grupos da comunidade.

Gráfico 14



A ligação com o representante da Comunidade Paroquial, o Pároco, também foi tida em conta neste estudo, tanto para o bem-estar da Comunidade, como para o crescimento dos escuteiros. Em ambas as afirmações tivemos uma maioria que concorda completamente, mas também houve quem discordasse completamente (cf. Gráfico 15 e Gráfico 16).

O Pároco, na maioria dos casos, é também Assistente de Agrupamento e também é essencial para o crescimento dos elementos, fazendo parte de todas as secções, estando responsável pela evangelização e pela animação da fé no seu Agrupamento. Assim sendo, deve haver um maior envolvimento deste para que os elementos sintam a necessidade da sua presença no seio escutista.

Gráfico 15

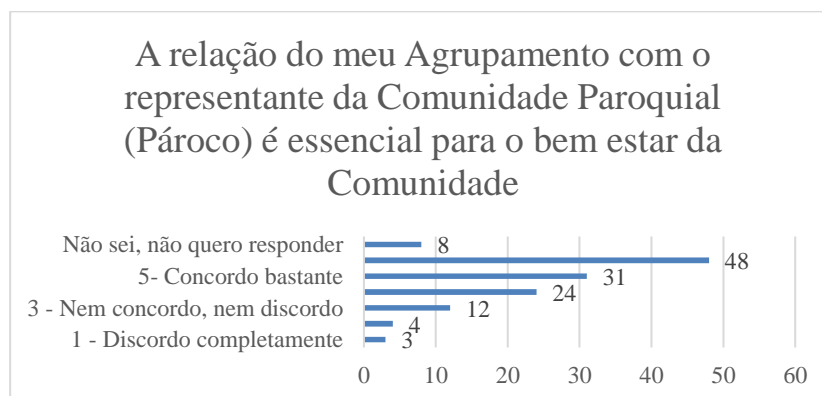
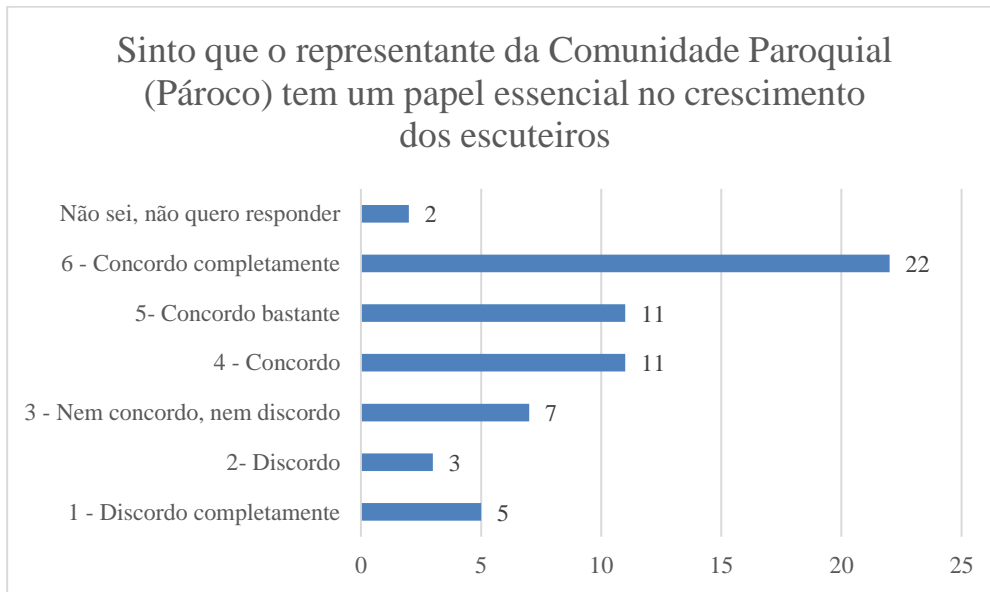


Gráfico 16



A presença da Comunidade Paroquial na vida de cada Agrupamento denota-se cada vez mais importante. Esta consciência disso é confirmada pela maioria das respostas quando afirmamos que “A Comunidade Paroquial é um grande meio para o crescimento dos escuteiros” e “Sinto que devia ser mais ativo (mais presente) na minha Comunidade Paroquial” (cf. Gráfico 17 e Gráfico 18).

Gráfico 17

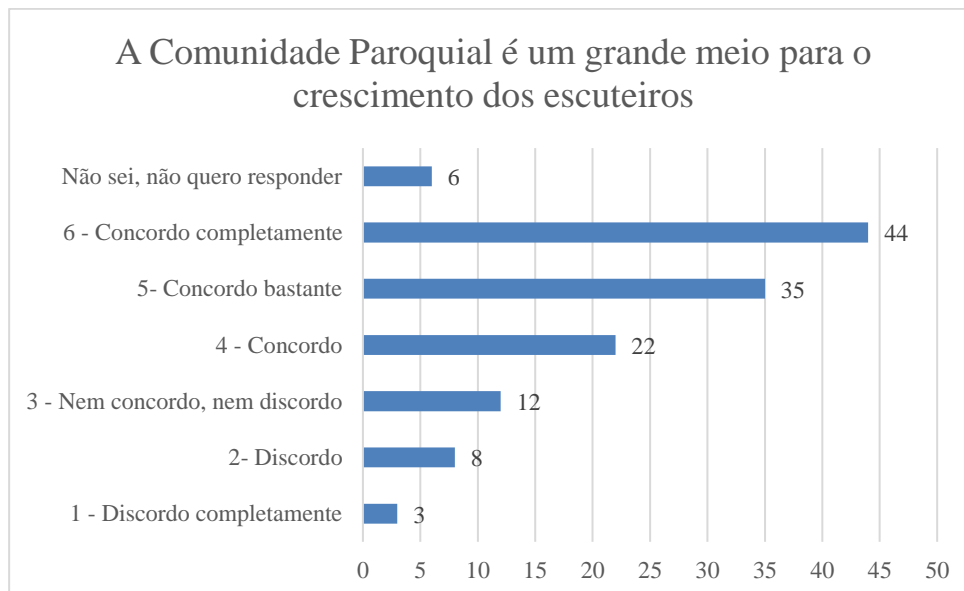
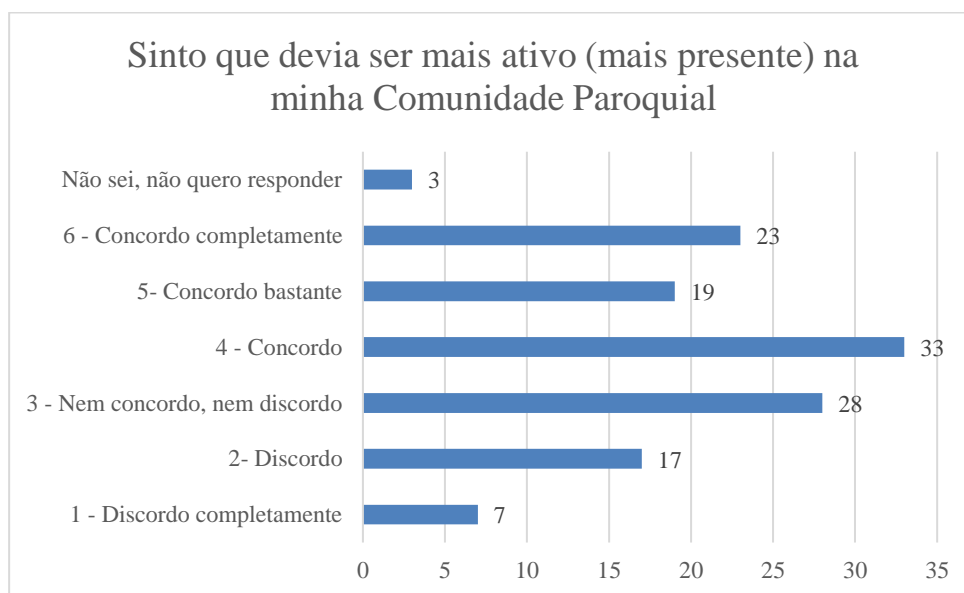


Gráfico 18



Apesar de a Comunidade Paroquial não servir apenas para angariação de fundos, é um meio para os angariar e a opinião dos inquiridos é que, além disso, a Comunidade Paroquial devia ajudar mais os escuteiros nas suas atividades (cf. Gráfico 19 e Gráfico 20). É certo que a Comunidade Paroquial deve ajudar os escuteiros, mas também é importante que estes estejam dispostos a ajudar a Comunidade Paroquial e não se coloquem à margem desta.

Gráfico 19

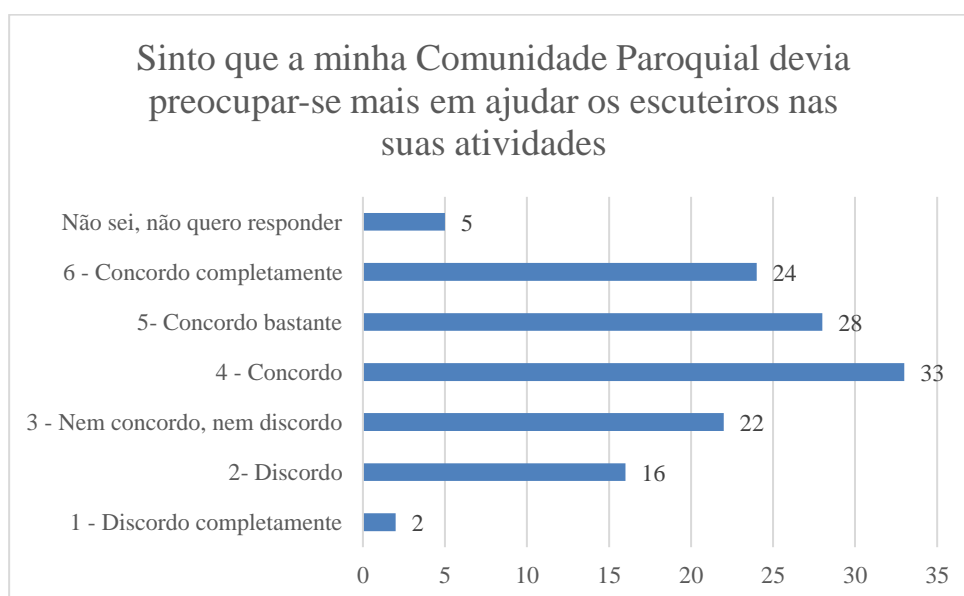
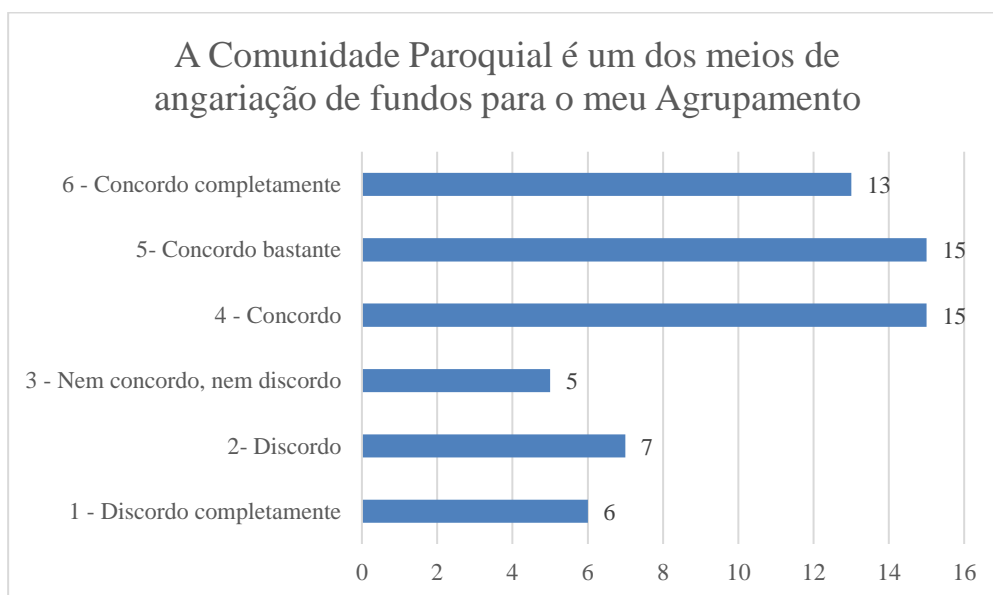


Gráfico 20



Coloca-se, ainda, a questão do sentido de pertença, do sentir-se um sinal de uma possível mudança. Estas questões permitem perceber como é que estas realidades tocam cada um dos escuteiros e a sua posição com a comunidade. Reparamos que, apesar de haver respostas que discordam das afirmações apresentadas, a maioria concorda com as mesmas (cf. Gráfico 21, Gráfico 22).

Gráfico 21

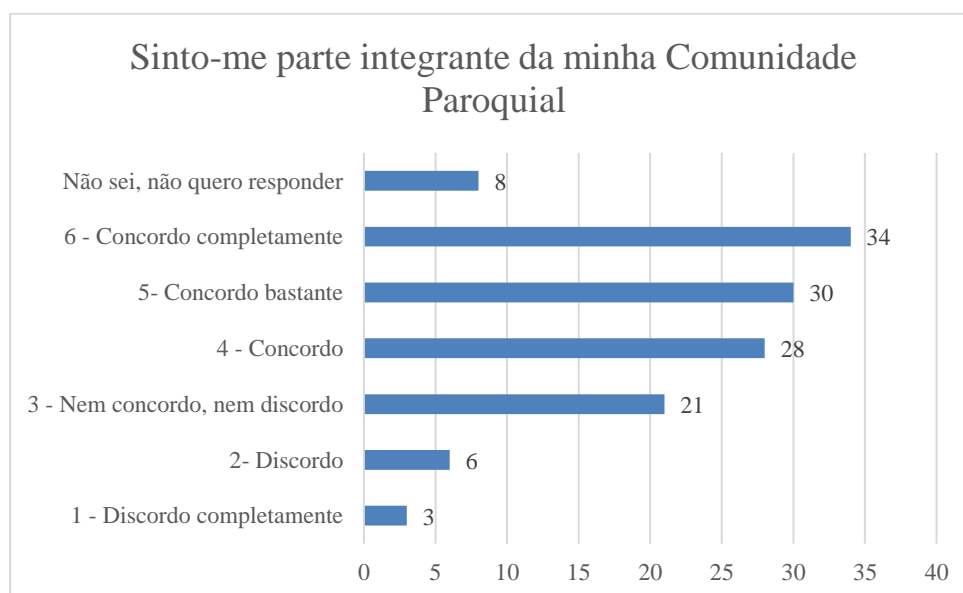
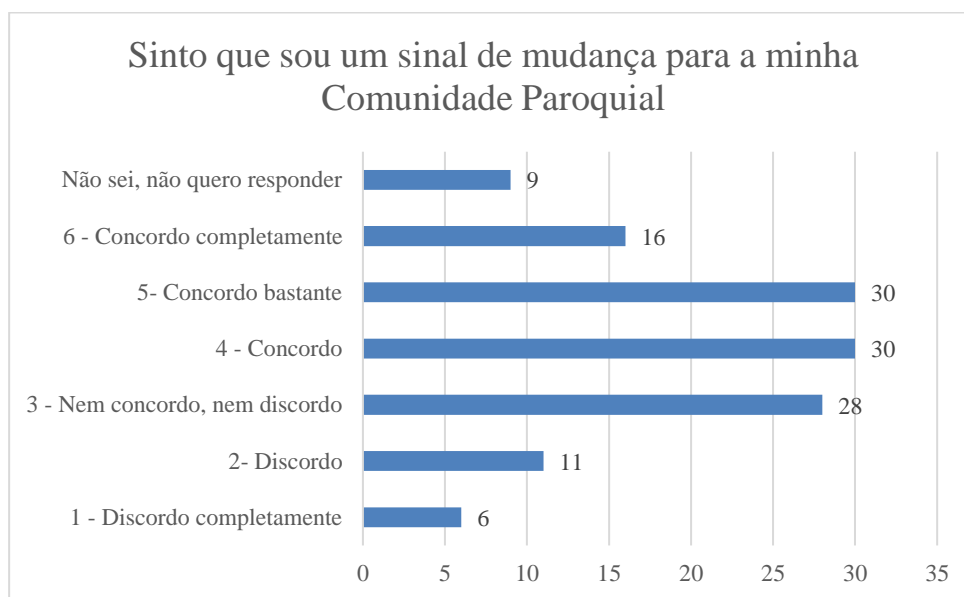
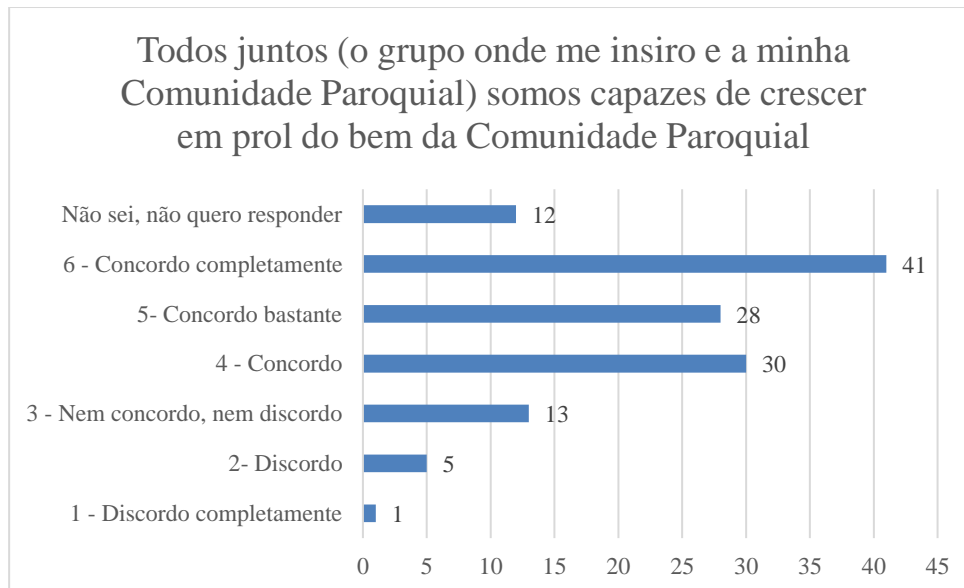


Gráfico 22



Por fim, para concluir esta secção, abordamos a sinodalidade na última questão desta parte. Tendo em conta que a maioria concorda que se deve fazer caminho conjunto para se crescer e para o bem da Comunidade Paroquial, podemos atestar que os Agrupamentos têm esta vontade de caminhar em conjunto (cf. e Gráfico 23).

Gráfico 23



Na terceira secção do inquérito, a base é a Comunidade Paroquial e o que esta significa para cada um dos inquiridos: como é que eles a sentem, como a pensam e como a perspetivam no futuro. Pensar a posição individual na Comunidade Paroquial pode ser sinal de mudança, num tempo marcado pela mudança.

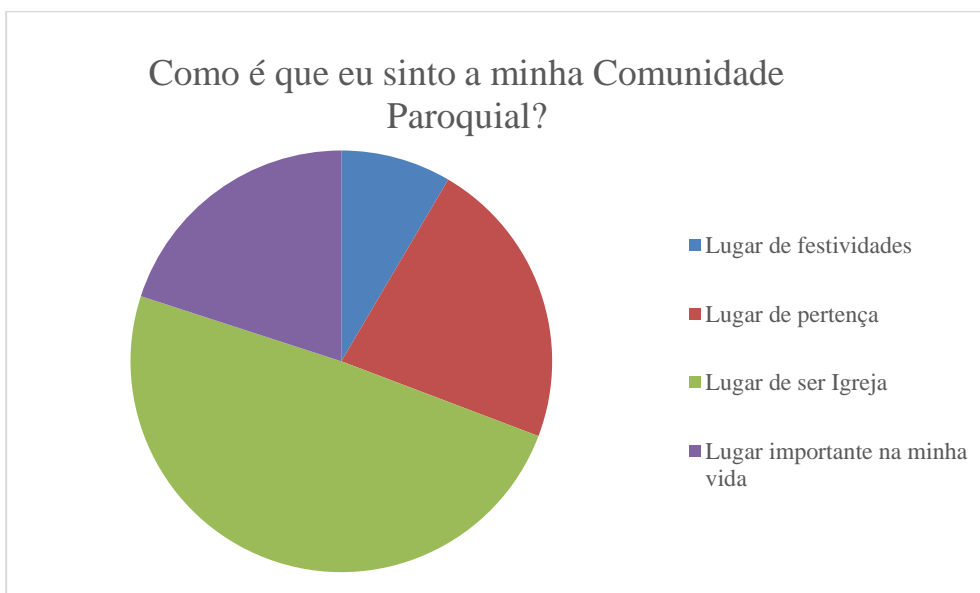
Quando perguntamos como definem a Comunidade Paroquial, 46% respondeu que era um “lugar de encontro e de convívio com os meus irmãos”; 38% respondeu “lugar de pertença” e 10% respondeu que era um “lugar onde estou sempre que posso”. Os restantes 15% deram respostas variadas como podemos ver no Gráfico 24.

Gráfico 24



Na pergunta seguinte, quisemos saber como é que cada um sentia a sua Comunidade Paroquial. 49% diz que a sente como um “lugar de ser Igreja”, 22% como um “lugar de pertença”, 20% como um “lugar importante na minha vida” e 9% como um “lugar de festividades” (cf. Gráfico 25).

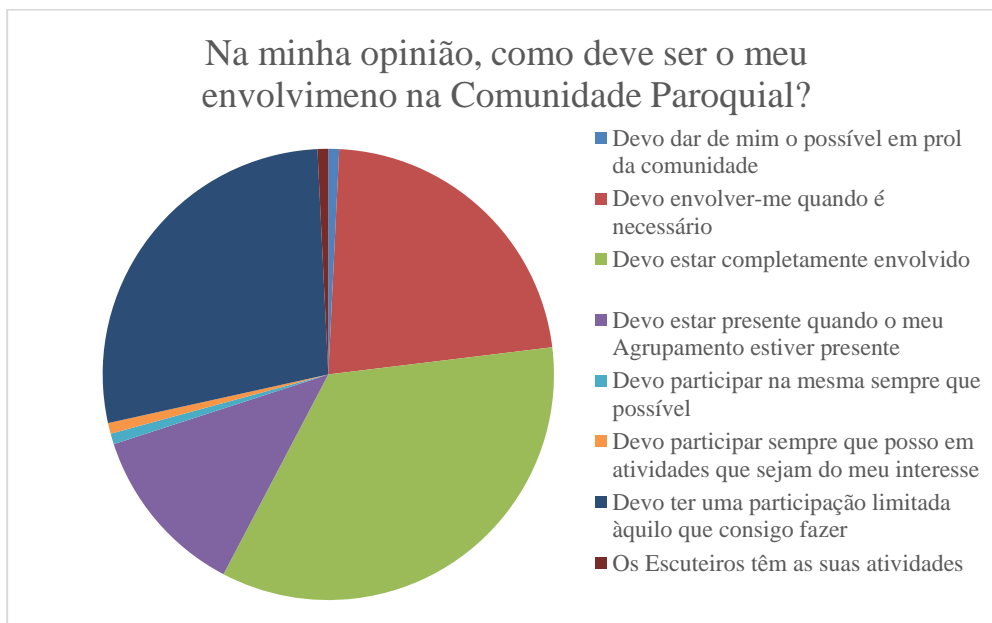
Gráfico 25



Comparando as respostas destas duas primeiras perguntas, devemos questionar a diferença de respostas na opção “lugar de pertença” e perceber como é que há quem pense que a Comunidade Paroquial é um “lugar de pertença” e não a sinta como tal, e vice-versa.

Quando abordamos o envolvimento na Comunidade Paroquial vemos que 35% acredita que deve estar completamente envolvido, 28% que a sua participação deve ser limitada às suas capacidades e 22% deve estar envolvido somente quando necessário. Apenas 12% pensa que deve estar envolvido quando o Agrupamento está envolvido. Além disso, os restantes 3% dão respostas singulares que, na generalidade, se enquadram na opinião da maioria (cf. Gráfico 26).

Gráfico 26



Após isto, ousamos saber o porquê desta envolvência na Comunidade Paroquial e entendemos que, para 35%, a razão é por ser lugar onde se cresce na fé. As razões “por ser um lugar de total pertença” e “por ser um lugar de comunhão” também tem uma percentagem razoável, 25% e 28% respetivamente. Apenas 9% afirma ser devido às atividades e os restantes 3% têm respostas variadas (cf. Gráfico 27).

Gráfico 27



Quando pedimos para perspetivarem o futuro da sua Comunidade Paroquial obtivemos respostas que não estavam nas opções, mas que, apesar de ser 0,77%, devem ser consideradas pelo seu conteúdo, como podemos analisar no Gráfico 28 e na Tabela 3. Contudo, 58% gostava que a Comunidade Paroquial estivesse envolvida na educação dos escuteiros e 24% que esta estivesse além desta educação. É interpelador que 2% pense “uma Comunidade Paroquial que quer que os escuteiros estejam mais afastados”.

Tabela 3

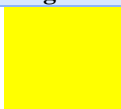








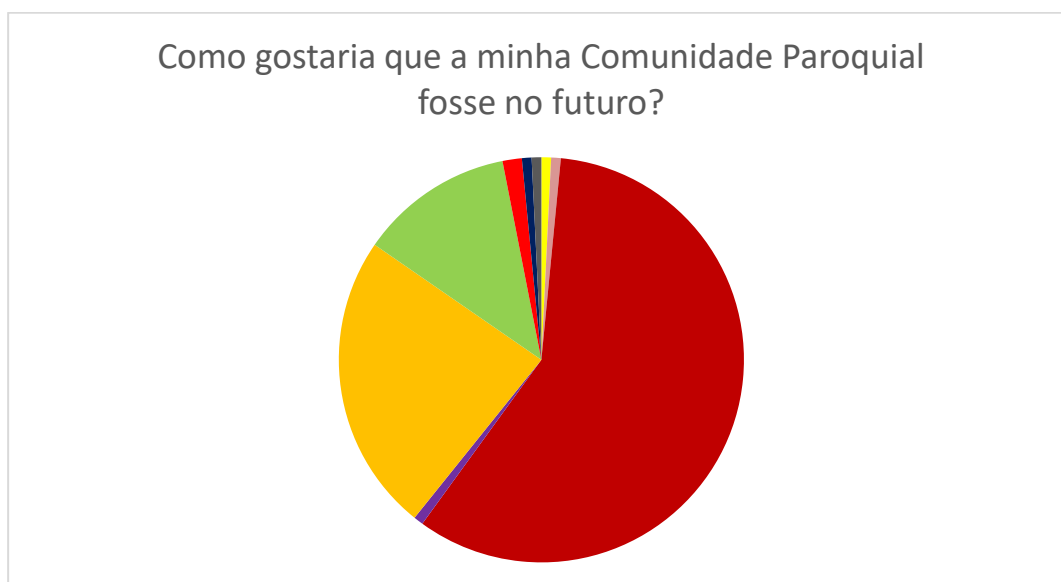
Como gostaria que a minha Comunidade Paroquial fosse no futuro?	Legenda
Que os Escuteiros não vissem a Comunidade Paroquial para o que interessa, mas sim como uma entrega num todo, a Comunidade está sedenta de sangue jovem, e quem vem de fora, tentar ao máximo uma integração e ser Igreja.	
Um lugar onde escuteiros e comunidade podem fazer projetos juntos e envolvida entre todos os membros	
Uma Comunidade Paroquial envolvida na educação dos escuteiros	
Uma comunidade paroquial onde os escuteiros participem nas atividades paroquiais, onde os escuteiros se envolvam nas iniciativas paroquiais. Uma comunidade paroquial onde os seus diversos grupos e movimentos trabalhem comunitariamente e onde os dirigentes de agrupamento vivam verdadeiramente o espírito escutista, honrando a sua fé em Jesus Cristo e vivendo-a em comunidade paroquial.	
Uma Comunidade Paroquial que está além da educação dos escuteiros	
Uma Comunidade Paroquial que está para o que os escuteiros necessitarem	
Uma Comunidade Paroquial que quer que os escuteiros estejam mais afastados	
Uma comunidade que partilha dos mesmos ideais dos escuteiros	
XXX	

Gráfico 28

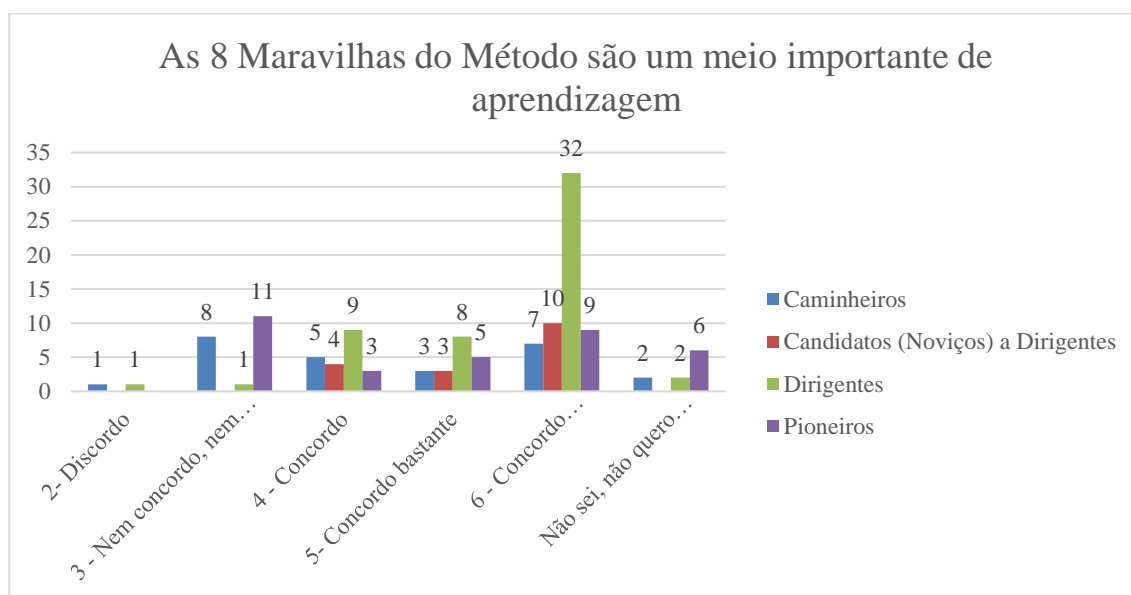


Na quarta parte do inquérito, à semelhança da segunda parte, lançamos uma lista de afirmações sobre o papel do Método Escutista na formação dos jovens escuteiros, tendo ainda

de avaliar cada uma numa escala de 1 “discordo completamente” a 6 “concordo completamente”, dando a possibilidade de escolher “não sei, não quero responder”. Nesta secção achamos por bem analisar os dados tendo em conta as secções envolvidas, devido à percepção que estas têm do Método Escutista.

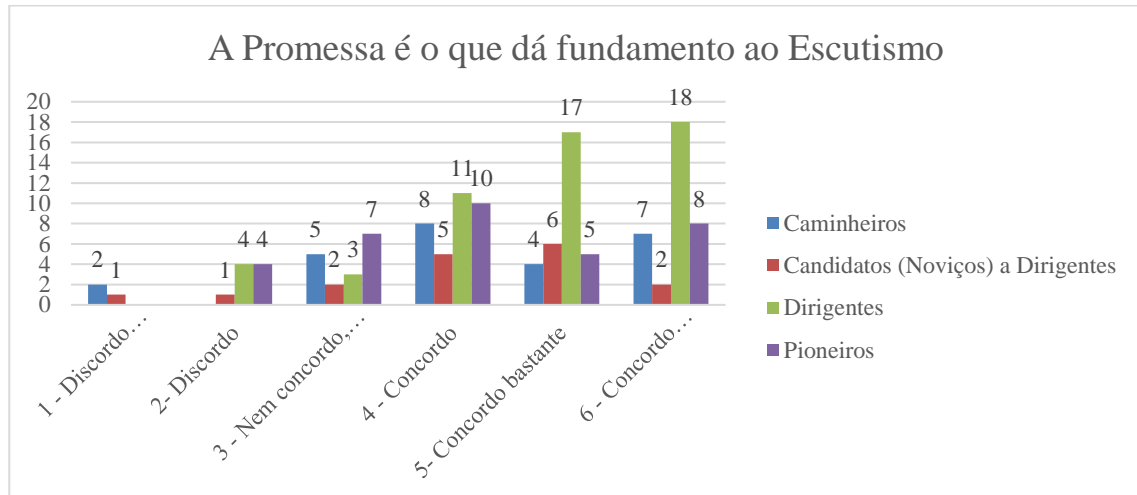
Começamos por saber o que pensam sobre as “8 Maravilhas do Método” na medida em que são um meio de aprendizagem. Apesar de a maioria concordar completamente, vemos que 11 respostas de Pioneiros estão no meio do eixo avaliativo, uma vez que estes podem não ter um conhecimento concreto e definido acerca das 8 Maravilhas do Método Escutista e que um Dirigente e um Caminheiro discordam da afirmação (cf. Gráfico 29).

Gráfico 29



Além disso, quando afirmamos que era a Promessa que dava fundamento ao Escutismo, encontramos respostas que não concordam desta afirmação (2 Caminheiros e 1 Candidato ou Noviço a Dirigente discordam completamente e 4 Pioneiros, 1 Candidato ou Noviço a Dirigente e 4 Dirigentes discordam). Contudo temos uma maioria, especialmente de Dirigentes, que concordam/concordam completamente (cf. Gráfico 30). Isto faz-nos permite constatar o valor que o Escutismo dá à Promessa, dado que esta deveria marcar o compromisso que estes fazem no movimento.

Gráfico 30



Quanto à relação elementos-Dirigentes e ao contacto com a Natureza são indiscutíveis estas afirmações. Tanto numa como noutra, a maioria concordou ou concordou completamente, havendo uma maioria de Dirigentes. Tanto nos Pioneiros como nos Caminheiros obtivemos números favoráveis e que não dão margem a discussão, apesar de haver um Pioneiro que discorde da importância da relação entre os elementos e os Dirigentes (cf. Gráfico 31 e Gráfico 32).

Gráfico 31

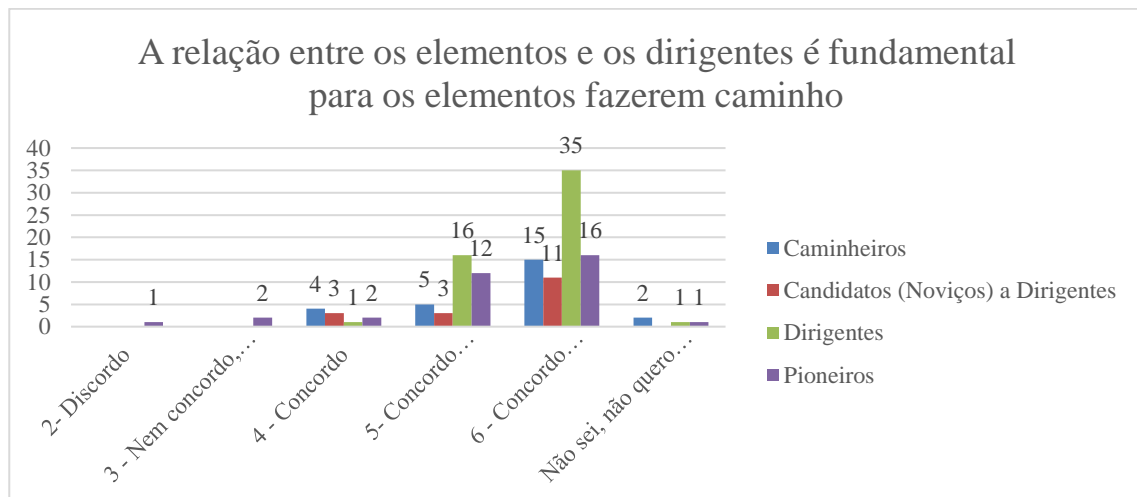
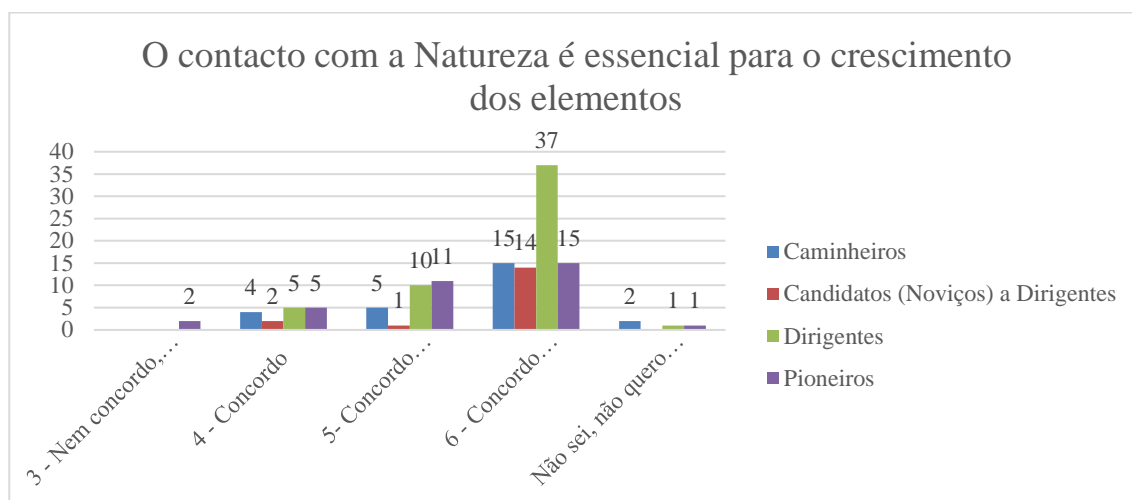
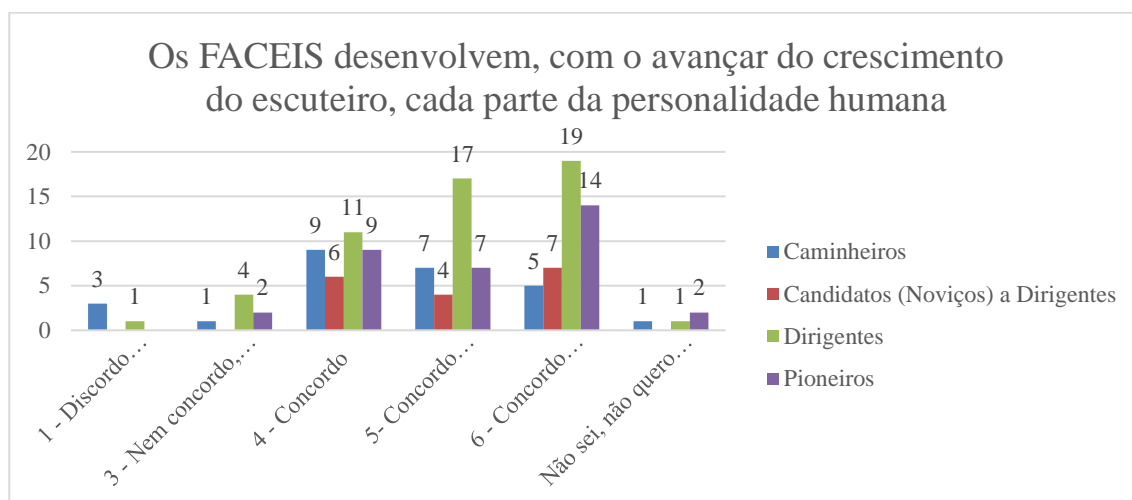


Gráfico 32



O Sistema de Progresso, presente na vida de cada secção através dos FACEIS⁶⁹, é importante no desenvolvimento da personalidade humana em cada uma das suas áreas. Prova disso, é o nº de respostas positivas obtidas, especialmente de Pioneiros e Caminheiros que são as secções que mais trabalham os FACEIS, (total de 38 respostas positivas de Pioneiros e Caminheiros como podemos ver no Gráfico 33).

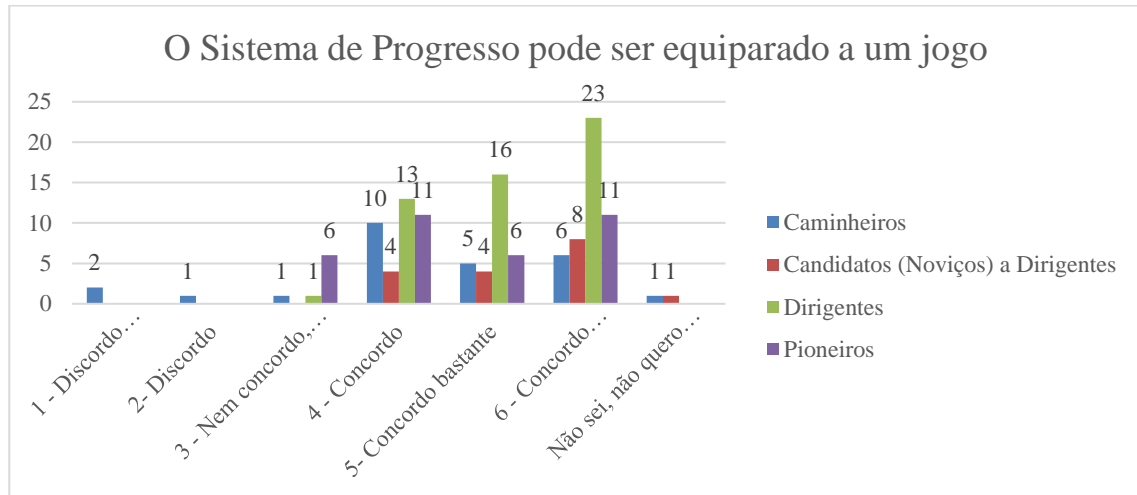
Gráfico 33



Além disso, olhar para o Sistema de Progresso como um jogo também faz parte da vida de um escuteiro. Aqui, apesar de haver Caminheiros que discordem do que foi afirmado, a maioria respondeu que concordava completamente (cf. Gráfico 34). O jogo era o que deveria marcar a elaboração do projeto de cada secção, pois são todos chamados a crescer através do jogo, como BP ensinou.

⁶⁹ 6 áreas do desenvolvimento humano que o Sistema de Progresso escutista abarca.

Gráfico 34



Tanto o Aprender Fazendo como o Sistema de Patrulhas são dois pilares essenciais do Método Escutista. Os Pioneiros, em proporção aos Dirigentes, têm uma boa maioria que concorda com ambas as afirmações, como podemos ver no Gráfico 35 e Gráfico 36. É certo que os Pioneiros são a secção, daquelas que foram inquiridas, que vivenciam mais estes dois pilares do método, devido à sua constituição e distribuição interna, mas esperava-se que os Dirigentes, em proporção, concordassem com eles.

Gráfico 35

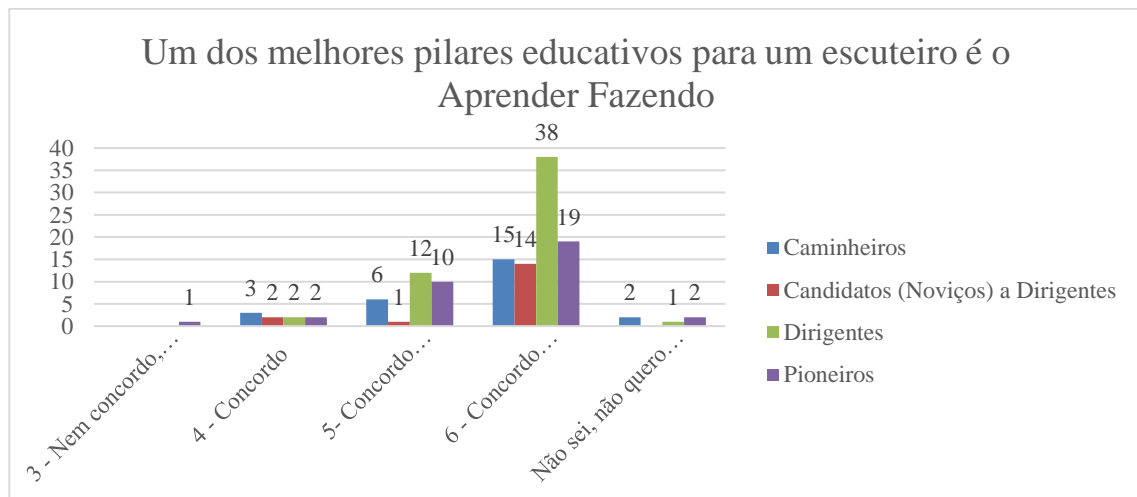
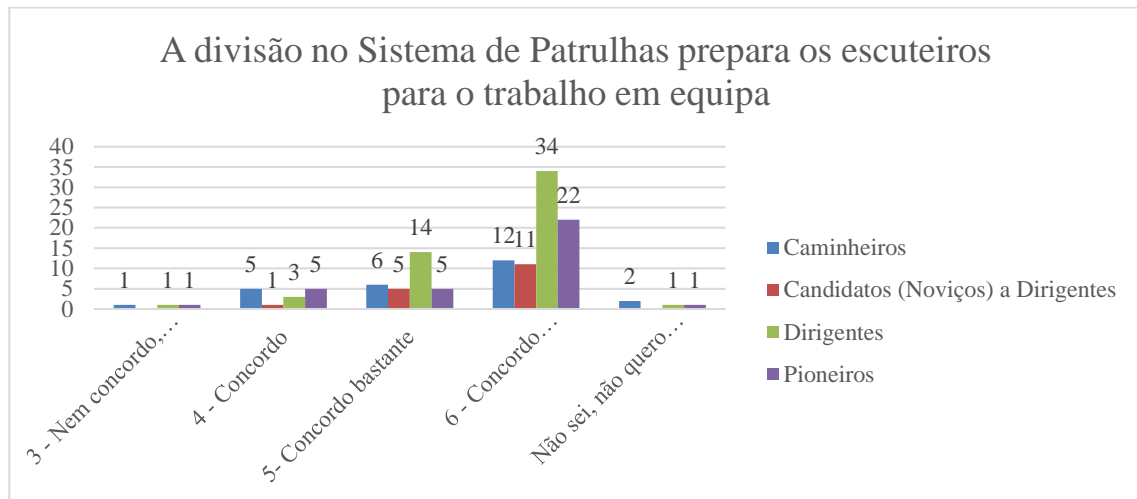


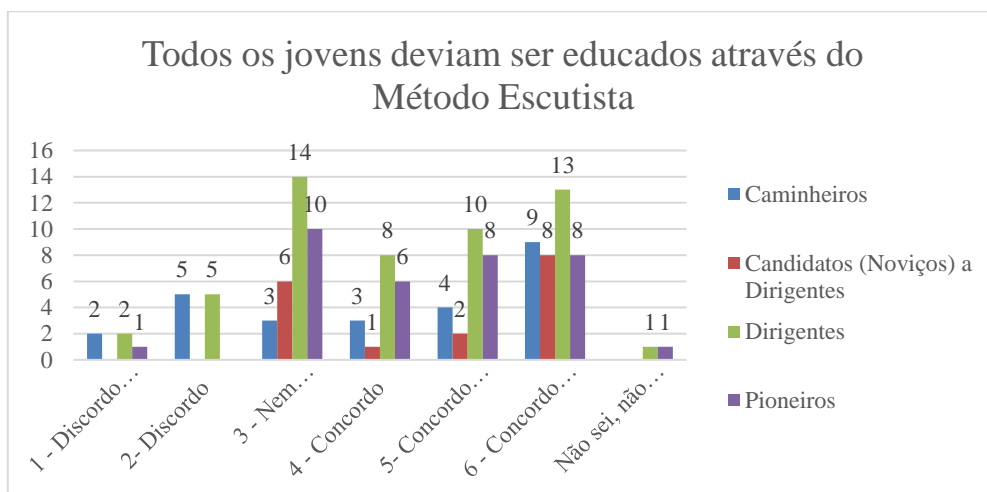
Gráfico 36



Quando afirmamos que “Todos os jovens deviam ser educados através do Método Escutista” obtivemos uma maioria que não tem propriamente uma opinião formada. Olhando às secções, reparamos que, apesar de se manterem na linha média, o segundo grande valor encontra-se acima desta linha, significando que apesar de tudo, concordam com esta afirmação (cf. Gráfico 37).

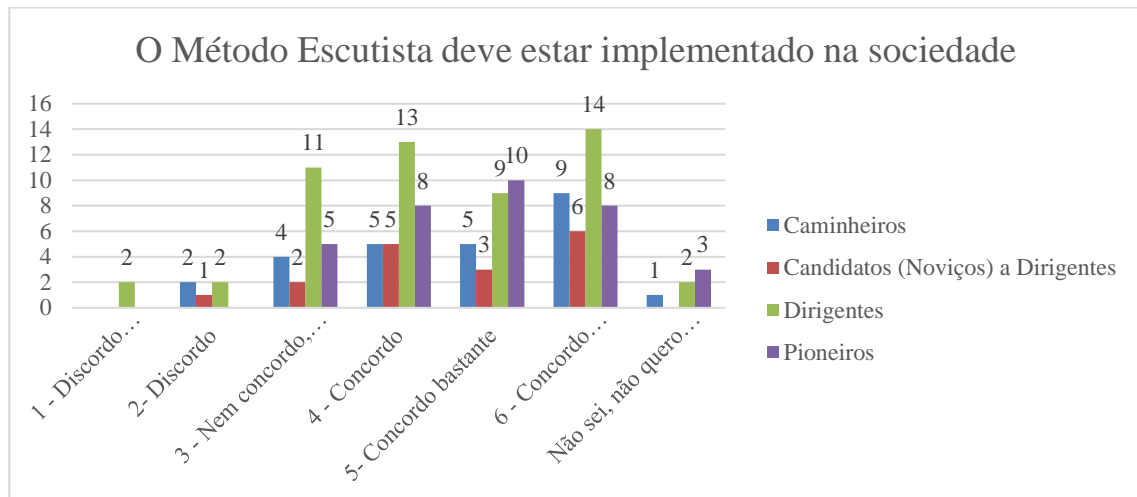
Se olharmos aos novos avanços do Método Escutista percebemos que, na nossa sociedade, falta um pouco da novidade da “Educação pela Ação” que este método introduz no ambiente escutista.

Gráfico 37



A maioria concorda que o Método devia estar implementado na nossa sociedade. As respostas dos Pioneiros impressionam pelo facto de que mais de 50% concorda bastante com a mesma, provavelmente por terem uma vivência mais profunda do mesmo, ao contrário das demais secções (cf. Gráfico 38).

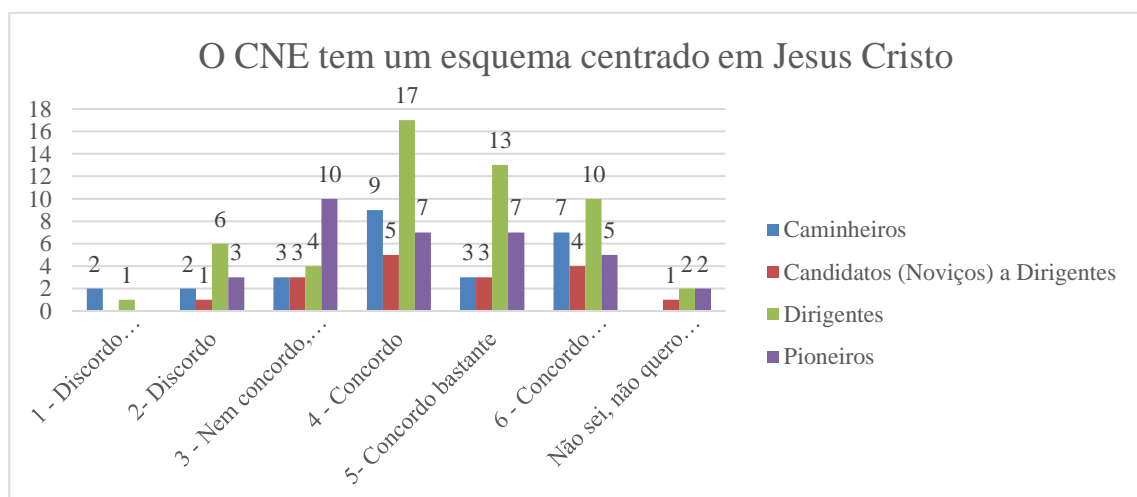
Gráfico 38



A espiritualidade no Escutismo é algo que suscita, geralmente, algumas posições controversas e coloca-nos numa posição de pensarmos o Movimento. É, porventura, de estranhar respostas “negativas” da parte de Caminheiros e Dirigentes, quando se afirma que “O CNE tem um esquema centrado em Jesus Cristo”.

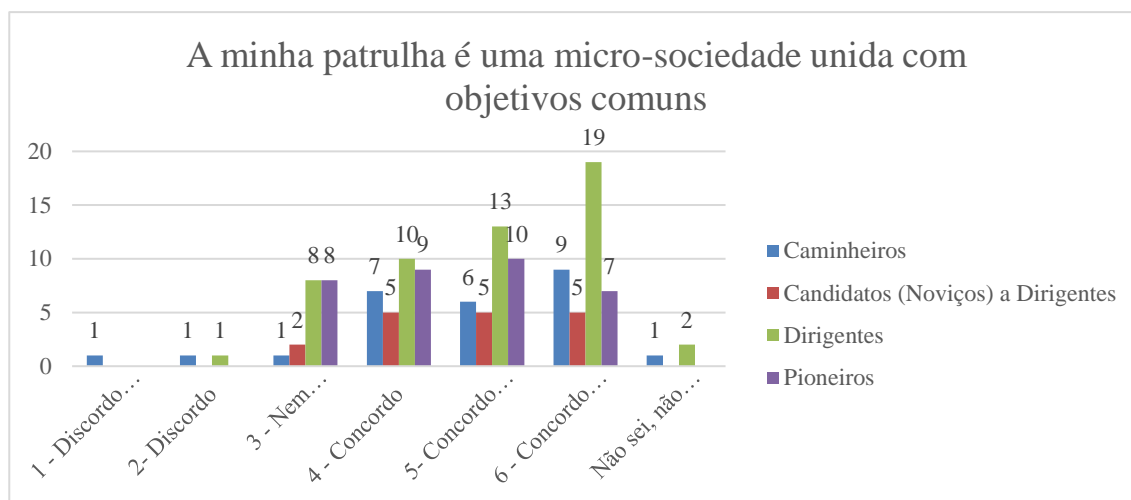
Os Caminheiros têm o Homem Novo como ideal de percurso e os Dirigentes têm o “Sempre Alerta para Servir” como a divisa a seguir, pelo menos na teoria. Porém, na prática, muitos podem não ter esta vivência em torno do Homem Novo e do serviço, o que pode gerar estas respostas. Apesar de tudo, a maioria concorda com a afirmação levantada por nós, mesmo que as demais respostas nos questionem sobre o facto de discordarem que Jesus é o centro do CNE (cf. Gráfico 39).

Gráfico 39



O Sistema de Patrulhas presente no Método, faz com que estas trabalhem em equipa e aprendam a lidar com os problemas, daí que mais de 50% concorde que as patrulhas são uma micro-sociedade unidas com objetivos comuns (cf. Gráfico 40).

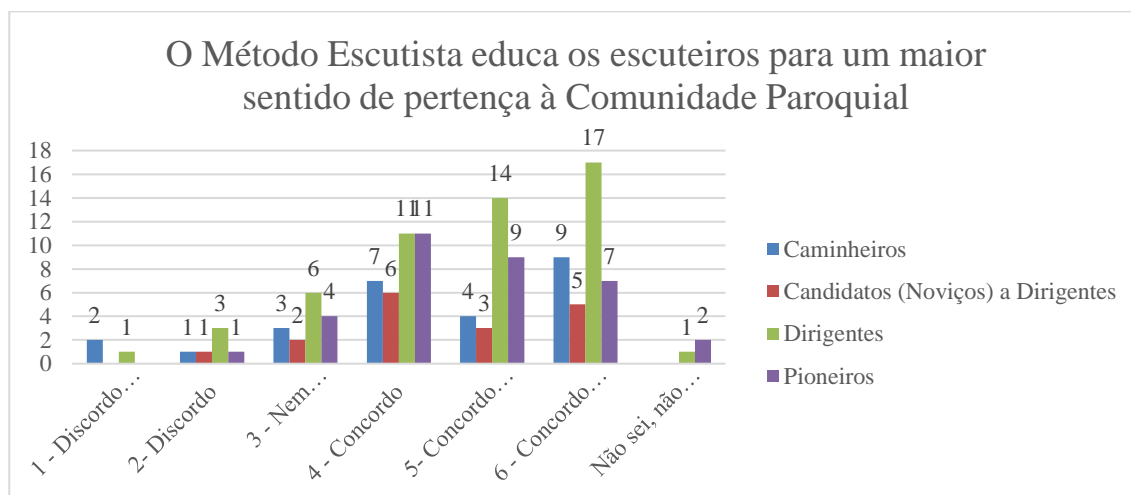
Gráfico 40



O Método é capaz de educar os escuteiros para um maior sentido de pertença à Comunidade Paroquial. Apesar da maioria concordar, obtivemos uma resposta por secção que discordava (cf. Gráfico 41). Este sentido de pertença à Comunidade Paroquial tem de se gerar a partir de dentro, a partir do trabalho que cada secção vai desenvolvendo ao longo do ano escutista, para que os seus elementos percebam a necessidade e a importância da Comunidade Paroquial para o seu crescimento pessoal.

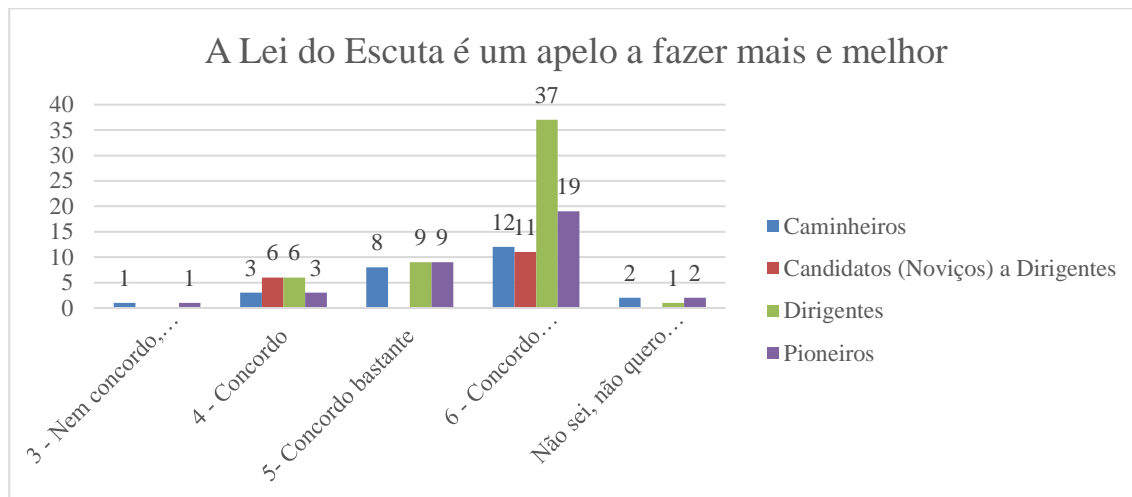
É, de facto, importante que o sentido de pertença se desenvolva nos Agrupamentos, dado que estes estão responsáveis pela formação de crianças e jovens, que são o futuro das nossas Comunidades Paroquiais. Contudo, as respostas negativas obtidas podem significar que há uma falha na formação para o envolvimento na comunidade.

Gráfico 41



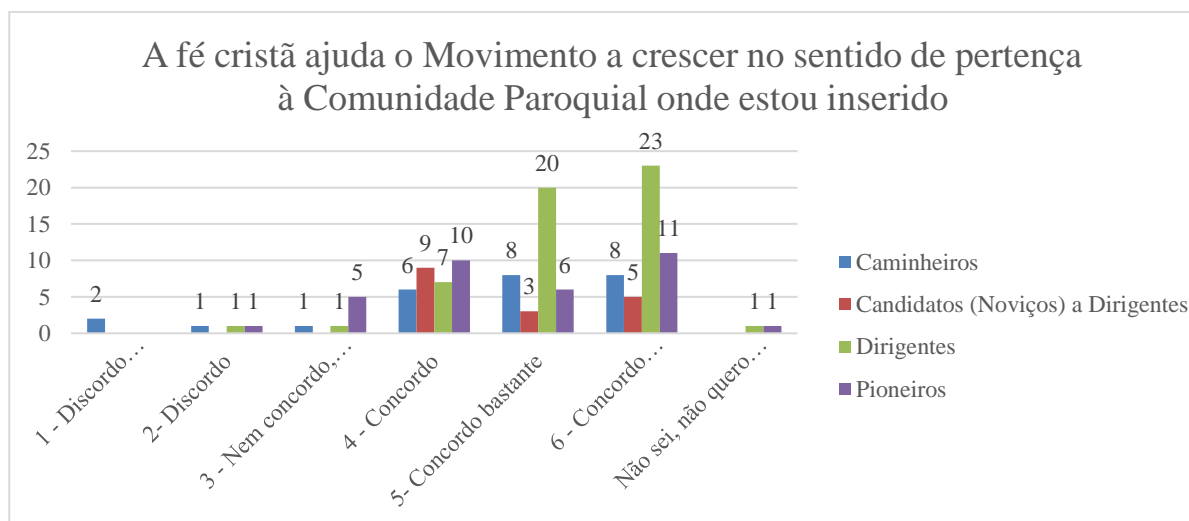
A Lei é fundamental no Escutismo e não há dúvidas de que esta “é um apelo a fazer mais e melhor”. Em cada secção a opção 6 “Concordo Completamente” foi a mais escolhida e não houve ninguém que optasse pela opção 1 ou 2 (cf. Gráfico 42).

Gráfico 42



As duas últimas afirmações desta secção são relativas à fé cristã e à sua ligação ao Movimento. Começamos por afirmar que “A fé cristã ajuda o Movimento a crescer no sentido de pertença à Comunidade Paroquial onde estou inserido” na qual, em comparação com a afirmação que foi feita sobre a relação entre o Método e o sentido de pertença à Comunidade Paroquial, obtivemos mais repostas positivas do que na outra afirmação (cf. Gráfico 43). Esta diferença de resultados pode significar que se dá mais valor à fé, para o crescimento do sentido de pertença, do que aquele que se dá às 8 Maravilhas do Método juntas.

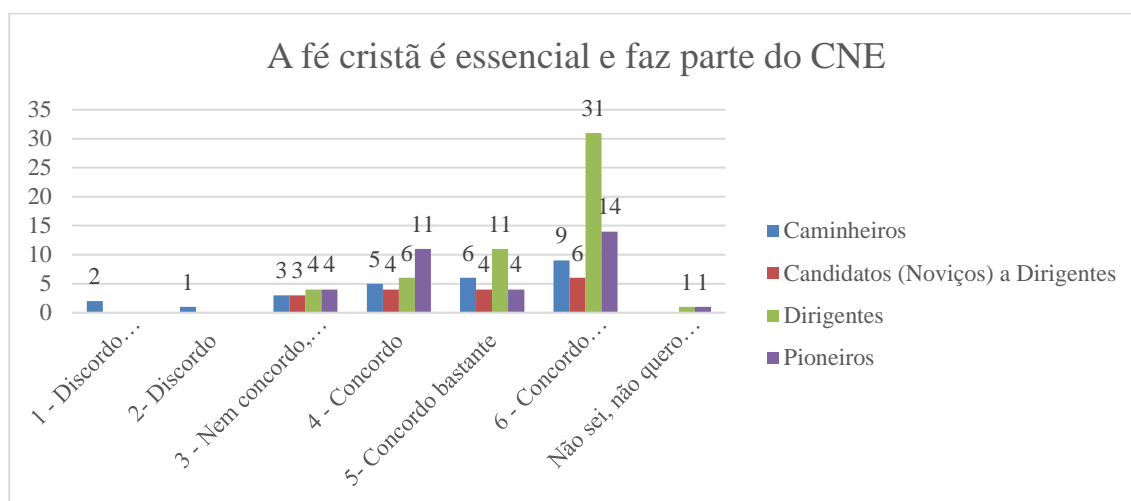
Gráfico 43



Além disso, concluímos com a afirmação de que “A fé cristã é essencial e faz parte do CNE” e, apesar de haver discordâncias quando se afirmou que Jesus Cristo era o centro do CNE, aqui a maioria concorda, especialmente Pioneiros e Dirigentes (cf. Gráfico 44).

Todavia, a existência de respostas negativas ou indiferentes pode significar um afastamento da área Espiritual e, por sua vez, um baixo desenvolvimento da mesma. Esta área do desenvolvimento humano é importante para entender a raiz do CNE, que é Jesus Cristo. Através destas respostas poderíamos ainda averiguar a envolvimento dos Assistentes de Agrupamento na animação da fé nas secções, mas podemos reparar que, podendo esta não ser contínua, tem tido efeito junto dos elementos.

Gráfico 44



Na última parte do inquérito lançamos algumas questões e deixamos em aberto para que os inquiridos pudessem, da melhor maneira, expressar a sua opinião. Para a análise das cinco questões levantadas organizamos a informação tendo em conta a secção e o género e, além disso, olhamos também para o tempo no movimento, que pode ser um grande influenciador na opinião de cada um.

A primeira questão colocada foi como é que cada um poderia ajudar a construir uma Comunidade Paroquial ideal. No geral, sobressai um espírito de entreatajuda, de querer fazer mais, de estar mais presente e de ter a capacidade de opinar mais e melhor, «servindo como exemplo a seguir» (PM_{13a}). Além disso, nota-se, que sentem que a proximidade ao Assistente de Agrupamento é posta como uma medida para construir uma Comunidade Paroquial ideal, sendo que este devia reunir com as «forças vivas da paróquia» (PM_{18a}).

Além do mais, foi um PM_{10a} que levantou primeiramente a questão da presença no CPP, afirmando que «toda a paróquia deveria ter o dever de se inserir e participar ativamente no conselho». A participação na Eucaristia dominical e em atividades da Comunidade Paroquial

também foi levantada como um meio para idealizar uma Comunidade. É de ressaltar também três verbos que uma DF_{34a} refere como essenciais: «Sendo (parte integrante), fazendo (envolvendo-me nas atividades), estando (estando presente)».

Na segunda questão procuramos saber como é que cada um poderia estar ao serviço da sua Comunidade Paroquial. De todas as respostas obtidas, podemos resumi-las em presença, disponibilidade, serviço, exemplo e participação. O sentido de presença está muito latente, em todas as secções. É evidente que há um forte sentido e desejo de querer estar mais presente na comunidade, para desenvolver uma maior atuação.

Além disso, vemos também que a disponibilidade e o serviço estão de mãos dadas, estando presente no «sempre alerta para servir» (CDF_{18a}), no serviço aos mais frágeis e vulneráveis, minimizando as suas dificuldades, como reporta CF_{6a9m}. A consciência eclesiológica da vocação batismal de cada um está presente nesta resposta, «sendo fermento no meio do mundo, para que este cresça cada vez mais» (CDM_{15a}). Podemos resumir também que este sentido de presença, de serviço e disponibilidade se concentra no querer e estar disposto a colocar os dons de cada um, «os carismas a render» (DM_{10a}).

Que tipo de papel é que a Comunidade Paroquial deve ter na educação e formação dos escuteiros foi aquilo que procuramos saber na terceira questão desta última secção. Dos resultados obtidos nesta questão, há quem refira que «formar escuteiros é formar homens e mulheres para uma vida futura, portanto a comunidade deveria estar sempre disponível para que as crianças de hoje, comunidade futura, tenham uma melhor aprendizagem» (PF_{10a}). Todavia, há quem indique que o papel da Comunidade Paroquial na educação dos escuteiros deve ser «mínimo, o escutismo e a religião não necessitam de uma relação íntima» (CF_{6a}).

Outro ponto abordado é o papel fundamental da catequese, «pois a caminhada da Fé Cristã é feita na catequese, não pode, nem deve haver separação entre catequese e escuteiros» (DF_{10a}). Além disso, estão patentes a necessidade da educação para o serviço e a necessidade da Comunidade Paroquial «ser espaço de aprofundamento da fé e de implementação da promessa escutista» (DF_{30a}). Os Pioneiros, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos, querem ser parte integrante da Comunidade Paroquial, pois têm-na como «modelo a seguir» (PF_{7a}), «fonte de ensino» (PF_{8a}) e «deve fazer com que os escutas se sintam parte da paróquia e reforçar a fé destes» (PF_{10a10m}).

Na penúltima questão ousamos perguntar como é que o Agrupamento de cada inquirido promovia o crescimento da Comunidade Paroquial e ficamos impressionados com a quantidade de respostas que afirmavam que o Agrupamento não promovia este crescimento e que se colocava, ou até mesmo vivia, à margem desta e estando mesmo limitados por certos

preconceitos relativos ao escutismo (DM_{10m}; DF_{25a}). Contudo, obtivemos respostas que demonstram o espírito jovem a florescer nas diversas Comunidades Paroquiais.

O envolvimento com os jovens foi muito referido como modo de crescimento de cada comunidade, «através das atividades com crianças, adolescentes e jovens, educando no caminho da fé» (PF_{10a}). Além disso, nota-se a presença de muitos Agrupamentos nas mais variadas atividades paroquiais, desde o CPP à festa do padroeiro, passando pelas celebrações e presença nos grupos. Ademais, sentido de ser voz da paróquia (CF_{8a}) e o sentido de compromisso e de apoio (CF_{6a9m}) também está presente, uma vez que há a colaboração «com grupos e movimentos da paróquia, participando em conjunto em projetos de serviço, eventos específicos e partilha de recursos e apoio mútuo em atividades que visem o crescimento espiritual e a promoção dos valores cristãos» (CF_{6a9m}).

Na última questão do estudo procuramos saber a opinião dos inquiridos sobre como é que se poderia melhorar a atividade de cada Agrupamento no serviço que é prestado à sua Comunidade Paroquial. Podemos constatar que é, inicialmente, necessária uma melhor relação entre ambos. Depois, é necessário «incentivar a participação dos jovens do Agrupamento na tomada de decisões relacionadas aos serviços prestados à Comunidade Paroquial» (CF_{6a9m}).

«Acima de tudo, creio que de uma forma geral há duas palavras de ouro para esta resposta: compromisso e abertura. Aceitar os desafios que nos são colocados no dia a dia e não deixar o compromisso cair. E abrimo-nos ativamente à comunidade, marcando presença discreta e humilde em sentido de serviço mas importante ao ponde de, como o sal, sentirem a nossa falta quando lá não estivermos» (CDM_{3a}).

Destaca-se, também, um certo descontentamento da parte dos Agrupamentos, quando referem que é necessária uma maior abertura da parte da Comunidade Paroquial (CDF_{8a}). Todavia, o sentir-se exemplo é referido como um meio de melhorar a atividade do Agrupamento em prol da sua Comunidade Paroquial, mas «tem que ser um trabalho individual em primeiro lugar» (DF_{10a}) e depois cada Dirigente, sendo exemplo, juntamente com a sua secção estarão inteiramente ligados à sua Comunidade Paroquial e prestarão um serviço natural, estando «Sempre Alerta!» (DM_{43a}).

1.3. Observações Conclusivas

Ao apresentar a sociedade em que vivemos nos nossos dias foi possível perceber que vivemos num tempo em que o individualismo é acentuado, «cresce a indiferença pelo outro e aumenta a dificuldade de planejar o futuro»⁷⁰, havendo o espírito do *carpe diem*.

⁷⁰ CNBB, *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia*, 8.

Teresa Martinho Toldy, num estudo intitulado “A secularização da sociedade portuguesa no contexto das modernidades múltiplas”, afirma que «o conceito de secularização está longe de ser unívoco e incontestado»⁷¹, sendo que este conceito estava, inicialmente, ligado com a separação entre o Estado de Portugal e a Igreja Católica.

A secularização que vivemos é também fruto de uma pastoral com um fraco teor missionário, devido ao facto de durante muito tempo nos termos dedicado a uma pastoral de manutenção concentrada no interior da comunidade. O Papa Francisco afirma que «a comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor, e, por isso, ela sabe ir à frente» (EG 24).

A sociedade atual vive presa a guerras e a violências que se vão instaurando no nosso mundo, fazendo com que seja cada vez mais difícil para os jovens pensarem num futuro mais planeado, tendo em conta a incerteza do amanhã. Contudo, a cultura do descarte que se faz sentir, faz com que os jovens queiram lutar pela conservação da identidade cultural que existe e que tem vindo a ser mantida (cf. ILJ 10).

Além do mais, foi possível entender que a Igreja necessita de uma posição de escuta constante e de estar atenta aos sinais dos tempos para que se possa renovar e acompanhar, integrar e estar aberta a tantos jovens que dela querem fazer parte, «é tarefa profética da Igreja reconhecer e responder ao chamamento de Deus em relação a estes sinais dos tempos»⁷². Os jovens vivem numa ânsia de mudança, no sentido em que há vários motivos que os levam a abandonar a prática religiosa como, por exemplo, os mais recentes escândalos de pedofilia. É de ressaltar que em 2019, Portugal era visto como um dos países europeus em que não se notava tanto o declínio da prática religiosa.⁷³

No estudo organizado pela CEPCEP sobressai o facto de que, quando os jovens pensam no futuro, a preocupação com a família e com as suas relações é prioritária se nos referirmos aos “Católicos” e aos “Religiosos”. Caso contrário, os jovens apresentam a saúde e as alterações climáticas como as suas prioridades. Do lado contrário, quando os jovens pensam no que menos os preocupa no futuro, reparamos que a família e as suas relações é o que menos preocupa ao grupo dos “Não Católicos”, mas que é transversal a falta de preocupação com a política, a tecnologia e a exploração do espaço.⁷⁴

⁷¹ Teresa Martinho Toldy, «A secularização da sociedade portuguesa no contexto das modernidades múltiplas», *Didaskalia* 43, nº 1-2 (2013): 25.

⁷² Halík, *No limiar de uma Nova Reforma do Cristianismo*, 5.

⁷³ Cf. Teixeira, *Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa*, 12.

⁷⁴ Cf. Dias, *Jovens, Fé e Futuro*, 24.

Eduardo Duque no seu estudo sobre a realidade juvenil apurou que os jovens levantam alguns sentimentos relacionados com a crise que está a influenciar a sociedade⁷⁵, uma crise que talvez seja de valores e geracional, uma crise em que a transmissão da fé não é mais eficaz e em que há um afastamento cada vez maior dos jovens em relação à Igreja.

Se olharmos ao nosso trabalho de campo percebemos que se para alguns é complicado falar da sua Comunidade Paroquial, para os mais novos e de um modo simples, torna-se fácil. Para alguns Lobitos, a Comunidade é representada através das suas atividades e pela própria Alcateia. Além disso, podemos ver que mesmo o mundo inteiro se torna uma Comunidade para os mais pequeninos (cf. Anexo 1 e Anexo 2). Para outros Lobitos, a presença na sua Comunidade Paroquial é o que eles definem como tal, através das angariações de fundos e também das atividades que a própria Comunidade Paroquial organiza. Salienta-se o facto de que um Bando define a Comunidade como um conjunto de pessoas que se reúnem para trabalhar juntas e que uma pessoa sozinha não conseguiria fazer tudo, pois precisaria da ajuda de outras pessoas (cf. Anexo 3, Anexo 4 e Anexo 5).

Com os mais velhos, é possível perceber que se alguns trabalham e querem fazer crescer a sua Comunidade Paroquial, outros não parecem ter a mesma vontade. Deve sublinhar-se que é necessário fazer um trabalho contínuo de educar para a comunidade. É um trabalho realmente necessário! Através dos FACEIS percebemos que sem a Comunidade Paroquial é impossível que um certo elemento cresça na fé. O trabalho comunitário, a constante atitude de serviço e a participação ativa na mesma são imprescindíveis num escuteiro, seja ele pertence ao CNE⁷⁶ ou à AEP⁷⁷.

Esta participação ativa nas diversas Comunidades Paroquiais muitas vezes não está bem visível, devido à presença dos vários Agrupamentos. Com este pequeno estudo de campo foi-nos possível compreender que, embora tenhamos alguns que se preocupem com uma efetiva inserção na sua Comunidade Paroquial, ainda há muito que evoluir para que todos tomem consciência de que «a estrutura básica do CNE é o Agrupamento, decorrente da iniciativa pastoral da comunidade eclesial em que se insere (...) competindo-lhe, de acordo com a sua realidade, desenvolver um projeto educativo local»⁷⁸.

Portanto, as respostas que obtivemos que mais discordavam deste envolvimento e desta necessidade de fazer crescer o sentido de pertença, denotam uma falta de perceção da origem do seu Agrupamento. Assim, é possível identificar como é que a mudança pastoral, no âmbito

⁷⁵ Cf. Duque, *Os Jovens e a Religião na sociedade atual*, 97.

⁷⁶ Cf. art. 5.º §2, *Regulamento Geral* (2020).

⁷⁷ Cf. Associação dos Escoteiros de Portugal, *Regulamento Geral* (Lisboa: Associação dos Escoteiros de Portugal, 2021), 4.

⁷⁸ art. 52.º §1, *Regulamento Geral* (2020).

escutista, se pode começar a dar. É necessário que o Escutismo cada vez mais seja uma «escola de educação humana e cristã, de modo a formar pessoas felizes, solidárias e participativas no bem comum, social e eclesial»⁷⁹

Apesar de, porventura algumas respostas obtidas não nos terem satisfeito muito, foram importantes, uma vez que nos colocaram a pensar que futuro desejamos para este movimento juvenil que, em Portugal, é o maior movimento de jovens católicos. Além disso, faz com que questionemos como é que estamos a educar os nossos jovens para a comunidade. Na nossa sociedade é importante que os jovens tenham a esperança e sonhem com uma Comunidade Paroquial unida e a trabalhar para a evangelização de todos. Os jovens têm de viver, amar, sonhar e crer e, com a graça de Deus, nunca desesperar.⁸⁰

Podemos concluir como afirma a Carta do Escutismo Católico Português: «na comunidade, o CNE assume a missão de formar, contínua e progressivamente, o Homem-Novo, aquele que, inconformado e humildemente, procura a perfeição como resposta aos desafios da Igreja, da Sociedade e da Família, rumo à Felicidade»⁸¹.

⁷⁹ CEP, *Exortação Pastoral: O Escutismo, Escola de Educação* (Fátima: CEP, 1995), 1.

⁸⁰ Cf. Papa Francisco, *Alegres na Esperança: Catequeses sobre a Esperança Cristã* (Lisboa: Paulus, 2019), 117.

⁸¹ Congresso “Valores e Missão”, «Carta do CNE - Escutismo Católico Português, em *Celebrações do CNE* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2008), 196.

CAPÍTULO 2 - COMUNIDADE E COMUNHÃO: FUNDAMENTOS BÍBLICOS E ECLESIOLÓGICOS

2.1. At 2,42-47: Uma vida de comunhão

2.1.1. Análise da Perícope

Grego	Português
<p>^{42*}Ἦσαν δὲ προσκαρτεροῦντες τῇ διδασκαλίᾳ τῶν ἀποστόλων καὶ τῇ κοινωνίᾳ, τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου καὶ ταῖς προσευχαῖς. ⁴³ἐγίνετο δὲ πάσῃ ψυχῇ φόβος, πολλὰ τε τέρατα καὶ σημεῖα διὰ τῶν ἀποστόλων ἐγίνετο. ⁴⁴πάντες δὲ οἱ πιστεύοντες ἦσαν ἐπὶ τὸ αὐτὸ καὶ εἶχον ἅπαντα κοινὰ ⁴⁵καὶ τὰ κτήματα καὶ τὰς ὑπάρξεις ἐπίπρασκον καὶ διεμέριζον αὐτὰ πᾶσιν καθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν. ⁴⁶καθ' ἡμέραν τε προσκαρτεροῦντες ὁμοθυμαδὸν ἐν τῷ ἱερῷ, κλῶντές τε κατ' οἶκον ἄρτον, μετελάμβανον τροφῆς ἐν ἀγαλλιάσει καὶ ἀφελότητι καρδίας ⁴⁷αἰνοῦντες τὸν θεὸν καὶ ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν. ὁ δὲ κύριος προσετίθει τοὺς σφζομένους καθ' ἡμέραν ἐπὶ τὸ αὐτό.</p>	<p>⁴²Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. ⁴³Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. ⁴⁴Todos os que tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: ⁴⁵vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. ⁴⁶Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos.</p>

Esta passagem é considerada um sumário lucano, aparecendo após o relato do Pentecostes (At 2,1-13), o discurso de Pedro (At 2,14-36) e a conversão que ele provoca (At 2,37-41). Além deste resumo, o livro dos Atos apresenta mais outros dois resumos em At 4,32-35 e em At 5,12-

16. Contudo, este é aquele que é mais conhecido e, muitas vezes lido, de forma autónoma, sem ter em conta os acontecimentos que o precedem.⁸²

Podemos encontrar três marcas que ligam este resumo a tudo aquilo que foi relatado até aqui, demarcando-o⁸³:

1. O sujeito de “ἦσαν” (v.42) é apresentado no v.41 pela expressão “οἱ μὲν οὖν ἀποδεξάμενοι τὸν λόγον” (“os que acolheram a sua palavra”), que é aumentada para “πάντες δὲ οἱ πιστεύοντες ἦσαν” (“todos os que tinham abraçado a fé”);
2. Nos vv.41-42 encontramos a continuidade do par “μὲν - δὲ” que é utilizado para fazer o contraponto entre dois enunciados
3. Nos vv.44-47, a expressão “ἐπὶ τὸ αὐτό” faz com que ressoe no fim deste capítulo o dia de Pentecostes, dado que é uma expressão que aparece, inicialmente, no v.1.

Segundo M. Celarc,

«o sumário é demarcado do texto circundante com base em critérios estilísticos e gramaticais. A sequência disjuntiva de partículas μὲν...δὲ, μὲν... οὖν em 2:41 forma uma linha de reviravolta, i.e., conclui-sumariza o que precede, enquanto se prepara para uma nova sequência. A partícula δὲ em 2:42 indica a transição para um novo episódio, não, no entanto, sem a correlação com o anterior. O tempo verbal usado sugere a transição para um novo episódio, já que no v. 2:41 o discurso de Pedro conclui no tempo aoristo (ἐβαπτίσθησαν; προσετέθησαν), enquanto que 2:42 (ἦσαν προσκαρτεροῦντες) uma sequência de verbos no imperfeito que continua até ao aoristo em 3:4. No entanto, um novo episódio começa em 3:1, marcado tanto pelo aparecimento da partícula disjuntiva δὲ como pela mudança do carácter grupal (i.e., a comunidade dos crentes guiada pelos apóstolos, tal como apresentada através do sumário de 2:41-47) para a descrição de Pedro e João a irem ao templo»⁸⁴.

É importante ter em conta esta ligação com o Pentecostes, uma vez que «torna claro que o resumo não exagera os feitos dos novos crentes, mas relata como a ação do Espírito continua naqueles que, pelo batismo, se tornaram parte da comunidade»⁸⁵. Com isto, o autor consegue transmitir ao leitor a construção de uma comunidade fundada sobre a comunhão.

Lucas apresenta o tema central do sumário no v.42, que apresenta quatro pilares essenciais na vida da comunidade primitiva, que dão a organização ao resto do corpo do texto: ensino dos apóstolos (v.43), comunhão fraterna (vv.44-45), fração do pão (v.46) e oração (v.47). Como diz Daniel Marguerat:

«o complexo é atravessado de lado a lado por uma linguagem inclusiva: o vocabulário da totalidade (πάσ: vv.43a.44a.44b.45b; ὅλος: v.47a), da unanimidade (ἐπὶ τὸ αὐτό: vv.44a.47b; ὁμοθυμαδὸν: v.46a) e da permanência (καθ’ ἡμέραν: v.46a). Lucas procurou um efeito de saturação através de uma linguagem inclusiva; induz na sua escrita a total concordância de todos, em todos os momentos, com o mesmo projeto comunitário»⁸⁶.

⁸² Cf. Daniel Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, vol. 1 (Bologna: EDB, 2011), 112.

⁸³ Cf. Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 112.

⁸⁴ Matjaz Celarc, «Narrative summaries in Acts of the Apostles. Reading os the first summary account (2:42-47)», *Biblia et Patristica Thoruniensia* 14, n. 2 (2021): 148-149.

⁸⁵ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 112.

⁸⁶ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 114.

Mais do que quatro pilares, estas características são tomadas em consideração por qualquer cristão de Jerusalém. Os apóstolos mais do que o *kerygma*, ensinavam os fundamentos da Igreja daquele tempo que ainda estava em formação. A *koinônia* é a primeira denominação da Igreja, antes de ser aplicado o termo *ekklesia*. A *koinônia* relembra os nomes que os primeiros cristãos usavam antes de se identificarem como Igreja. O partir do pão é a forma que Lucas usa para indicar a Eucaristia nos primeiros tempos, assim como a oração que nos recorda que eles continuavam a ir ao Templo. Porém, nestas quatro características, Lucas faz com que se denote que um discípulo tem de ter presente um elemento essencial: a comunhão com Deus.⁸⁷

É próprio do estilo de Lucas colocar sumários que concluem secções narrativas. Este sumário tem uma tripla função ao ser colocado após o relato do Pentecostes. Inicialmente, levanta temas que serão desenvolvidos no sumário que fala da comunhão dos bens (At 4,32-35) e naquele que aborda a atividade dos Apóstolos (At 5,12-16). Além disso, aponta para os temas que serão tratados logo no imediato posterior. «No final deste sumário, 5,42 faz uma inclusão com 2,46, retomando a dualidade geográfica "no templo - em casa"; em ambos os lados da sequência, os dois lugares são associados como lugares da comunidade»⁸⁸.

Em segundo lugar, este sumário tem a função de caracterizar o grupo que aparece a partir do Pentecostes. Por fim, o facto de Lucas usar o imperfeito oferece uma profundidade da história e estabiliza a imagem de um grupo que perdura. «O sumário anuncia, portanto, um programa de comunidade, erguendo-a como modelo e colocando-a na história»⁸⁹.

At 2,42-47	At 4,32-35	At 5,12-16
⁴² Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. ⁴³ Apossava-se de todos o temor, pois numerosos eram os prodígios e sinais que se realizavam por meio dos apóstolos. ⁴⁴ Todos os que	³² A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, mas tudo entre eles era comum. ³³ Com grande poder os apóstolos davam o testemunho da ressurreição do Senhor, e	¹² Pelas mãos dos apóstolos faziam-se numerosos sinais e prodígios no meio do povo... Costumavam estar, todos juntos, de comum acordo, no pórtico de Salomão, ¹³ e nenhum dos outros ousava juntar-se a eles, embora o povo os engrandecesse. ¹⁴ Mais e

⁸⁷ Cf. Joseph A. Fitzmeyer, *The Acts of the Apostles: A new translation with introduction and commentary* (Nova Iorque: Doubleday, 1998), 269.

⁸⁸ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 115-116.

⁸⁹ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 116.

<p>tinham abraçado a fé reuniam-se e punham tudo em comum: ⁴⁵vendiam suas propriedades e bens, e dividiam-nos entre todos, segundo as necessidades de cada um. ⁴⁶Dia após dia, unânimes, mostravam-se assíduos no Templo e partiam o pão pelas casas, tomando o alimento com alegria e simplicidade de coração. ⁴⁷Louvavam a Deus e gozavam da simpatia de todo o povo. E o Senhor acrescentava cada dia ao seu número os que seriam salvos.</p>	<p>todos tinham grande aceitação. ³⁴Não havia entre eles necessitado algum. De fato, os que possuíam terrenos ou casas, vendendo-os, traziam os valores das vendas ³⁵e os despunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então, a cada um, segundo sua necessidade.</p>	<p>mais aderiam ao Senhor, pela fé, multidões de homens e de mulheres. ¹⁵...a ponto de levarem os doentes até para as ruas, colocando-os sobre leitos e em macas, para que, ao passar Pedro, ao menos sua sombra cobrisse algum deles. ¹⁶Também das cidades vizinhas de Jerusalém acorria a multidão, trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros, os quais eram todos curados.</p>
---	---	--

At 2,42 começa por nos apresentar um sujeito que aparece ligado ao v.41 através da expressão “οἱ μὲν”. Aqui podemos ver que aquelas «cerca de três mil pessoas» (At 2,41), são perseverantes, algo que faz parte da sua condição de batizados. A perseverança é expressa por “προσκατεροῦντες”, vista como uma «“assiduidade constante, um esforço que não abranda, uma expectativa confiante dos seus efeitos”, com um toque de obstinação»⁹⁰. Este verbo encontramos-lo nos inícios dos Atos dos Apóstolos (cf. At 1,14; 2,42.46; 6,4; 8,13) estando ligado àqueles que persistem na fé, aparecendo com o imperfeito ἦσαν juntamente com o participio προσκατεροῦντες.

Segundo D. Marguerat,

«a partir de uma imagem dos três pilares do mundo que de acordo com a Mishnah (Torá, culto - e atos de amor), Lucas enumera as quatro características identificadoras da Igreja que nasceu do Pentecostes; estas *notae ecclesiae* são apresentadas em dois pares unidos através de καὶ: o ensino dos apóstolos e a comunhão, a fração do pão e as orações. Trata-se de uma declaração de princípio; para concretizar os seus termos, é preciso recorrer ao corpo central do resumo (vv. 43-47a) e, mais amplamente, à descrição da comunidade nos Atos 1-5»⁹¹.

⁹⁰ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 116.

⁹¹ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 116.

Apesar de Lucas apresentar exemplos do ensino apostólico noutras passagens do livro dos Atos, para pessoas que se encontravam fora da comunidade, ele quer traçar uma linha de continuidade entre aquilo que foi transmitido por Jesus nos evangelhos e aquilo que os apóstolos ensinam.⁹² Este ensino estava, provavelmente, relacionado com aquilo que era transmitido no Templo. O assunto da *didachê*, pode ser evangelístico, mas segundo «o verbo cognato (διδάσκω) é evangelístico em 4:2.18; 5:21.25.28, mas refere-se à instrução em 18:25, provavelmente refere-se à instrução em 11:26; 15:1.35; 18:11; 20:20; 21:21, incluindo a instrução em 1:1, e não é claro em 5:42; 21:28; e 28:31»⁹³.

A *didachê*, primeiro pilar que Lucas apresenta, não é um modelo dogmático, mas é o anúncio do Messias e a confirmação, pelas Escrituras, desta nova iniciativa de Deus. Se olharmos o texto, percebemos que Lucas não faz a separação entre o ensino e a pregação, mas destaca a «importância da tradição apostólica como fundamento da comunidade cristã»⁹⁴. Segundo o Cardeal Luis Antonio Tagle,

«aprender é essencial para construir uma comunidade. Cada família, cidade, nação ou grupo religioso é tecida e entrelaçada através de relatos e memórias comuns. Mas nós temos de aprendê-los, ouvi-los e torná-los nossos para podermos fazer parte viva dessa comunidade. (...) Uma comunidade torna-se mais forte quando o ensino se torna recíproco. Somos todos ignorantes, e é por isso que precisamos de aprender uns com os outros. (...) Uma comunidade cristã é uma comunidade em que o desejo de conhecer Jesus é grande, na qual existe abertura de mente para os seus ensinamentos e maneiras»⁹⁵.

A *koinônia*, segundo pilar, é uma expressão mais paulina do que lucana e que pode aludir à harmonia criada por um objetivo comum ou pelo facto de se trabalhar em conjunto. O que vai ser descrito em At 2,44-45 aumenta o significado do termo, dado que a comunhão era realizada pela partilha dos bens da comunidade.⁹⁶ Esta é «um *hápax* na obra lucana, mas presente com vários significados nas cartas paulinas. Em si mesma, a palavra pode ter vários sentidos que vão desde a união espiritual entre os crentes até à prática da esmola ou da comunhão de bens»⁹⁷.

Além disso, a *koinônia* pode ser vista como a relação com o ensinamento apostólico, mostrando a unicidade da fé, dado que para além dos bens, aqueles que faziam parte da comunidade também partilhavam da fé. «Eles compartilhavam a Palavra de Deus e as suas experiências de Deus mais íntimas. (...) Compartilhar as nossas experiências pessoais da fé comum faz parte da *koinônia*, faz parte da obra do Espírito»⁹⁸.

⁹² Cf. Craig S. Keener, *Acts: An Exegetical Commentary, Introduction and 1:1-2:47*, vol. 1 (Estados Unidos: Baker Academic, 2012), 1001-1002.

⁹³ Keener, *Acts: An Exegetical Commentary*, 1002.

⁹⁴ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 117.

⁹⁵ Luis Antonio Tagle, *Comunidad Pascual* (Barcelona: Herder, 2016), 46.

⁹⁶ Keener, *Acts: An Exegetical Commentary*, 1003.

⁹⁷ Gérard Rossé, *Atti degli Apostoli: Commento esegetico e teológico* (Roma: Città Nuova, 1998), 165.

⁹⁸ Tagle, *Comunidad Pascual*, 40.

O terceiro pilar que Lucas apresenta é a fração do pão, que é uma «expressão utilizada pelos Actos dos Apóstolos para designar a Eucaristia, edifica a comunidade pela comunhão que ela expressa e reclama como memória viva de Cristo vivo e ressuscitado, como celebração da vida inaugurada pelo seu gesto de amor»⁹⁹. É de ressaltar que esta formulação é cristã, uma vez que, para os judeus, este partir do pão está relacionado com o rito de abertura de uma refeição.¹⁰⁰

Este pilar está muito provavelmente relacionado, com a Ceia do Senhor, como podemos ver na passagem dos discípulos de Emaús que reconhecem o Senhor na fração do pão (cf. Lc 24,35). Se Lucas olha para a Ceia do Senhor como uma refeição em memória do que Jesus tivera feito (cf. Lc 22,19), estas refeições, na comunidade primitiva, podem ter sido tomadas no mesmo espírito da Ceia do Senhor.¹⁰¹

Por fim, Lucas apresenta o quarto pilar da comunidade que se formou após o Pentecostes: as orações. Segundo D. Marguerat «o plural é surpreendente: evoca uma prática regular de oração, seguindo o ritmo judaico do *tamid*, com as suas três orações diárias ao amanhecer, às quinze horas e ao pôr do sol. A participação dos apóstolos na oração do templo é recordada em 3,1; a comunidade tem também os seus próprios horários de oração, como atesta 4,24-31»¹⁰².

É certo que, este ritmo judaico, também testemunhado na *Didachê* (cf. *Didachê* 8, 2-3¹⁰³), faz parte da oração de uma parte da comunidade. Lucas dá algum destaque a esta questão, mostrando uma face da comunidade primitiva.¹⁰⁴ O plural também «pode referir-se à participação dos primeiros cristãos nas orações do Templo (3,1) ou ao seu uso de orações específicas (Barrett, Actos, 166). Em todo o caso, "orações" parece significar orações oferecidas pelos cristãos em comunidade, como em 1,24-25; 4,24-30; 12,12»¹⁰⁵.

O v.43 tem um estilo bíblico, construído com ἐγίνετο. A primeira perseverança da comunidade que podemos ver é a sua adesão aos atos miraculosos que advinham do ensino apostólico.¹⁰⁶ Este versículo é uma das muitas sínteses sobre milagres no livro dos Atos dos Apóstolos. O uso do tempo imperfeito para descrever o aparecimento do medo, foi usado para fazer notar que este medo ainda perdurou algum tempo. Este medo abre a que se entenda que, nas suas 5 ocorrências neste livro (cf. At 2,43; At 5,5.11; At 9,31; At 19,17), Deus foi

⁹⁹ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 109.

¹⁰⁰ Cf. Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 117.

¹⁰¹ Cf. Keener, *Acts: An Exegetical Commentary*, 1004.

¹⁰² Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 117.

¹⁰³ «Também não deveis rezar como fazem os hipócritas, mas como o Senhor o mandou no seu Evangelho (...) Orai assim três vezes ao dia».

¹⁰⁴ Cf. Keener, *Acts: An Exegetical Commentary*, 1011.

¹⁰⁵ Fitzmeyer, *The Acts of the Apostles*, 271.

¹⁰⁶ Cf. Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 118.

glorificado, mostrando que as multidões já estavam atentas ao que o Senhor fazia por meio dos Apóstolos.¹⁰⁷

Marguerat afirma que «a ligação tipicamente lucana de palavra/milagre permite compreender isto: a palavra prova a sua eficácia na ação. A fórmula “prodígios e sinais” lembra imediatamente a citação de Joel em 2,19, e o autor dos Actos recorrerá a ela frequentemente para designar a atividade terapêutica de Jesus e do seu povo»¹⁰⁸.

No v.44, o autor dos Atos realça um ponto da *koinônia*, que o voltará a mencionar em At 4,32-35: o v.44 atesta o princípio da comunhão e da partilha dos bens e o v.45 apresenta o modo como isto se realiza na comunidade. Esta insistência revela «a afinidade natural do autor por um ideal de pobreza vivido à escala comunitária como amor fraterno»¹⁰⁹.

A fórmula “ἦσαν ἐπὶ τὸ αὐτὸ” apresenta um acordo na direção que a comunidade deveria tomar. Com raízes no Antigo Testamento, encontramos esta mesma fórmula com uma tradução com um teor local (cf. At 2,1) ou com um teor social (cf. At 1,15; At 4,26).¹¹⁰ Contudo, «os comentadores debatem sobre até que ponto a descrição lucana da vida comum cristã foi influenciada pelos costumes essênios ou pitagóricos ou mesmo pelas ideias gregas de amizade»¹¹¹.

No v. 45 podemos assistir a uma mudança na representação. Se no v. 44, Lucas apresentava a circulação dos bens no interior da comunidade, aqui os bens e as propriedades eram vendidas e o dinheiro entregue aos mais necessitados. Assim, «Lucas generaliza alguns exemplos excepcionais de generosidade que lhe foram transmitidos pela tradição (Act 4,36-37) e propondo tais gestos aos cristãos do seu tempo»¹¹². D. Marguert atesta que:

«este último esclarecimento vem de Lucas, em 4,34: "Porque não havia entre eles nenhum indigente". Nem comunismo igualitário, nem repugnância pelos bens materiais, o espírito de partilha atinge o seu objetivo nesta cláusula: "O ideal perseguido não é precisamente o da espoliação e da pobreza voluntária, mas o de uma caridade que não pode aceitar que os irmãos passem necessidade. Abandona-se os bens não por desejo de ser pobre, mas para que não haja pobres entre os irmãos". Isso está longe de ser a imposição feita aos neófitos de Qumran de se despojarem de seus bens impuros em benefício da comunidade»¹¹³.

No v. 46, Lucas descreve a frequência no Templo, dado que apesar de terem sido batizados, os que compunham a comunidade continuavam a ser uns judeus exemplares.¹¹⁴ A característica da vida cultural da comunidade é colocada através da permanência, da

¹⁰⁷ Cf. Keener, *Acts: An Exegetical Commentary*, 1011.

¹⁰⁸ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 118.

¹⁰⁹ Rossé, *Atti degli Apostoli*, 167.

¹¹⁰ Cf. Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 118.

¹¹¹ Fitzmeyer, *The Acts of the Apostles*, 271.

¹¹² Rossé, *Atti degli Apostoli*, 168.

¹¹³ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 119-120.

¹¹⁴ Cf. Fitzmeyer, *The Acts of the Apostles*, 272.

perseverança e da unanimidade. Aqui é possível analisar uma diversidade a nível geográfico que mais à frente se irá repetir (cf. At 5,42), ou seja, apesar de os crentes serem frequentes no templo, o “partir do pão” acontece em casa.¹¹⁵

Aqui, o leitor é capaz de acompanhar a mudança que se vai dando ao longo dos Atos dos Apóstolos: da continuidade com Israel que vemos através da permanência no Templo, para a importância que a casa ganha para a definição da identidade cristã, vindo a tornar-se «o lugar onde os missionários são acolhidos e o lugar onde a salvação é incorporada no coração da vida quotidiana»¹¹⁶.

Esta referência requer o reconhecimento da autoridade primordial de Deus. Além disso, a oração tem a meta de formar e manter a unidade, principalmente nos momentos em que a comunidade passa por provações.¹¹⁷ Por fim, este relato termina, no v. 47, com a apresentação das orações como a última característica da Igreja primitiva. Segundo Gérard Rossé,

«o louvor a Deus é, juntamente com a alegria, outro sinal de salvação. O participio ("louvando") não se relaciona exclusivamente com o verbo "tomavam alimento" (como confirma também o participio seguinte). O louvor a Deus, portanto, é elevado em casa e no templo, ou seja, torna-se a atitude característica de toda a existência do crente perante a ação salvífica de Deus»¹¹⁸.

O texto termina com a indicação do crescimento da comunidade, devido à vida exemplar que os crentes levavam. Este que se torna um refrão, repetido mais vezes ao longo do livro dos Atos, possui uma dupla revelação: em primeiro lugar a irradiação do evangelho no mundo como fruto da bênção de Deus e, em segundo lugar, o poder que a comunidade tinha para atrair é atribuído a Deus e não aos seus membros, dado que é Deus que faz com que a comunidade dos que se salvam cresça.¹¹⁹

2.1.2. Observações Conclusivas

Daqui reiteram-se os quatro pilares em que a comunidade primitiva se fundava: o ensino apostólico, a comunhão, a fração do pão e as orações. Este sumário lucano, com forte ligação ao relato do Pentecostes, leva-nos a tentar perceber como é que o Espírito atua naqueles que constituem aquela comunidade, que se torna modelo para as nossas comunidades atuais, uma comunidade que é fundada na comunhão.

¹¹⁵ Cf. Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 121.

¹¹⁶ Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 121.

¹¹⁷ Cf. Celarc, «Narrative summaries in Acts of the Apostles. Reading of the first summary account (2:42-47)», 160.

¹¹⁸ Rossé, *Atti degli Apostoli*, 169.

¹¹⁹ Cf. Marguerat, *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, 122.

É de ressaltar que à Igreja, inicialmente, era-lhe aplicado o termo *koinônia* antes de se começar a usar *ekklesia*, constatando-se que a Igreja é, desde a sua gênese, uma Igreja comunhão.

O ensino dos Apóstolos é, antes de tudo, uma linha de continuidade entre aquilo que Jesus transmitiu aos Apóstolos e aquilo que estes transmitem. A *didachê* é o anúncio do Messias e a confirmação desta atitude que Deus tem para com a humanidade inteira. Além disso, a comunidade era perseverante a este ensino. A comunidade fica mais forte quando o ensino se vive de forma recíproca: temos de aprender uns com os outros.¹²⁰

A comunhão, com sentido social, exprime a «comum participação de muitos num mesmo bem, o que cria relações de compromisso mútuo e forma um grupo ou corpo social, uma comunidade»¹²¹. A comunhão demonstra a unicidade da fé, «demonstra um compromisso recíproco, que tem como resultado que não há uma única pessoa necessitada ou empobrecida na comunidade. Este compromisso conduz a uma qualidade de vida decente, uma vida vivida de forma inclusiva e igualitária, numa relação recíproca»¹²².

A fração do pão era o modo usado para indicar a Eucaristia, uma formulação cristã, dado que para os judeus fracionar o pão relacionava-se com o rito de abertura de uma refeição. Segundo o Cardeal Luis Antonio Tagle,

«a terra é como uma mesa comum à volta da qual todos nos poderíamos reunir para partilhar a vida. Hoje, no entanto, a terra parece estar a ser confiscada pelos detentores do poder como se fosse o seu próprio domínio, um domínio do qual aqueles que não são como eles não são convidados a aproximar-se. A terra está a caminho da destruição se continuar nesta direção. Assim, a família humana empobrece cada vez mais por não se poder reunir à volta dessa mesa comum e generosa que é a terra. Uma comunidade que se reúne para partilhar o pão oferece esperança aos pobres que estão cansados de serem marginalizados e reduzidos a apanhar migalhas da mesa dos ricos que possuem a terra»¹²³.

As orações, pilar fundamental na vida da comunidade, mostram que os judeus continuavam a rezar segundo a prática judaica. A oração não é só o recitar de fórmulas rituais já prescritas, mas experimentar a comunhão com Deus que, no tempo da comunidade primitiva, exprimia a esperança na vinda de Cristo.¹²⁴

Em síntese, podemos afirmar que as comunidades atuais devem ter como modelo a comunidade primitiva. Olhando às características desta comunidade modelo podemos estabelecer quatro critérios, relacionados com cada um destes pilares, para as comunidades atuais.

¹²⁰ Cf. Tagle, *Comunidad Pascual*, 46.

¹²¹ Elias Wolff, «Comunhão», em *Dicionário do Concílio Vaticano II* (São Paulo: Paulus, 2015), 162.

¹²² Tagle, *Comunidad Pascual*, 39.

¹²³ Tagle, *Comunidad Pascual*, 45.

¹²⁴ Cf. Tagle, *Comunidad Pascual*, 41-42.

Assim sendo, cada vez mais é necessário que os elementos das comunidades estejam atentos à formação (ensino dos Apóstolos). Uma formação que, à semelhança do ensino apostólico, permita uma aprendizagem recíproca, crescendo à luz do ensinamento apostólico e na fidelidade àqueles que têm o múnus de ensinar, à imagem dos Apóstolos.

É também cada vez mais necessário educar as nossas comunidades para um maior sentido de pertença (comunhão), que se encontra em crise. O sentido de pertença a uma comunidade conduz à comunhão, a um compromisso comunitário que conduz a um acolhimento que dá frutos, dado que é necessário reconhecer que uma parte dos batizados não se sente pertença da Igreja. Na base disso, pode estar a existência de estruturas com clima pouco acolhedor em algumas das nossas paróquias e comunidades (cf. EG 63).

Viver em comunidade é também viver numa partilha (fração do pão) e numa participação (oração) constante. É preciso que nas comunidades se aprenda a partilhar uns com os outros, a ser servidores dos mais pobres e marginalizados. Não se trata aqui de partilhar o mais caro e mais luxuoso, o que nos colocaria à berma da luxúria, mas trata-se de partilhar o mais básico e essencial: o pão.

O Papa Francisco, numa das suas catequese sobre o Pai Nosso, afirma que «o pão que o cristão pede na oração não é o “meu” pão mas o “nosso”. Assim quer Jesus. Ensina-nos a pedi-lo não só para nós mesmos, mas para a inteira fraternidade do mundo»¹²⁵. O pão que podemos partilhar no nosso dia-a-dia, também o pode ser através da oração, especialmente, da Eucaristia.

2.2. Coordenadas eclesiológicas para (re)pensar a comunidade

Tendo em conta o âmbito da nossa reflexão achamos por bem não fazer agora um percurso histórico até à eclesiologia de comunhão tal como nos é apresentada pelo Concílio Vaticano II. Contudo, é de ressaltar que o nosso trabalho parte da Revelação bíblica e caminha em direção à ideia central que surge do Concílio Vaticano II: a eclesiologia de comunhão.

Segundo Adolfo Galeano Atehortúa,

«na sua longa história, a Igreja encarnou em culturas e contextos socioeconómicos e políticos muito diferentes; teve diferentes fases de desenvolvimento. Alguns momentos cruciais foram os primeiros séculos, quando saiu do seio judaico e entrou no Império Romano; no século VI, foi obrigada a abandonar essa civilização romana e a adaptar-se ao novo mundo dos bárbaros, mas não sem antes assumir muitos valores e estruturas da civilização romana. Depois, teve de abandonar a Idade Média e instalar-se na modernidade. Na mesma altura, teve de se adaptar ao novo mundo da América. Por conseguinte, não é possível dar uma definição única e exaustiva da Igreja. No nosso tempo, precisamente, a Igreja está a entrar numa nova fase da sua história, e surgem novas eclesiologias que tentam novas compreensões do que é a realidade complexa e

¹²⁵ Papa Francisco, *Audiência Geral*, 27.03.2019.

cheia de vitalidade que é a Igreja. (...) Em suma, pode dizer-se que estamos a passar de uma eclesiologia estática para uma eclesiologia dinâmica-escatológica e evolutiva»¹²⁶.

Durante vários séculos, a Igreja era vista como sociedade perfeita, como nos chega pela *Mystici Corporis*, na qual Pio XII afirma que a Igreja é sociedade perfeita no seu género (cf. MC 61). Esta visão não traduzia a perfeição moral, mas a certeza de que a Igreja tem em si aquilo que necessita para alcançar os seus fins.¹²⁷ «Esta visão eclesiológica, dominante durante séculos, salienta a natureza sociológica e institucional que esta concepção focaliza e a redução fenoménica que escamoteia a essência espiritual e a instituição que a precede»¹²⁸.

2.2.1. A Eclesiologia de Comunhão do Vaticano II

«O Vaticano II foi, de facto, “um concílio da Igreja sobre a Igreja”, tendo a Igreja sido tanto o sujeito como o objeto das declarações autorizadas dos padres conciliares»¹²⁹, traduzindo uma convergência do pensamento eclesiológico que levou a que se investigasse o mistério eclesial no que diz respeito às suas problemáticas. Todavia, «trata-se de um eclesiocentrismo de natureza diferente do seu predecessor [Concílio Vaticano I], porque agora procura responder à preocupação de restituir à Igreja o seu lugar natural no projeto divino»¹³⁰. É certo que o facto de se ter enfatizado a dimensão temporal e visível da Igreja e não se ter olhado mais para o mistério comunhão, levou a que houvesse uma conceção eclesial que via na Igreja duas classes de cristãos.¹³¹

Sendo assim, o concílio recupera, inicialmente, a categoria de mistério presente nos Padres da Igreja, estando incluída no desígnio salvífico de Deus e é daqui que os Padres da Igreja «procuram identificar o papel e a função da Igreja na economia da salvação e evidenciar os aspetos que revelam uma realidade mística superior a si mesma»¹³².

O conceito de *mysterion* é traduzido pelo latim como *sacramentum*, que toma como ponto de partida a carta aos Efésios (cf. Ef 5,32), referindo-se ao plano salvífico de Deus, revelado em Jesus e na Igreja. O concílio, ao olhar para a Igreja como *sacramentum*, usa o “sinal” como primeira explicação, «embora com uma matriz característica, pois onde o Vaticano I usa em chave apologética a expressão “*ela mesma como sinal*” (*ipsa veluti signum*), o Vaticano II

¹²⁶ Adolfo G. Atehortúa, «Una eclesiología histórica-escatológica para la postmodernidad. El cambio de paradigma dentro de la orientación postmoderna nacia la historia y la hermenéutica», *Cuestiones Teológicas* 44, n. 102 (2017): 403.

¹²⁷ Cf. Eloy Bueno de la Fuente, *Eclesiología* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998), 12.

¹²⁸ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 59.

¹²⁹ Lubomir Žak, «Ecclesiologia Fondamentale del Vaticano II: Spunti di riflessione alla luce della ricezione della *Lumen Gentium*», *Lateranum* 81, n. 1 (2015): 37.

¹³⁰ Giovanni Tangorra, *La Chiesa secondo il Concilio* (Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2007), 73.

¹³¹ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 59.

¹³² Bueno de la Fuente, *Eclesiología*, 4.

qualifica-a com uma referência cristológica: "em Cristo como sacramento, isto é, sinal (*in Christo veluti sacramentum seu signum*)" (LG 1)»¹³³.

No Sínodo extraordinário de 1985, esta categoria é reafirmada para entender a identidade da Igreja e para a indicar nas discussões intraeclesiais¹³⁴. Para Giovanni Tangorra, esta categoria possibilitou «superar a redução fenoménica da Igreja e evidenciar a essência espiritual que explica, justifica e sustém as próprias estruturas exteriores»¹³⁵.

Lubomir Žak afirma que houve uma nova significação do conceito de ser, devido a Duns Escoto, o que conduziu a uma mudança no discurso sobre a Igreja. Além disso, segundo ele

«a teologia deixou de se basear nas descrições bíblicas e de ver na igreja a assembleia sacramental de homens reunidos em nome de Cristo, preferindo cada vez mais medir e definir a realidade eclesial com a "medida" do direito e demonstrando um interesse crescente pelas questões relativas à sua estrutura organizativa e ao seu governo. Desde então, a doutrina católica oficial tem sido confrontada, quase exclusivamente, com uma única imagem da imagem da Igreja: a de uma "instituição" religiosa visível»¹³⁶.

O concílio, na *Lumen Gentium*, utiliza um conjunto variado de vocábulos para abordar a Igreja: «rebanho, templo, povo, edifício, nova Jerusalém, mistério, corpo, comunhão, sacramento, família, esposa... Qualquer uma destas imagens, apresentada isoladamente seria muito redutora para falar do mistério da Igreja e nenhuma delas por si só, poderia apresentar o mistério da Igreja na sua totalidade»¹³⁷.

Estas imagens apontam para uma ideia que surge no Sínodo extraordinário de 1985 e é retomada por João Paulo II, na *Christifidelis Laici*, que atesta que «a eclesiologia de comunhão é a ideia central e fundamental nos documentos do Concílio. A *Koinonia* - comunhão, fundada na Sagrada Escritura, é tida em grande honra na Igreja antiga e nas Igrejas orientais até aos nossos dias» (CL 19).

Walter Kasper, no comentário a este Sínodo, afirma que, nos relatórios enviados para a preparação deste sínodo, está patente a relação Igreja Universal - Igreja Particular, entre a unidade e pluralidade¹³⁸. Atesta ainda que «a Igreja é comunhão na medida em que é participação na comunhão trinitária, o que significa que ela é multiplicidade na unidade»¹³⁹.

Como diz S. Paulo na Carta aos Coríntios: «Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de ação, mas é o

¹³³ Salvador Pié-Ninot, *Eclesiología: La sacramentalidad de la comunidad cristiana* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015), 178.

¹³⁴ Cf. Bueno de la Fuente, *Eclesiología*, 22.

¹³⁵ Tangorra, *La Chiesa secondo il Concilio*, 90.

¹³⁶ Žak, «Eclesiologia Fondamentale del Vaticano II», 42.

¹³⁷ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 61.

¹³⁸ Cf. Walter Kasper, *Il futuro dalla forza del Concilio: Sinodo straordinario dei vescovi 1985, Documenti e commento* (Brescia: Queriniana, 1986), 83.

¹³⁹ Kasper, *Il futuro dalla forza del Concilio*, 84.

mesmo Deus que realiza tudo em todos» (1Cor 12,4-6). É desta diversidade de dons e carismas que a Igreja é composta.

A partir da LG 13, Bruno Forte indica três níveis da comunhão na Igreja. O primeiro é que a «*communio Sancti*», a comunhão no Espírito de Cristo e é por isso que a comunhão eclesial é mistério, dado que ela «traz em si os sinais deste encontro sem precedentes entre o mundo do Espírito e o mundo dos homens»¹⁴⁰, levando a Igreja a fazer presente, em todo o tempo e lugar, este encontro do Espírito e da carne.

O segundo nível de comunhão é a «*communio sanctorum sacramentorum*», a comunhão das realidades santas. Neste nível de comunhão, estão presentes dois caminhos para a comunhão: a Palavra e o Sacramento, que estão presentes de forma exclusiva e encaminham para a Ceia do Senhor, recordando a Eucaristia, sacramento donde brota a comunhão eclesial. Uma comunhão que «é toda ela ministerial, dado que toda ela – na variedade dos ministérios – está chamada a esta tríplice tarefa profética, sacerdotal e real. Cada um dos batizados é configurado, pelo Espírito Santo, a Cristo profeta, sacerdote e pastor»¹⁴¹.

Por fim, o terceiro nível apontado para a comunhão é a «*communio sanctorum fidelium*», a comunhão dos santos, no sentido que todos os batizados participam do único Espírito e foram também enriquecidos na variedade dos seus dons. Sendo assim, a comunidade eclesial tem de estar sempre aberta à ação do Espírito, estar comprometida com a vitória sobre o pecado e estar sempre com um sentido de responsabilidade.¹⁴²

Outra categoria que o Concílio Vaticano II realça é a categoria de Povo de Deus, uma categoria que inicialmente não estava antevista nos trabalhos conciliares. Nicola Ciola atesta que

«a categoria do *povo de Deus* conseguiu, em grande parte, dizer a pluriformidade do mistério da igreja. Sobretudo no contexto dos problemas que surgiram durante e em torno do Concílio Vaticano II, a categoria do *povo de Deus* conseguiu pôr em evidência todo o corpo eclesial antes de qualquer articulação hierárquica, sublinhando a responsabilidade de toda a igreja perante a sociedade e a história»¹⁴³.

Além dele, também Dario Vitali afirma que «o tema do Povo de Deus tende a configurar-se de um modo muito formal nas sínteses de eclesiologia como uma das imagens de Igreja»¹⁴⁴. Olhando aos dois primeiros capítulos da *Lumen Gentium* podemos ficar com a sensação de que há uma mudança do ser para o sujeito. Contudo,

¹⁴⁰ Bruno Forte, *La Iglesia, Icono de la Trinidad: Breve Eclesiología* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2016), 73.

¹⁴¹ Forte, *La Iglesia, Icono de la Trinidad*, 73.

¹⁴² Cf. Forte, *La Iglesia, Icono de la Trinidad*, 75.

¹⁴³ Nicola Ciola, *Concilio Vaticano II e Rinnovamento Teologico* (Città del Vaticano: Lateran University Press, 2013), 112.

¹⁴⁴ Dario Vitali, *Popolo di Dio* (Assisi: Cittadella Editrice, 2013), 184.

«o risco de uma dicotomia é afastado por este esclarecimento da Comissão Teológica Internacional: “O povo de Deus é simultaneamente mistério e sujeito histórico; de modo que o mistério constitui o sujeito histórico e o sujeito histórico revela o mistério. Seria, portanto, puro nominalismo separar na “Igreja-povo de Deus” o aspeto de mistério e o aspeto de sujeito histórico”. O efeito é uma Igreja que vive entre os homens, uma eclesiologia que elimina os dois limites do objetivismo e do espiritualismo»¹⁴⁵.

Com a recuperação da categoria do Povo de Deus, graças a uma «revolução copernicana», dado que a constituição sobre a Igreja, aborda o Povo de Deus, antes de analisar a hierarquia da Igreja¹⁴⁶, coloca-se fim ao modelo piramidal da Igreja. O Papa Francisco afirma que «nesta Igreja, como numa pirâmide invertida, o vértice encontra-se abaixo da base. Por isso, aqueles que exercem a autoridade chamam-se “ministros”, porque, segundo o significado original da palavra, são os menores no meio de todos»¹⁴⁷.

Além do mais, esta categoria é um elemento fundamental no pensamento eclesiológico do Papa Francisco. Na *Evangelii Gaudium*, dedica a primeira parte do capítulo III a esta categoria, formando uma afirmação da renovada centralidade estando fundada na Escritura, na Tradição e na oração¹⁴⁸, atestando que

«a evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus. Trata-se certamente de um mistério que mergulha as raízes na Trindade, mas tem a sua concretização histórica num povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional. Proponho que nos detenhamos um pouco nesta forma de compreender a Igreja, que tem o seu fundamento último na iniciativa livre e gratuita de Deus» (EG 111).

O Concílio Vaticano II, na sua génese tinha, como foi querido por João XXIII, uma forte conversão pastoral. Este, juntamente com a eclesiologia de comunhão que dele brota, indicam uma conversão pastoral, apelando à *Ecclesia semper reformanda* e *Ecclesia semper purificanda* pondo em prática esta comunhão como modo de ler uma renovada eclesiologia.¹⁴⁹

O impulso que a *Ecclesia semper reformanda* conciliar recebe do Papa Francisco, no qual «a conversão pastoral em chave missionária não é apenas um acto isolado ou um conjunto de reformas estruturais, mas um processo permanente que envolve o inteiro Povo de Deus com todos os seus agentes, estruturas e contextos»¹⁵⁰, dá a possibilidade da eclesiologia de comunhão se desenvolver numa cultura de comunhão e de participação, abrindo caminho e colocando em prática uma conversão pastoral, num estilo sinodal.

¹⁴⁵ Giovanni Tangorra, «Una categoria conciliare dibattuta: Il “Popolo di Dio”», *Lateranum* 81, n. 2 (2015): 320.

¹⁴⁶ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 62.

¹⁴⁷ Francisco, «Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos», 17-10-2015.

¹⁴⁸ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 62.

¹⁴⁹ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 291.

¹⁵⁰ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 292.

A receção da eclesiologia do Concílio Vaticano II faz-se sentir no CNE, como afirma a CEP:

«A comunhão, que o Corpo Nacional de Escutas é chamado a viver, expressa-se interna e externamente. Em primeiro lugar, a própria expressão “Corpo” aponta no sentido da unidade e da comum pertença a algo, não obstante as diferenças. Essa dimensão materializa-se na busca de um rumo comum e torna-se particularmente visível na forma como os Agrupamentos, Núcleos e Regiões articulam as suas metas, planos e ações com o nível nacional. Todos os esforços devem ser feitos nesse sentido, para preservar a unidade do CNE.

Em segundo lugar, a comunhão vivida internamente tem também uma expressão eclesial imprescindível. Desde logo, o pressuposto de que o CNE faz parte da Igreja deve estar sempre presente, inclusive na definição de objetivos e na partilha da comum missão da Igreja. A forma imediata de aferir a solidez deste laço eclesial encontra-se na relação com os Assistentes eclesiásticos das diferentes instâncias, pois cabe-lhes representar a Hierarquia da Igreja no Movimento. Mas a dimensão eclesial remete igualmente para a busca permanente de comunhão com outras instâncias eclesiais de pastoral. A comunhão com outros grupos ou Movimentos é muito importante pois a todos cabe a missão de, «com a vivacidade dos carismas que lhes foram concedidos pelo Espírito Santo para o nosso tempo, oferecer a sua contribuição específica para favorecer nos fiéis a perceção desta sua pertença ao Senhor (Rm 14,8)»¹⁵¹.

2.2.2. A Sinodalidade como expressão e realização desta comunhão

A eclesiologia de comunhão que brotou do Concílio Vaticano II apresenta a Igreja como todo o Povo de Deus reunido na unidade trinitária (LG 4), onde todos os membros são introduzidos em Cristo através do Batismo e revestidos duma mesma dignidade e corresponsabilidade na missão da Igreja.¹⁵²

O documento preparatório da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos afirma que «o caminho sinodal desenvolve-se num contexto histórico, marcado por mudanças epocais na sociedade e por uma passagem crucial na vida da Igreja, que não é possível ignorar: é nas dobras da complexidade deste contexto, nas suas tensões e contradições, que somos chamados “a investigar os sinais dos tempos e a interpretá-los à luz do Evangelho” (GS, n. 4)» (DPS 4).

A sinodalidade apresenta-se como estilo para uma constante conversão pastoral, que, segundo o Papa Francisco, deve ser em chave missionária (cf. EG 25). A sinodalidade aponta para uma

«dinâmica peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, traduzindo-se como um *modus vivendi et operandi* que se realiza através da escuta comunitária da Palavra e da celebração da Eucaristia, da fraternidade e da comunhão e da corresponsabilidade e participação de todo o Povo de Deus nos seus vários níveis e da distinção dos diversos ministérios, vocações e funções na única missão da Igreja»¹⁵³.

¹⁵¹ CEP, *Corpo Nacional de Escutas - CNE: Caminho de Esperança* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2012), 10-11.

¹⁵² Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 286.

¹⁵³ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 287.

Esta constante conversão pastoral que a sinodalidade reclama é colocada em prática pela eclesiologia de comunhão que foi a ideia central do Concílio Vaticano II. O estilo missionário que o Papa Francisco indica requer um «dinamismo eclesial de edificação e missão, sístole e diástole, *ad intra* e *ad extra*, onde o *ad intra* se estrutura à luz do *ad extra*, isto é, porque a Igreja vive e compreende-se na sua missão, pela sua diaconia ao mundo»¹⁵⁴.

Esta conversão não é só o traduzir para uma linguagem acessível dos nossos dias só o tesouro da tradição, mas toda ela, ou seja, é um ininterrupto convite à *Ecclesia semper reformanda e purificanda*, usando a comunhão para analisar uma eclesiologia renovada. Não podemos esquecer que

«toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação. Esta é, sem dúvida, a razão do movimento para a unidade. A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma. Assim, se em vista das circunstâncias das coisas e dos tempos houve deficiências, quer na moral, quer na disciplina eclesiástica, quer também no modo de enunciar a doutrina - modo que deve cuidadosamente distinguir-se do próprio depósito da fé - tudo seja recta e devidamente restaurado no momento oportuno» (UR 6).

Além disso, percebemos que a sinodalidade está no centro do interesse ecuménico de todos os cristãos, dado que ela simboliza uma solicitação a percorrer juntos o caminho que conduz à verdadeira comunhão (cf. CTI 9). Com a tradição bíblica percebemos que as comunidades já faziam uma verdadeira experiência de sinodalidade. Era em comunidade que discutiam os problemas que iam sendo colocados à Igreja naquele tempo.

Olhando a estruturação escutista, é perceptível esta escuta comunitária na resolução dos problemas, através dos vários conselhos que existem.¹⁵⁵ «Por isso, a sinodalidade é um princípio que deve vivificar toda a vida e práxis eclesial, traduzindo-se num verdadeiro e permanente processo de reforma, isto é, de aperfeiçoamento na resposta à missão que Jesus lhe confiou»¹⁵⁶.

A sinodalidade tem quatro elementos que a estruturam e que não podemos desprezar, são eles: igual dignidade batismal, corresponsabilidade, governo pastoral comunal e conselho como parte integrante da decisão pastoral e o discernimento como método.

2.2.2.1. Igual Dignidade e Unidade na Missão

A sinodalidade começa na igual dignidade de todos os batizados. «A evangelização é uma acção individual, mas uma missão que toda a comunidade cristã deve levar a cabo, pois todo o Povo de Deus é enviado a evangelizar»¹⁵⁷.

¹⁵⁴ Sérgio Filipe Pinho Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco: A sinodalidade como estilo para uma permanente conversão pastoral* (Prior Velho: Paulinas, 2021), 85.

¹⁵⁵ Cf. art.º 35º, 36º, 37º, 39º, 42º, 44º, 45º, 48º, 51º, 55º, 57º, *Regulamento Geral* (2020).

¹⁵⁶ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 285.

¹⁵⁷ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 294.

O Papa Francisco, na Audiência Geral, em 15 de março de 2023 diz que:

«no âmbito da unidade da missão, a diversidade de carismas e ministérios não deve dar lugar, no seio do corpo eclesial, a categorias privilegiadas: aqui não há uma promoção, e quando tu concebes a vida cristã como uma promoção, isto é, aquele que está em cima comanda os outros porque conseguiu subir, isto não é cristianismo. Isto é paganismo puro. A vocação cristã não é uma promoção para subir, não! É outra questão. E há uma coisa grande porque, embora «por vontade de Cristo, alguns sejam constituídos num lugar talvez mais importante, doutores, dispensadores dos mistérios e pastores a favor dos demais, reina, porém, igualdade entre todos quanto à dignidade e quanto à atuação, comum a todos os fiéis, em benefício da edificação do corpo de Cristo» (LG, 32). Quem tem mais dignidade, na Igreja: o bispo, o sacerdote? Não... todos somos cristãos ao serviço dos outros. Quem é mais importante, na Igreja: a religiosa ou a pessoa comum, batizada, a criança, o bispo...? Todos são iguais, somos iguais e quando uma das partes se considera mais importante do que os outros e levanta um pouco o nariz, erra. Não é essa a vocação de Jesus. A vocação que Jesus dá, a todos – mas inclusive a quantos parecem estar em postos mais altos – é o serviço, servir os outros, humilhar-te (...)

A questão da igualdade em dignidade pede-nos que repensemos muitos aspetos das nossas relações, que são decisivas para a evangelização»¹⁵⁸.

Esta igual dignidade implica um protagonismo sempre renovado de cada batizado, ao qual nenhum deve evitar ao seu compromisso e à sua parte no anúncio do Deus que nos salva (cf. EG 120). «Deste modo, é a condição de filhos de Deus que constitui o mais alto título de dignidade na Igreja, determinando assim o sentido de pertença»¹⁵⁹, o qual tem vindo a ser desvalorizado, como pudemos analisar atrás.

Com a eclesiologia conciliar devemos gerar uma Igreja comunhão, ícone da Trindade, onde a igualdade de todos não anula a diversidade. O modelo escutista é expressão disso mesmo: na diversidade que existe dentro do movimento, todos são iguais; na diversidade de funções dentro do sistema de patrulhas, todos trabalham com a mesma igualdade, para que todos sejam um (cf. Jo 17,21), para que sejam a mesma Igreja.

A basilar igualdade entre todos os fiéis, através da graça que receberam no dia do seu batismo, congrega os fiéis na Igreja, Corpo Místico de Cristo, para criar a unidade no seio da comunidade eclesial e, nesta igual dignidade, se fixam as diferenças dos ministérios, na sua essência e não somente no grau.¹⁶⁰

2.2.2.2. Corresponsabilidade

«A segunda prioridade identificada por uma Igreja que se descobre missionária e sinodal diz respeito ao modo como é capaz de solicitar a contribuição de todos, cada um com seus dons e funções, valorizando a diversidade dos carismas e integrando a relação entre dons hierárquicos e carismáticos. A perspectiva da missão coloca os carismas e os ministérios no horizonte do que é comum, salvaguardando assim a sua fecundidade, que fica comprometida quando estes se tornam prerrogativas que legitimam lógicas de exclusão. Uma Igreja sinodal missionária tem o dever de se perguntar como pode reconhecer e valorizar a contribuição que cada Batizado pode oferecer à missão, saindo de si mesma e participando junto com outros em algo maior» (ILS 54).

¹⁵⁸ Francisco, «Audiência Geral», 15-03-2023.

¹⁵⁹ Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 92.

¹⁶⁰ Cf. Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 95.

A missão de discernir os sinais dos tempos e aquilo que o Espírito pede à Igreja aqui e agora, *hic et nunc*, é tarefa de todos os batizados. A corresponsabilidade enfoca que «o sujeito unitário da evangelização é o Povo de Deus “peregrino e evangelizador”» (NDC 287), onde todos participam ativamente e são necessários nesta mesma ação¹⁶¹.

É necessário, no decorrer da ação eclesial, fazer com que a comunhão se vá manifestando tanto ao nível pessoal como comunitário, de modo que novas formas de corresponsabilidade e de participação sejam despontadas na vida dos fiéis (cf. PG 44). Contudo, não podemos cair no perigo de colocar a corresponsabilidade no mesmo âmbito da participação e da cooperação. Enquanto a corresponsabilidade tem um cariz batismal e acontece na vida concreta dos batizados, a participação revela-se uma responsabilidade concreta como, por exemplo, os ministérios laicais. Por outro lado, a cooperação é quando um leigo assume uma tarefa que, por sua natureza, pertence ao ministro ordenado.¹⁶²

A escuta do Povo de Deus tem a sua importância na preparação das assembleias sinodais (cf. EC art.º 6), o que coloca de lado a autoridade dos pastores, dado que a corresponsabilidade não elimina a diversidade, mas reivindica uma ligação «entre os ministérios de governo da comunidade eclesial e as estruturas de participação e corresponsabilidade»¹⁶³.

H. Müller, como afirma Sérgio Leal, apresenta algumas estruturas da corresponsabilidade como sendo locais institucionalizados da sinodalidade.¹⁶⁴ Contudo, podemos indicar os diferentes movimentos laicais como lugares de corresponsabilidade eclesial, de entre eles, o Movimento Escutista. Neste movimento, é possível identificá-lo como um promotor do Corpo de Cristo e do bem da Igreja, através da sua metodologia, que iremos abordar mais à frente. É através dos 8 pilares do método escutista que brota a corresponsabilidade onde todos são irmãos de todos, onde um respeita o todo, pois «os escuteiros de todo o mundo são embaixadores da amizade, que se dedicam a criar amigos e a abater barreiras erguidas pela cor, credo e classe social»¹⁶⁵.

2.2.2.3. Governo Pastoral Comunal

O documento da Comissão Teológica Internacional, “A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja” afirma que com

«base no fundamento da doutrina do *sensus fidei* do Povo de Deus e da colegialidade sacramental do episcopado em comunhão hierárquica com o Papa, é possível aprofundar a

¹⁶¹ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 297.

¹⁶² Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 298.

¹⁶³ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 298.

¹⁶⁴ Cf. Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 98.

¹⁶⁵ Robert Baden-Powell, *Escutismo para rapazes* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2002), 322.

teologia da sinodalidade. A dimensão sinodal da Igreja exprime o caráter de sujeito ativo de todos os Batizados e, ao mesmo tempo, a função específica do ministério episcopal em comunhão colegial e hierárquica com o Bispo de Roma» (CTI 64).

O governo pastoral, numa Igreja sinodal, implica a escuta de todos os batizados, caminhando da pluralidade de dons, carismas e ministérios. Neste governo encontramos um desafio, «na medida em que se deve repensar o modo como se pode e se deve realizar esta articulação entre o ministério de exercício pastoral e a colegialidade apostólica»¹⁶⁶.

Durante muitos anos a Igreja concebia uma ideia de uma eclesiologia piramidal, na qual a hierarquia estava no topo. Contudo, cada vez mais tem surgindo a ideia de uma estrutura piramidal invertida, na qual a hierarquia está na base. No discurso da comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, o Papa Francisco recorda que

«para os discípulos de Jesus, ontem, hoje e sempre, a única autoridade é a autoridade do serviço, o único poder é o poder da cruz, segundo as palavras do Mestre: “Sabeis que os chefes das nações as governam como seus senhores, e que os grandes exercem sobre elas o seu poder. Não seja assim entre vós. Pelo contrário, quem entre vós quiser fazer-se grande, seja o vosso servo; e quem no meio de vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mt 20, 25-27)»¹⁶⁷.

Com esta visão de uma Igreja ao serviço, ultrapassa-se o binómio clero/leigos que coloca de parte os religiosos e não tolera que se compreenda a realidade eclesial da Igreja e os seus ministérios de acordo com o Evangelho e de acordo com aquilo que o Espírito pede à Igreja nos dias de hoje.¹⁶⁸

É necessário entender que «o específico da condução e de governo pastoral não é um mero serviço de coordenação (...). O ministério pastoral tem uma raiz cristológica e uma missão que deriva do próprio Cristo, que transmite a sua *exousia* de tal modo que o ministro não representa a comunidade por ele governada, mas o próprio Cristo»¹⁶⁹.

A sinodalidade, sendo o rosto visível da eclesiologia de comunhão, é a forma de governo pastoral que mais se ajusta às orientações conciliares. É através do Concílio Vaticano II que a condução pastoral dos pastores se desenrola pelo assumir a cabeça de vários conselhos de modo que seja possível fomentar um governo pastoral mais impregnado na eclesiologia de comunhão.¹⁷⁰

Com o decrescente número de clero, este teve de buscar novos modos de se fazer presente nos seus territórios e de conduzir as suas comunidades, perspetivando um futuro de um serviço de coordenação e de organização pastoral. «Porém, infelizmente, o repensamento do governo

¹⁶⁶ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 300.

¹⁶⁷ Francisco, «Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos», 17-10-2015.

¹⁶⁸ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 301.

¹⁶⁹ Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 128.

¹⁷⁰ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 302.

pastoral efetua-se, muitas vezes, ainda a partir da questão da falta de presbíteros, mantendo-se uma visão clerical e *clericocêntrica* da vida pastoral»¹⁷¹.

O governo pastoral com estilo sinodal é a superação da projeção pastoral clericocêntrica. Esta visão clericocêntrica, para ser superada, requer uma «valorização da subjetividade eclesial que sublinhe que a ação pastoral é uma ação multiforme de todo o povo de Deus nos diversos ministérios, carismas e serviços»¹⁷². No relatório enviado por Portugal para a Secretaria Geral do Sínodo, no seguimento da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos: “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”, afirma-se que estamos perante:

«uma Igreja com uma atitude demasiado hierárquica, clerical, corporativa, pouco transparente, estagnada e resistente à mudança, que prioriza a manutenção da sua imagem ao invés de preservar a segurança da sua comunidade (...) uma Igreja onde os processos de tomada de decisão e escolha de lideranças é pouco transparente e inclusivo, restringindo a Igreja ao corpo composto pelo sacerdote e os leigos que desempenham uma função nos grupos paroquiais/movimentos eclesiais, geralmente tidos como um corpo demasiado elitista, que ocupa posições quase de modo vitalício e se mostra incapaz de delegar de forma repartida e rotativa as diversas funções, impedindo uma vivência mais democratizada e condizente com a sociedade (...) uma Igreja que não fomenta os níveis aceitáveis de formação dos vários agentes pastorais, com destaque para os sacerdotes, que apresentam uma formação deficiente quer para lidar com os problemas humanos da vida contemporânea, quer para trabalhar com os leigos, que exigem trabalho em equipa, corresponsável e de partilha de autoridade, surgindo o acompanhamento como dinâmica complementar e garantia da fecundidade da formação»¹⁷³.

Esta estrutura piramidal de serviço, hierarquicamente organizada, é visível no Escutismo. O Escutismo está organizado em nível hierárquico, primeiro no que diz respeito à sua organização nacional e externa (secções - agrupamentos - núcleos - regiões - nacional) e segundo no que diz respeito à sua organização interna (lobitos - exploradores - pioneiros - caminheiros - dirigentes).

Os dirigentes são chamados, em primeiro lugar, a assumir e viver a missão de educador pedagógico do CNE e a missão eclesial de evangelização, no cumprimento do seu sacerdócio batismal. Eles estão numa linha de serviço e de testemunho perante os elementos que lhes são confiados.¹⁷⁴

Segundo o art.º 27 §1 do Regulamento Geral do CNE, «de acordo com a natureza da Associação, há a todos os níveis assistentes eclesiásticos, constituídos dirigentes, aos quais compete: a) representar a Hierarquia no CNE; b) animar, com os dirigentes leigos, a comunidade escutista, no sentido de ela ser espaço eclesial de evangelização e vivência da Fé»¹⁷⁵.

¹⁷¹ Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 104.

¹⁷² Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 73.

¹⁷³ CEP, «Sínodo 2021/2023 - Relatório de Portugal», acedido a 25 de maio de 2024. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/sinodo-2021-2023-relatorio-de-portugal/>.

¹⁷⁴ Cf. CNE, *Adultos no Escutismo* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas), 8-9.

¹⁷⁵ Art 27 § 1, *Regulamento Geral* (2020).

O papel do Assistente no CNE é de uma enorme importância, pois é ele que vela pela educação cristã dos elementos. Ele está presente em todas as instâncias do CNE, desde a Junta Central à Unidade, fazendo parte de cada uma das mesmas. O Assistente anima «a comunidade escutista no sentido de ela ser espaço eclesial de evangelização e vivência da fé»¹⁷⁶. Além disso, é juntamente com a Equipa de Animação das Unidades, em modo sinodal, que o Assistente fomenta e anima «a vida espiritual e a educação da fé conforme o método escutista e o Plano Pastoral da Igreja local»¹⁷⁷.

2.2.2.4. Conselho como parte integrante da decisão pastoral

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco exorta para a necessidade do diálogo para a evangelização, o diálogo com a sociedade e com os que não pertencem à Igreja Católica (cf. EG 238) e mais à frente afirma que quem acredita na ação do Espírito, acolhe o dom que o Espírito semeou para nós (cf. EG 246).

A sinodalidade, expressão da eclesiologia de comunhão, exige o envolvimento e a participação de todo o sujeito da ação eclesial na missão que a Igreja tem.¹⁷⁸ «A missão de governo pastoral em chave de comunhão e numa Igreja sinodal (...) não pode ignorar que o sujeito da ação eclesial é todo o Povo de Deus e que os crentes são companheiros de caminho e, como participantes do único sacerdócio de Cristo, destinatários dos diversos carismas conferidos pelo Espírito Santo para o bem comum»¹⁷⁹.

A escuta do Povo de Deus é requerida pela renovação da vida sinodal. Não falamos de um parlamentarismo ou de tentar democratizar a vida eclesial, nem falamos de uma tentativa de clericalização dos leigos, mas trata-se da corresponsabilidade na missão da Igreja.¹⁸⁰

Segundo A. Sannino é necessário

«perceber a ação como expressão de um "nós" cristão que caminha decidindo em conjunto. Na decisão, o sujeito determina-se à ação e determina a ação. Decidindo-se a agir e decidindo agir, o sujeito desenha e define a sua projetualidade. Na presença de um sujeito plural, a determinação para a ação em que a decisão se concretiza supõe a formação de uma consciência comum, na qual participam todos os que se identificam no "nós" que determina a ação»¹⁸¹.

Na ação eclesial não podemos dispensar a presença do Povo de Deus, dado que todos têm alguma coisa a oferecer. Por isso, escutar a sua voz é essencial para o processo de

¹⁷⁶ Art 27 §11, *Regulamento Geral* (2020).

¹⁷⁷ Art 56 §5, *Regulamento Geral* (2020).

¹⁷⁸ Cf. Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 106.

¹⁷⁹ Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 106.

¹⁸⁰ Cf. Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 304.

¹⁸¹ Armando Sannino, *Nuova Immagine di Parrocchia: Un modello di rinnovamento* (Città del Vaticano: Lateran University Press, 2020), 332.

discernimento, «sabendo que esta responsabilidade eclesial reclama uma urgente formação dos fiéis leigos para a sinodalidade e a comum responsabilidade eclesial»¹⁸².

Para uma melhorada escuta, é necessário discernir o que o Espírito pede à Igreja aqui e agora, *hic et nunc*, e também trabalhar a partir deste mesmo ponto: o discernimento. Na vigília preparatória do Sínodo das Famílias, o Papa Francisco fala «num caminho de discernimento espiritual e pastoral» e para «individualizar [distinguir] aquilo que o Senhor pede hoje à sua Igreja, devemos prestar ouvidos às pulsações deste tempo e sentir o “odor” dos homens de hoje, até ficar impregnados das suas alegrias e esperanças, das suas tristezas e angústias»¹⁸³.

Na Carta do Santo Padre aos Párocos, em 02 de maio de 2024, o Papa exorta a que se pratique a arte do discernimento comunitário, através do método da “conversação no Espírito”, podendo vir a dar frutos nas variadas estruturas comunitárias. Ele afirma, recordando o Relatório Síntese da XVI Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos: “Por uma Igreja Sinodal: comunhão, participação e missão”, que

«o discernimento é elemento-chave da ação pastoral numa Igreja sinodal: “É importante que a prática do discernimento seja realizada também em âmbito pastoral, de modo adequado aos contextos, para iluminar a concretude da vida eclesial. Com esta prática será possível reconhecer melhor os carismas presentes na comunidade, confiar com sabedoria tarefas e ministérios, projetar à luz do Espírito os caminhos pastorais, indo para além da simples programação de atividades”»¹⁸⁴.

S. Lanza apresenta o discernimento, não como um momento do método, mas como a sua qualidade específica. «Ele apresenta um método teológico-pastoral de discernimento pastoral e evangélico, no qual não faz, apenas, a abordagem reflexiva, mas uma abordagem rigorosamente teológica e eclesial, voltada para a edificação da Igreja e para a sua ação, para a vida e salvação do mundo»¹⁸⁵. José da Silva Lima, apresenta este método afirmando que, para S. Lanza, «“o discernimento originário e fundamental exprime a dinâmica própria do acto de fé: é uma leitura cristológica da realidade sob o influxo do Espírito Santo”. Está, tal discernimento, vinculado à “Sabedoria da Cruz”. Não é, apenas, uma obra humana de prudência ou de bom senso. “É um ato teologal”»¹⁸⁶.

No movimento escutista, a escuta do outro é solidificada em todos os conselhos. Contudo, é mais visível nos conselhos que existem dentro das secções, os quais servem para tomar decisões importantes para a vida de cada secção, tanto ao nível do projeto pensado, como para a avaliação e onde se discutem as necessidades que as secções têm, enquanto “um todo”. De certa forma, os conselhos de secção têm também uma vertente pedagógica, pois é dado a cada

¹⁸² Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 305.

¹⁸³ Francisco, «Discurso na Vigília preparatória para o Sínodo sobre a Família», 04-10-2014.

¹⁸⁴ Francisco, «Carta do Santo Padre Francisco aos Párocos», 02-05-2024.

¹⁸⁵ Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 125.

¹⁸⁶ Lima, *Teologia Prática Fundamental*, 298.

elemento a possibilidade de se expressar em relação ao rumo que a secção está a tomar naquele momento.

Além destes, realçamos a importância dos conselhos de guias, dado que «este conselho é o elemento mais importante do Sistema de Patrulhas e tem um grande valor pedagógico, na medida em que permite desenvolver o sentido de chefia, organização e responsabilidade e promove o diálogo e a cooperação, estimulando a autonomia e a liberdade»¹⁸⁷. No conselho de guias deve haver espaços para a reflexão e para o discernimento para depois saberem o rumo a tomar.¹⁸⁸

2.2.3. Observações Conclusivas

A sinodalidade é expressão da eclesiologia de comunhão que brota do Concílio Vaticano II. Uma eclesiologia que coloca em relevo a figura de todo o Povo de Deus, como incorporados no sacerdócio de Cristo, pelo batismo (cf. LG 31).

Sabendo que a eclesiologia foi, ao longo dos tempos, sofrendo alterações. De uma visão da Igreja como sociedade perfeita, apresentada por Pio XII na *Mystici Corporis*, chegamos à *Lumen Gentium*, uma constituição que, após uma “revolução copernicana”¹⁸⁹, apresenta a Igreja como comunhão de todos. Neste documento,

«a comunhão acontece no sentido *vertical*, com Deus Uno e Trino (cf. LG 2-4), em quem se sustenta a mesma fé, esperança e amor, que dá à comunhão dos fiéis e hierárquica um sentido espiritual, fundamento da dimensão humana (cf. LG 8); e no sentido *horizontal* da Igreja, como uma “*communio fidelium*” com organização societária e jurídica, a quem a comunhão hierárquica serve “para a edificação do corpo de Cristo” (Ef 4,12) (LG 14). A dimensão divina/mistérica e a dimensão humana/social estão em profunda comunhão entre si e constituem a comunhão na Igreja (cf. LG 8.14)»¹⁹⁰.

Neste concílio, a Igreja tanto foi sujeito como foi o objeto das declarações conciliares¹⁹¹, levando a uma compreensão da Igreja no seu todo. Daí a importância de vivermos uma Igreja em saída, de vivermos uma Igreja com uma dinâmica sinodal, uma Igreja onde todos somos companheiros de caminho, pois para o Papa Francisco «falar de sinodalidade é falar da “beleza de caminhar juntos”»¹⁹².

A sinodalidade conduz a uma conversão pastoral, tão querida pelo Papa Francisco no decorrer do seu magistério, que se denota na *Evangelii Gaudium*, dado que

«a reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas

¹⁸⁷ CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2011), 254.

¹⁸⁸ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 257.

¹⁸⁹ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 62.

¹⁹⁰ Elias Wolff, «Comunhão», 164.

¹⁹¹ Cf. Žak, «Eclesiologia Fundamentale del Vaticano II», 37.

¹⁹² Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 30.

instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de «saída» e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceânia, «toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial» (EG 27).

Este caminho de conversão pastoral vai-se fazendo numa verdadeira sinfonia da sinodalidade, pois

«uma sinfonia vive da sábia composição dos timbres dos diversos instrumentos: cada um dá o seu contributo, ora sozinho, ora combinado com outro, ora com todo o conjunto. A diversidade é necessária, é indispensável. Mas cada som deve concorrer para o resultado comum. E, para isso, é fundamental a escuta mútua: cada músico deve ouvir os outros. Se alguém ouvisse apenas a si mesmo, por mais sublime que possa ser o seu som, não seria de proveito à sinfonia; e o mesmo aconteceria se uma parte da orquestra não ouvisse as outras, mas tocasse como se estivesse sozinha, como se fosse o todo. E o diretor da orquestra está ao serviço desta espécie de milagre que é sempre a execução de uma sinfonia. Ele deve ouvir mais do que todos os outros e, ao mesmo tempo, a sua tarefa é ajudar cada um e a orquestra inteira a desenvolver ao máximo a fidelidade criativa, a fidelidade à obra que se está a executar, mas criativa, capaz de dar uma alma àquela partitura, de fazê-la ressoar de uma forma única aqui e agora»¹⁹³.

Os quatro elementos estruturantes da sinodalidade apresentam-nos esta sinfonia. Uma sinfonia na qual há uma diversidade de dons, carismas e ministérios, mas todos temos algo a oferecer à ação eclesial. Uma sinfonia na qual todos possuímos uma igual dignidade pelo batismo e todos temos uma participação no sacerdócio de Cristo.

A sinodalidade leva o escuteiro a impelir a sua própria canoa, rumo à felicidade, rumo ao seu envolvimento na comunidade eclesial e social. Se a sinodalidade é a expressão da eclesiologia de comunhão, podemos dizer que o escutismo é uma das várias expressões da sinodalidade. Um movimento que através do seu método de educar os seus elementos, coloca-os perante os elementos constituintes da sinodalidade.

O Método Escutista tem em conta estes quatro pilares e pode afirmar-se que ele concretiza, na sua ação, estes quatro elementos fundamentais da sinodalidade. É caminhando em conjunto que o escuteiro cresce e desenvolve as suas capacidades, sabendo-se igual ao outro irmão na dignidade batismal, a qual é requisito essencial para quem quer entrar para a grande família escutista.¹⁹⁴ Todavia, os agrupamentos, muitas vezes, realizam esta sinodalidade somente no seu interior. Deste modo, esta é uma limitação a ter presente, pois é necessário alargar esta experiência sinodal à comunidade e viver integrados na dinâmica comunitária mais alargada, nas diferentes estruturas eclesiais (diocesanas ou paroquiais).

Os elementos devem ser cada vez mais corresponsáveis no crescimento da comunidade e, para isso, requerem a ajuda de “irmãos mais velhos”, os dirigentes e, mais especial, do

¹⁹³ L'Observatore Romano, «Imagem da sinfonia e da sinodalidade da Igreja», acedido a 27 de julho de 2024, <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-10/por-040/imagem-da-sinfonia-e-da-sinodalidade-da-igreja.html>.

¹⁹⁴ Cf. art. 24.º §2, e), *Regulamento Geral* (2020).

Assistente do Agrupamento que garante a frutífera animação e evangelização da comunidade escutista, proporcionando o envolvimento dos elementos na comunidade.

Além disso, desde cedo os escuteiros são colocados perante situações de decisão, onde sentem a necessidade de serem escutados e de debaterem o seu ponto de vista em prol do progresso da comunidade. É, através dos conselhos, que os mais novos desenvolvem as suas faculdades que, um dia mais tarde, colocarão em prática na sua integração na sociedade civil e eclesial.

CAPÍTULO 3 - A FORMAÇÃO PARA A COMUNIDADE E O MÉTODO ESCUTISTA: IMPLICAÇÕES PASTORAIS

3.1. O Movimento escutista e o método

3.1.1. O Movimento escutista

A OMME define o Escutismo com uma função de educar os jovens, sem distinções de origem, raça ou credo. O Escutismo tem a finalidade de ajudar a que os jovens cresçam e também de os auxiliar a concretizar os seus objetivos, naquilo que diz respeito às áreas do seu desenvolvimento pessoal.¹⁹⁵ O CNE – Escutismo Católico Português é parte integrante da OMME, «pretende contribuir para a formação de cidadãos capazes de tomarem uma posição construtiva na sociedade, aptos a participarem na constante formação do mundo à luz do Evangelho, segundo a doutrina católica»¹⁹⁶.

A educação praticada no Escutismo está sob a base da auto-educação, na qual o jovem é o seu principal educador, capaz de se desenvolver em todas as suas dimensões. Assim sendo, o método usado oferece as ferramentas necessárias para que este desenvolvimento interior aconteça.¹⁹⁷ Neste sentido,

«para que o Método Escutista funcione eficazmente com um grupo de jovens, o dirigente adulto deve ser capaz de utilizar adequadamente os elementos do Método Escutista e as dinâmicas do Escutismo em acção. As dinâmicas do Escutismo são compostas por quatro elementos inter-relacionados e interdependentes, a saber: Objectivos Educativos (...) Actividades (...) Vida em grupo (...) Estrutura e funcionalidade da unidade»¹⁹⁸.

O Escutismo não apresenta aos jovens linhas orientadoras gerais, mas baseia-se em áreas do desenvolvimento da personalidade humana, adaptadas a cada faixa etária (as secções), com o objetivo de dar ao elemento a possibilidade de se desenvolver, com a ajuda dos Dirigentes que tem a função de velar por esta educação, pois

«no desenvolvimento integral das crianças e jovens, é importante que as actividades escutistas contemplem todas estas dimensões e que as experiências que lhes são proporcionadas e lhes permitem obter mais valias em termos educativos, sejam efectuadas num ambiente seguro, que permitirá a cada elemento adquirir confiança em si próprio, nos outros e no mundo. Neste processo, os dirigentes são sempre, e em todas as situações, o garante do ambiente seguro em que as actividades se desenrolam e não podem em nenhuma circunstância demitir-se deste papel. Ao

¹⁹⁵ Cf. art. I §2, *Constituição e Regulamento da Organização Mundial do Movimento Escotista* (1983).

¹⁹⁶ art. 3º, *Estatutos do Corpo Nacional de Escutas* (2020).

¹⁹⁷ Cf. João Vasco Reis, *CNE: Uma história de factos* (Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2007), 31.

¹⁹⁸ Reis, *CNE: Uma história de factos*, 35-36.

fazê-lo estariam a colocar em causa a confiança que os diversos parceiros (pais, o próprio elemento, CNE, Igreja) neles depositam e que neles investiram através dos vários momentos do percurso formativo para se ser dirigente do CNE».¹⁹⁹

O art. 26.º, §3 do *Regulamento Geral*, afirma que o Dirigente deve «assumir e viver a missão de educador do CNE como tarefa eclesial de evangelização, em cumprimento do seu sacerdócio batismal, e sendo exemplo de vivência cristã da Lei do Escuta e dos Princípios do CNE»²⁰⁰. Na educação que o Escutismo quer oferecer aos seus elementos, o dirigente é um exemplo a seguir, dado que «não há ensino que se possa comparar com o do exemplo»²⁰¹.

A concretização deste objetivo é feita segundo um sistema criado por BP, ao qual chamamos de Método Escutista, um «sistema de auto-educação progressiva, baseado em: uma Promessa e uma Lei, uma educação pela acção, uma vida em pequenos grupos (...), programas de actividades variados»²⁰². Segundo o *Regulamento Geral*, «o Método Escutista pratica-se através do desenvolvimento de experiências educativas com sentido para as crianças e jovens»²⁰³.

O método escutista percorre um caminho capaz de desenvolver os jovens que, passando por vários âmbitos educativos, faz com que interajam uns com os outros, tendo várias experiências. Para ajudar a percorrer este caminho, o método é formado pelas “Oito maravilhas do Método Escutista”: lei e promessa, mística e simbologia, vida na natureza, aprender fazendo, sistema de patrulhas, sistema de progresso, relação educativa e envolvimento na comunidade.

A partir das bases do Método Escutista, «em cada secção, cada uma destas “[Oito] Maravilhas do Método Escutista” deverá ser aplicada de modo distinto, de acordo com as características próprias de cada faixa etária e tendo em conta o grau de autonomia, de maturidade e de responsabilidade de cada criança, adolescente ou jovem»²⁰⁴.

3.1.2. As 8 maravilhas do método

3.1.2.1. Lei e Promessa

No mundo em que vivemos, há uma panóplia de valores que são um auxílio para a vivência em comunhão uns com os outros, em comunidade. Para os cristãos, os valores têm na sua génese os Mandamentos da Lei de Deus, que nos ajudam cada vez mais a caminhar em conjunto com o outro nosso irmão que caminha ao nosso lado.

¹⁹⁹ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 02.

²⁰⁰ art. 26.º §3, *Regulamento Geral* (2020).

²⁰¹ Robert Baden-Powell, *O Rasto do Fundador* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2013), 57.

²⁰² art. III §1, *Constituição e Regulamento da Organização Mundial do Movimento Escotista* (1983).

²⁰³ art. 5.º §2, *Regulamento Geral* (2020).

²⁰⁴ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 40.

Sendo assim, a Lei e os Princípios são o veículo para transmitir os valores escutistas²⁰⁵. A Lei do Escuta é um apelo a fazer mais e melhor e, estando ligada aos três princípios do escuta²⁰⁶, faz com que o escuteiro viva uma vida repleta dos valores que são propostos e que caminhe em direção à felicidade.

Os mais novos são chamados a assumir um compromisso que os ajude na construção de um mundo mais justo e solidário.²⁰⁷ As outras três secções seguem o “Decálogo” Escutista «que, interligados, permitem desenvolver o sentido da responsabilidade, aprender a fazer opções e criar hábitos de convivência e respeito para consigo mesmo e com o outro»²⁰⁸.

A Promessa²⁰⁹ é o que dá fundamento ao Escutismo, «é uma dádiva de si mesmo e implica um compromisso livremente aceite (...) para viver de acordo com os valores inscritos na lei»²¹⁰. Portanto, podemos dizer que a Promessa é o início e não o fim, ou seja, é um meio para construir uma nova maneira de ser e, assim, caminhar para que os jovens sejam construtores do Homem Novo. Deste modo, a Promessa é um ato de cada um, é algo que implica o risco, uma ação com fé e com esperança e, ao mesmo tempo, é um ato comunitário, que com a ajuda tanto das secções como da comunidade envolvente, faz com que se aplique e se renove a promessa.²¹¹

Através da Promessa é possível ver que o escutismo não é só um divertimento, mas exige muito do escuteiro²¹². Na Promessa, o escuteiro compromete-se com Deus, por Deus e diante de Deus a assumir os seus deveres enquanto cristão, cidadão e escuteiro. Um compromisso que não fica só numa mera cerimónia, mas

«vai mais além: ao aceitar a Lei, o escuteiro está a assumir a responsabilidade de viver de acordo com os seus valores. Pretende-se que viva a Lei porque ela faz parte das suas convicções e por ela pauta a sua integridade. Ao aceitar viver a Lei, o escuteiro fá-lo de forma natural, sem fingimentos, com responsabilidade e durante toda a sua vida. Decerto todos já ouvimos dizer: Escuteiro uma vez, escuteiro para sempre»²¹³.

3.1.2.2. Mística e Simbologia

O Escutismo tem na sua origem uma intenção educativa, em que «o fim é o carácter-carácter com um propósito. E esse propósito é que a próxima geração seja dotada de bom senso num mundo insensato, e desenvolva a mais elevada concretização do serviço»²¹⁴. Para que este

²⁰⁵ O Manual do Dirigente apresenta os Princípios do Escuta, a Lei e as Máximas da Alcateia e as orações escutistas como complementares deste quadro de valores.

²⁰⁶ Cf. art. 3.º §1, *Regulamento Geral* (2020).

²⁰⁷ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 43.

²⁰⁸ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 53.

²⁰⁹ Cf. art. 4.º §1, *Regulamento Geral* (2020).

²¹⁰ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 41.

²¹¹ Cf. CNE: Assistência Nacional, *Celebrações do CNE*, 81-82.

²¹² Cf. Baden-Powell, *Escutismo para rapazes*, 42.

²¹³ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 62.

²¹⁴ Baden-Powell, *O Rasto do Fundador*, 54.

fim seja alcançado, BP desenvolveu o movimento com base num jogo, num imaginário, que liberta a Mística, como manifestação daquilo que temos de transmitir.

No “Rasto do Fundador”, BP afirma que «não há qualquer *lado religioso* do movimento. Ele é *todo* baseado na religião, isto é, na compreensão e no serviço de Deus»²¹⁵. Além da Mística, o CNE propõe uma maior Simbologia que vai permitir com que se expresse o que está patente na Mística e no imaginário. Desta forma, também através dos Patronos, dos modelos de vida e de grandes figuras, o CNE tem, no seu programa educativo, um esquema com quatro fases, com o seu centro em Jesus Cristo, indo desde o louvor da criação até à vida no Homem Novo.²¹⁶

A simbologia das secções vai de encontro ao imaginário que estas são propostas a viver. Além disso, cada secção usa uma linguagem simbólica como ferramenta para sua própria vivência. Podemos ressaltar a simbologia da IV secção: após terem aprendido a viver em comunidade e a viver a união na diversidade, na III secção, os caminheiros vivem num percurso individual, em comunidade, em serviço e para a vida, no qual são chamados a despojar a sua vida para que, seguindo o apelo das Bem-Aventuranças (cf. Mt 5,1-12) fortaleçam a experiência comunitária.²¹⁷

3.1.2.3. Vida na Natureza

A SNP, no projeto educativo, desenvolveu sobre o valor pedagógico da Natureza. É certo que para um escuteiro, este contacto com a obra do Criador é essencial para o desenvolvimento pessoal e também, através deste contacto, eles irão perceber que são um pedaço da Natureza e que a sua preservação é essencial.

BP afirma que «a floresta é, simultaneamente, um laboratório, um clube e um templo»²¹⁸. A Natureza é um laboratório, uma vez que é através dela e através do contacto com ela que o escuteiro se percebe de como é que o seu organismo funciona. Além disso, o contacto com a Natureza faz com que o escuteiro ganhe consciência dos recursos que estão ao seu dispor e ao dispor da comunidade, aprendendo a fazer a sua gestão.²¹⁹

A Natureza é também um clube, dado que é o lugar por excelência para a vivência do jogo, levando o escuteiro a sair da sua zona de conforto e a superar-se a si mesmo. «De facto, é a partir da observação dela e da vivência, individual e colectiva, no espaço natural que a

²¹⁵ Baden-Powell, *O Rasto do Fundador*, 106.

²¹⁶ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 81-82.

²¹⁷ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 120-121.

²¹⁸ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 127.

²¹⁹ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 128.

criança, o adolescente e o jovem compreendem o conjunto das regras instintivas que presidem à natureza humana e sociedade, por exemplo»²²⁰.

Por fim, ela é templo, visto que nos leva a despertar os sentidos e, por eles, conseguirmos chegar a Deus. A Natureza é, de facto, o templo mais claro e mais lúcido da obra criadora de Deus. Neste campo, o dirigente tem um papel importante, no qual deve «aproveitar o ambiente natural como um espaço privilegiado para incentivar atitudes de oração, através da contemplação e da reflexão sobre as maravilhas da Criação, auxiliando os seus elementos a compreender o tesouro que nos foi dado por Deus. Para além disso, cumpre-lhe ainda incentivar, sempre que possível a partilha fraterna dos dons de Deus em nós»²²¹.

3.1.2.4. Aprender fazendo

Esta característica do método oferece os meios necessários para que o escuteiro possa ele mesmo se educar, para que tome responsabilidade e seja presente na sua comunidade. «Desde sempre, então, que o Aprender Fazendo reflecte a visão do Escutismo como método educativo activo para crianças e jovens. Estes possuem, naturalmente, desejo de aventuras, de desafios e de acção»²²², de modo que as actividades devem ser preparadas com o fim de realizarem estes desejos, com vista ao seu desenvolvimento.

«Esta “Educação pela Acção” deve-se fazer em todos os momentos que a experiência escutista proporciona: reuniões semanais, actividades de campo ou de sede, acampamentos, jogos diversos, encontros de Núcleo, de Região ou nacionais. Para além disto, acontece não só na hora da acção, mas desde o início, na própria preparação das actividades, e atendendo ao grau de autonomia de cada um. Neste âmbito, com a correcta aplicação do Aprender Fazendo, a criança ou jovem envolve-se verdadeiramente na realização das tarefas e projectos, assume responsabilidades e desempenha diferentes papéis, percebendo assim o sentido das coisas que foi aprendendo. Desta forma não se centra apenas no desenvolvimento de habilidades mais práticas ou “manuais”, o que possibilita a descoberta de facetas da sua personalidade que, de outra maneira, poderia até não vir a descobrir»²²³.

É através do jogo, usado como lugar de descoberta das capacidades de cada um, que este pilar do método é posto em prática. «De facto, o ser humano é um ser lúdico, que espontaneamente se organiza para jogar a qualquer coisa, desde o mais simples ao mais elaborado e complexo jogo»²²⁴. Assim, é usado o “jogo social espontâneo”, através do qual os elementos são chamados a encontrar modos de interação entre si, refletindo nos valores do grupo.

²²⁰ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 129.

²²¹ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 130.

²²² CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 153.

²²³ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 154.

²²⁴ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 154.

É com base no jogo que as secções devem preparar um Projeto, no qual incluem as suas atividades, de modo que o escuteiro se envolva e se sinta parte integrante delas. Este processo quer desenvolver a responsabilidade, a motivação, a habilidade de dialogar e de trabalhar em equipa. Sendo assim, o Projeto deve ser pensado em quatro etapas: a idealização e escolha, a preparação, a realização e a avaliação.²²⁵

Note-se que em todas as fases do Projeto, os elementos têm uma voz ativa, mas «é importante, a este nível, que a Equipa de Animação tenha consciência das características da secção que lidera e das especificidades do grupo, para que todas as actividades realizadas sejam adequadas e contribuam, de facto, para o crescimento de cada elemento»²²⁶.

3.1.2.5. Sistema de Patrulhas

Na Palestra de Bivaque nº 4, BP diz que «o fim principal do sistema de patrulhas é atribuir verdadeira responsabilidade a tantos rapazes quantos for possível»²²⁷. Este sistema é um apoio no que toca a moldar este método, admitindo que possa haver trabalho em equipa, fazendo com que todos cresçam em conjunto, e todos têm um papel a desempenhar dentro da Patrulha.

A Patrulha é «como uma micro-sociedade, um grupo de rapazes e raparigas que estão unidos por ideais e objectivos comuns»²²⁸. A designação muda consoante a secção (Bando/Patrulha/Equipa/Tribo), mas no geral seguem as mesmas linhas de orientação: são grupos de 4 a 8 escuteiros, preferencialmente mistos, tanto em idades como no género, na qual os elementos desempenham uma função específica e são liderados por um Guia que «terá de ter habilidade para dirigir»²²⁹.

Ao contrário da Alcateia que tem algumas particularidades, a Expedição, a Comunidade e o Clã seguem as mesmas linhas neste sistema. Enquanto as Patrulhas escolhem um Totem, um animal, que as vai distinguir dentro da Expedição, as Equipas e as Tribos escolhem um Patrono que tanto pode ser um santo da Igreja, como um modelo de vida.²³⁰

Todos são chamados a ter “espírito de patrulha”, que «quer dizer que cada um dos membros da Patrulha sente que é parte essencial de um todo completo e uno - um corpo em que cada membro cumpre o seu papel individual com o fim de se atingir a perfeição e plenitude do conjunto»²³¹, à semelhança da imagem usada por Paulo em Rm 12,3-8.

²²⁵ Cf. CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, *Programa Educativo* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2010), 28.

²²⁶ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 157.

²²⁷ Baden-Powell, *Escutismo para rapazes*, 32.

²²⁸ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 202.

²²⁹ Roland Philips, *O sistema de patrulhas* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2004), 23.

²³⁰ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 231.

²³¹ Philips, *O sistema de patrulhas*, 35.

3.1.2.6. Progresso Pessoal

O Sistema de Progresso é o protagonista no evoluir de cada um e tem três fundamentos essenciais: é um sistema que gira à volta da pessoa, tem em conta as habilidades de cada um e é composto mediante certos objetivos educativos. É proposto a cada escuteiro que, em cada secção, atinja os objetivos a ela destinados e que se supere a si, supere as suas dificuldades e consiga progredir.²³²

Na linha educativa, o CNE ajuda os jovens a crescer, de modo que sejam capazes de rumar à sua Felicidade, vivendo através dos valores do Homem Novo e também tenta, através deste método, que eles tomem consciência do seu ser, do seu saber para que possam agir.²³³

«Assim, logo ao chegar a uma Secção, a criança ou jovem é sujeito a um diagnóstico inicial, pelo qual se afere o respectivo grau de maturidade e, em consonância, se irá definir o respectivo posicionamento, após concretizada a adesão, em termos de etapa de progresso (ou seja, que objetivos educativos já cumpre e que equivalência será atribuída em termos de etapa de progresso).

A responsabilidade do diagnóstico inicial é do Chefe de Unidade, o qual o deve realizar, conforme a idade e maturidade da criança ou jovem, a partir de uma conversa inicial com o próprio, com os respectivos pais, com a colaboração do respectivo Guia, bem como através da observação do aspirante ou noviço durante as primeiras actividades, podendo-se, ainda, recorrer a dinâmicas e jogos específicos para o efeito»²³⁴.

O Sistema de Progresso está dividido em seis áreas educativas, sendo que estas estão divididas em três trilhos por área. Cada uma desenvolve parte da personalidade humana: o corpo, os sentimentos e emoções, a atitude, o sentido de Deus, a inteligência e a integração social.

É certo que, num movimento católico, podemos dizer que a área Espiritual é a área central neste sistema. O desenvolver da Espiritualidade passa pela Descoberta, o abrirmos o nosso interior e procurarmos o transcendente, pelo Aprofundamento, o testemunho, à semelhança dos Apóstolos, estar pronto e preparado para o diálogo inter-religioso e, por fim, pelo Serviço, estando presente na Igreja, sendo evangelizadores neste mundo.²³⁵

3.1.2.7. Relação educativa

A relação entre o dirigente e os elementos é uma relação essencial. O Pe. Jaques Sevin diz-nos que o Chefe de escuteiros «é mestre - *master* - é verdade, mas é mestre escuteiro e só terá sucesso, se for plenamente escuteiro, mais *boy* (rapaz) que os seus *boys* (rapazes)»²³⁶.

«O dirigente do CNE é um adulto que assumiu um compromisso pessoal e voluntário de trabalhar na implementação e desenvolvimento da Proposta Educativa do CNE enquanto

²³² Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 262-263.

²³³ Cf. CNE, *Programa Educativo*, 4.

²³⁴ CNE, *Programa Educativo*, 31.

²³⁵ Cf. CNE, *Programa Educativo*, 14-15.

²³⁶ Jacques Sevin, *O Escutismo* (Prior Velho: Paulinas, 2011) 46-47.

educador. Ao assumir este compromisso, assume-se uma missão de serviço com as devidas implicações – em termos de responsabilidades e de deveres – daí resultantes. Nestes termos, o adulto que adere ao CNE deverá, para além de ter idade, saúde e disponibilidade para desempenhar as suas responsabilidades»²³⁷.

Faz parte das competências do dirigente dar um espaço de liberdade aos elementos, mesmo que com regras e linhas orientadoras. O dirigente deve promover a autonomia dos elementos e é por esse motivo que, com o passar das secções, o envolvimento que o adulto tem vai sendo cada vez menor.

O dirigente tem de planear (organizar a unidade e garantir o equilíbrio da mesma), animar (levantar desafios e dar aos guias aptidões para que estes possam exercer a sua função), motivar (estimular o desenvolvimento pessoal dos elementos e proporcionar meios para que os elementos encontrem soluções para os problemas) e gerir conflitos (ser exemplo para os elementos)²³⁸. No fundo, o dirigente é o realizador dos sonhos dos elementos.

A tarefa do dirigente, com o passar das secções, começa a ser mais diminuta, de modo que os elementos vão ganhando mais autonomia à medida que vão crescendo. «Neste sentido, e embora o dirigente seja chamado a liderar e a assegurar um ambiente seguro, sadio e harmonioso, baseado nos ideais e valores do escutismo, a sua intervenção deve ir diminuindo à medida que a idade e maturidade dos elementos aumenta»²³⁹.

No serviço que os dirigentes prestam a cada secção, releva-se o destaque que se deve dar à Animação da Fé, a qual

«assenta numa responsabilidade pessoal tripartida: por um lado, temos o assistente, a quem cumpre ser o guia; por outro, temos o jovem, aquele que, à justa medida da sua idade e maturidade, participa, procura, explora, e se compromete. Entre eles, está o dirigente, a quem cumpre ser aquele que procura chegar ao coração de cada elemento, convidando-os a caminhar lado a lado consigo. Mas, para que tal aconteça, ele tem de procurar – ele próprio – crescer na fé, zelando pela sua formação, pela vivência pessoal da Eucaristia e Sacramentos, pela acção caritativa e pela oração. Só assim há testemunho autêntico de vida cristã, que é a mais pedagógica das ferramentas ao serviço do dirigente do CNE enquanto animador da fé»²⁴⁰.

3.1.2.8. Envolvimento na comunidade

A OMME refere que a missão do Escutismo é educar os jovens, usando um método, onde se possa construir um mundo melhor e que estes jovens se sintam parte de uma comunidade. É através do serviço, da presença, de ser um exemplo de Cidadania, que se coloca em prática todos os valores que o Movimento transmite. Podemos dizer que «para que se venha a ser um

²³⁷ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 377.

²³⁸ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 378.

²³⁹ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 382.

²⁴⁰ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 385.

bom cidadão, é essencial, (...) ter o sentido do seu dever e da sua responsabilidade para com a comunidade de que é membro»²⁴¹.

Segundo o documento proposto para o Manual do Dirigente, a SNP afirma que

«é no Envolvimento na Comunidade que os valores e propósito do Escutismo fazem sentido, e é neste espaço que os nossos escuteiros e os nossos agrupamentos devem, em conjunto com todos os membros da sua comunidade (seja escutista, paroquial, local, estudantil etc.), trabalhar na construção de um mundo melhor. Mais do que o serviço à comunidade, é levar o Escutismo e os nossos jovens ao seu encontro, a ser parte dela, fazendo as coisas com os outros e não para os outros ou pelos outros»²⁴².

Este sentido de pertença à comunidade é algo que acarreta benefícios em vários âmbitos: os Escuteiros adquirem sentimento de utilidade, a Comunidade aproveita os projetos que o Escutismo vai propondo e o CNE ganha uma maior visibilidade, fazendo com que novos elementos sejam atraídos.²⁴³

Esta recente maravilha do Método Escutista acarreta consigo benefícios que podem ser divididos em três grupos: para os Escuteiros, para a Comunidade e para o próprio CNE. Os Escuteiros ganham aptidões na sua formação cívica, em vista a serem melhores cidadãos deste mundo em que vivemos, sentindo-se úteis e que pertencem a uma Comunidade.²⁴⁴

A Comunidade, maioritariamente falamos da Paroquial, tomará consciência que tem um lugar na formação dos jovens que estão a ser educados segundo este método e irá perceber que estes jovens são essenciais no crescimento interno da Comunidade. Além disso, o CNE ganha uma maior visibilidade no seio das comunidades, sendo ele um educador de tantos jovens que tornar-se-ão servidores da Comunidade, dado que, «ensinar a servir não é apenas questão de ensino técnico, mas o desenvolvimento de duas fases distintas: 1- Inculcar o espírito de boa vontade; 2- Proporcionar ocasiões para a sua aplicação prática»²⁴⁵.

Segundo a SNP, «esta maravilha dá relevo à promoção do espírito de responsabilidade, à aquisição de novas competências, à autoconfiança e independência, à capacidade de cooperar com os outros e à promoção da liderança, contribuindo, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento da comunidade, através do propósito educacional do escutismo»²⁴⁶. Além disso, para desenvolver este campo, devemos considerar os 5 pilares da Agenda 2030 das Nações Unidas, a qual «é uma agenda alargada e ambiciosa que aborda várias dimensões do

²⁴¹ Baden-Powell, *O Rasto do Fundador*, 111.

²⁴² CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, «C8 - Envolvimento na Comunidade», acedido a 24 de agosto de 2024, https://docs.google.com/document/d/1kOPtMLnXG8ITxSvHbQSabB-YXFMHH_SUzr-DnlSNryA/edit?pli=1.

²⁴³ CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, «C8 - Envolvimento na Comunidade».

²⁴⁴ Cf. CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, «C8 - Envolvimento na Comunidade».

²⁴⁵ Robert Baden-Powell, *Auxiliar do Chefe Escutista* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2018), 98.

²⁴⁶ CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, «C8 - Envolvimento na Comunidade».

desenvolvimento sustentável (sócio, económico, ambiental) e que promove a paz, a justiça e instituições eficazes»²⁴⁷.

Neste pilar reúnem-se todos os outros pilares do Método Escutista: desde a “Lei e Promessa” ao “Sistema de Patrulhas”, incluindo mesmo a “Relação Educativa”. Todos tem lugar neste pilar e é através dos outros pilares do método que este, em específico, funciona e todas as secções são chamadas a desenvolver áreas de desenvolvimento de Projetos Comunitários: Pessoas, Planeta, Parcerias, Prosperidade e Paz²⁴⁸ e avaliar o crescimento de cada elemento segundo a tabela que se apresenta como exemplo²⁴⁹.

Aprendizagem Pessoal (FACEIS) - <i>Educação para o Desenvolvimento</i>	Aprendizagem sobre a Comunidade - <i>Serviço à Comunidade</i>	Papel da secção no Desenvolvimento da Comunidade - <i>Desenvolvimento da Comunidade</i>

3.2. Orientações Pastorais para formar para a comunidade

No Capítulo I, “Análise e Avaliação da realidade comunitária”, levantamos questões e problemas tanto comunitários como escutistas e da sua relação intrínseca. No Capítulo II, “Comunidade e Comunhão: fundamentos bíblicos e eclesiológicos”, percebemos o modelo comunitário e comunal que queríamos para o Escutismo.

Fomos capazes de perceber que há quem olhe para a relação do CNE com a sua comunidade com um olhar pessimista, chegando a afirmar que o agrupamento vive à margem da Comunidade Paroquial (cf. DM_{10m}), mas também há quem perspetive positivamente esta relação, afirmando que se deve chamar os agrupamentos para os lugares de participação (cf. DM_{23a4m}).

Neste caminho que vamos trilhando, é necessário ter em conta que a vivência escutista não é estanque, mas está em constante crescimento e evolução. Na 43ª Conferência Mundial do Escutismo, foi apresentada uma proposta sobre a “Estratégia para o Movimento Escutista” que

²⁴⁷ ONU, «Objetivos de desenvolvimento sustentável», acedido a 24 de agosto de 2024, <https://unric.org/pt/Objetivos-de-Desenvolvimento-Sustentavel/>.

²⁴⁸ Cf. CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, «C8 - Envolvimento na Comunidade».

²⁴⁹ Cf. CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, «C8 - Envolvimento na Comunidade».

afirmava que há quatro pilares prioritários: inovar na matéria da educação, melhorar a diversidade e inclusão, garantir a proteção e o bem-estar e valorizar o voluntariado.²⁵⁰

Tendo em conta estas prioridades e tudo o que foi descrito no início desta dissertação, podemos começar por levantar uma orientação base que nos permitirá guiar as demais orientações pastorais: a formação. Esta é essencial para que seja possível educar para um sentido de pertença comunitária todos os elementos. Segundo Sérgio Leal,

«esta formação deve envolver todos os sujeitos da acção pastoral, para superar qualquer fragmentação da subjectividade da acção eclesial. Portanto, apontar um itinerário formativo significa afirmar a necessidade de um itinerário congruente, capaz de abarcar os vários sujeitos, na diversidade de âmbitos de acção, na promoção de uma cultura da comunhão de estilo sinodal, em chave missionária, para uma educação para a corresponsabilidade e a unidade na missão, que recordando a igual dignidade de todos os baptizados, numa eclesiologia de comunhão, faça de todo o Povo de Deus verdadeiro sujeito da diversificada acção eclesial numa circularidade e articulação entre ministério ordenado e corresponsabilidade e participação laical».²⁵¹

Em primeiro lugar, a formação dos Assistentes, que devem «fomentar e animar a vida espiritual e a educação da fé conforme o método escutista e o Plano Pastoral da Igreja local, em cooperação com a Direção do Agrupamento e com a colaboração dos dirigentes leigos»²⁵².

Além disso, a formação dos Assistentes deveria começar nos tempos em que estes se estão a formar. Segundo o Plano Anual da Região do Porto para 2024-2025, um dos objetivos é potenciar uma proximidade junto daqueles que se preparam para assumir a assistência dos agrupamentos, para que eles possam ter uma visão concreta sobre o Movimento Escutista e a sua presença na vida da Igreja.²⁵³

Em segundo lugar, a formação dos Dirigentes os quais são os garante da «educação integral das crianças e jovens da sua Unidade, sendo a sua intervenção, por princípio, subsidiária; ou seja, a ação pedagógica – para além de voltada para a criança ou jovem – deve estar centrada na própria criança ou jovem, chamado a ser, pela vivência do jogo escutista, protagonista do seu autodesenvolvimento»²⁵⁴.

O trabalho conjunto que deve existir entre os Assistentes de Agrupamento e os demais Dirigentes conduz a que sejam os principais construtores de comunidade no seio escutista e que, caminhando em conjunto, sejam capazes de tornar os seus elementos também construtores de comunidade. A formação dos Dirigentes está estritamente vinculada à renovação do CNE,

²⁵⁰ Cf. Comité Scout Mundial, «Próxima Estrategia para el Movimiento Scout: Documento de antecedentes para la Propuesta de Resolución 2024 – C», https://scoutconference.org/documents/confdoc-05b_43wsconf_proposed-strategy-for-scouting_es.pdf/.

²⁵¹ Leal, *Pastores para uma Igreja Sinodal*, 390.

²⁵² Art. 56.º §5, a), *Regulamento Geral* (2020).

²⁵³ Cf. CNE: Junta Regional do Porto, «Plano Anual 2024-2025», acessido a 24 de agosto de 2024, https://drive.google.com/file/d/19-zZm-Su8rJUsNn_2-s8PctZRc5ojou3/view.

²⁵⁴ CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, *Sistema de Formação de Adultos no Escutismo* (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2015), 2.

uma vez que esta se dá tanto pelo perfil humano e cristão, como pela sua formação.²⁵⁵ Além disso, «a renovação do Escutismo católico, em ordem a responder aos desafios da nova evangelização, depende, em grande parte, da dedicação e da preparação dos assistentes eclesiais, tanto a nível paroquial como diocesano e nacional»²⁵⁶.

“O CNE gera comunidade” é o resumo do desenvolvimento do plenário sobre a Comunidade, no Congresso do Centenário, onde se desenvolveu o papel fundamental desta na vida do Escutismo e vice-versa.²⁵⁷ Por isso, é possível gerar comunidade junto das paróquias onde os agrupamentos estão inseridos. Assim, levantamos três orientações pastorais que podem ser ferramentas para uma maior formação para o sentimento comunitário.

3.2.1. Catequese e Escutismo

«A Comunidade Paroquial tem um papel fundamental e verdadeiramente ativo na formação dos escuteiros, pois a caminhada da Fé Cristã é feita na catequese, não pode, nem deve haver separação entre catequese e escuteiros» (DF_{10a}).

A primeira orientação pastoral que apresentamos é a relação entre Catequese e Escutismo, a qual é essencial para o envolvimento na comunidade das crianças e jovens que são educados através do Método Escutista. A catequese é «um ato de natureza eclesial, que brotou do mandato missionário do Senhor (cf. Mt 28,19-20) e que, como indica o seu próprio nome, tende a fazer *ressoar* continuamente o anúncio da sua Páscoa no coração de cada homem» (NDC 55).

À semelhança da comunidade primitiva que se mostrava assídua ao ensinamento dos apóstolos (cf. At 2,42), também o Escutismo é chamado a ser escola de evangelização, dado que «o método escutista, pela sua pedagogia comunitária, a sua educação pela acção, pelo exercício da responsabilidade, pelo compromisso da Promessa e pelo progresso pessoal, coincide com as preocupações educativas da Igreja»²⁵⁸.

Nesta relação devemos reiterar o seu lugar na comunidade. «É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo» (NDC 133). É também na comunidade cristã que os agrupamentos nascem e percorrem o seu caminho, pois «a meta é a própria pertença Cristã e Eclesial. E tanto é assim que o dirigente já não se compromete com o Escutismo, mas compromete-se com a Igreja»²⁵⁹.

A CEP, na Nota Episcopal sobre o centenário do Corpo Nacional de Escutas, afirma que

²⁵⁵ Cf. CEP, *Exortação Pastoral: O Escutismo, Escola de Educação*, 7.

²⁵⁶ CEP, *Exortação Pastoral: O Escutismo, Escola de Educação*, 7.

²⁵⁷ Cf. Susana Micaela Santos, «Congresso do Centenário debateu o CNE no futuro», *Flor de Lis*, n. 1367 (fevereiro 2024): 15-16.

²⁵⁸ Conferência Internacional Católica do Escutismo, «Carta Católica do Escutismo», em *Celebrações do CNE*, 195.

²⁵⁹ Matilde Santos, «Espiritualidade e Jogo», em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual*, ed. CNE (s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2009), 80.

«a estreita e íntima ligação entre as catequeses paroquiais e o Escutismo foi-se consolidando em espírito de fecunda colaboração, cada qual mantendo a sua especificidade. Existindo uma dimensão evangelizadora no Escutismo Católico, a sua pedagogia escutista oferece um extraordinário potencial para a descoberta do sentido de Deus e da vivência em Cristo e na sua Igreja»²⁶⁰.

Apesar deste trabalho comunitário entre a Catequese e o Escutismo, é necessário que haja um maior esforço para que, ao contrário do que analisamos no trabalho de campo, consigamos afirmar que: “O CNE tem um sistema centrado em Jesus Cristo”. Além disso, «na intenção do seu fundador, B. P., o Escutismo é um método educativo orientado para o desenvolvimento da pessoa na sua totalidade. Este método inclui necessariamente a educação religiosa. A Igreja interessa-se pela educação que o Escutismo dá aos seus filhos, porque considera que a Fé não pode separar-se da vida»²⁶¹.

Contudo, para que o Escutismo possa evangelizar é necessário que vivamos um Escutismo espiritualmente evangelizado²⁶². O Escutismo tem o cristianismo na sua origem e, por isso, tem de ser capaz de transmitir os valores do Reino de Deus que são, ao mesmo tempo, os valores do movimento²⁶³, mas para que isso seja possível é necessário que os educadores escutistas saibam como chegar até aos jovens de hoje.

O Escutismo tem de ser capaz de ultrapassar as barreiras da comunicação que existem na sociedade atual. Todavia, temos de ser capazes de percorrer o caminho da escuta recíproca, através do qual todos têm uma voz, ou seja, através do “ask the boy”, do jogo, da vivência do projeto. Do mesmo modo, a Catequese tende a acompanhar a mudança comunicativa e «assume criativamente as linguagens das culturas dos povos, através dos quais a fé se exprime de modo característico» (NDC 206).

Não se aborda esta relação no sentido de desvalorizar o trabalho dos nossos catequistas, pois nem todos são escuteiros, mas queremos que o Escutismo possa ser um complemento catequético, possa ser uma genuína “Escola de Educação”, para que através do jogo e do Sistema de Progresso, os elementos possam crescer na área espiritual que se prende «com o aprofundamento do conhecimento espiritual e a compreensão da herança moral da nossa comunidade, descobrindo a realidade mística que dá significado à vida e retirando conclusões para o dia-a-dia, mantendo o respeito pelas opções religiosas de outros»²⁶⁴.

²⁶⁰ CEP, «Nota Pastoral sobre o centenário do Corpo Nacional de Escutas», acedido a 24 de agosto de 2024, https://agencia.ecclesia.pt/portal/nota-pastoral-sobre-o-centenario-do-corpo-nacional-de-escutas/#_ftn1.

²⁶¹ Conferência Internacional Católica do Escutismo, «Carta Católica do Escutismo», 195.

²⁶² Cfr. Santos, «Espiritualidade e Jogo», 77.

²⁶³ Cf. Santos, «Espiritualidade e Jogo», 78.

²⁶⁴ CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 2.

3.2.2. Fraternidade e Escutismo

«Com o advento da boa vontade e da cooperação, as discórdias triviais que têm dividido as nações cessarão, as classes e os credos deixarão de se professar irmãos enquanto agem como inimigos e dividem contra si mesmos a sua própria casa. O Escutismo é uma fraternidade - um organismo que, na prática, não olha a diferenças de classe, crença, país e cor, por meio do espírito indefinível que o anima – o espírito de cavalheiro de Deus»²⁶⁵.

A orientação pastoral sobre a qual dedicaremos atenção agora é a relação entre a Fraternidade e Escutismo. O Escutismo além de ser uma escola de educação é também uma escola de fraternidade, como é visível em todas as celebrações de Promessas, em que os elementos são chamados a honrar a fraternidade escutista.²⁶⁶

Na Palestra de Bivaque nº 26, BP fala da fraternidade escutista afirmando que os «escuteiros de todo o mundo são os embaixadores da amizade que se dedicam a criar amigos e a abater barreiras erguidas pela cor, credo e classe social»²⁶⁷ e fala dos Jamborees, acampamentos mundiais de escuteiros, como o lugar onde se mostra como a Lei do Escuta é um laço que une os escuteiros. Carlos Alberto Pereira diz que

«este trecho do “Escutismo para Rapazes” (pp. 322 e 323), publicado em 1908, parece ter antecipado algumas das ideias-chave presentes na *Evangelii Gaudium* quando nos estimula a sairmos da nossa zona de conforto e a irmos ao encontro de todos. É um dinamismo “em saída” ao encontro dos irmãos, tendo como bússola, a Palavra do Senhor, o fogo do Amor, para ajudarmos a materializar o desígnio de Deus: «a fim de que todos sejam um» (Jo 17, 21). Tal como na *Fratelli Tutti*, onde o papa, bem ao jeito de São Francisco de Assis, nos pede para nos comprometermos com as irmãs e os irmãos de outras Igrejas, os fiéis de outras religiões e de todas as pessoas de boa vontade, constituindo a fraternidade universal com amor, sem exclusões, que tudo e todos devem abraçar. Assim se constrói a fraternidade universal onde todos e em todos os lugares se escuta com atenção, se aprende uns com os outros e se constroem decisões juntos»²⁶⁸.

Neste sentido, não podemos abordar a questão da comunidade no Escutismo como uma mera transmissão de conhecimentos, mas temos de trabalhar no sentido de os agrupamentos criarem um sentido de pertença à sua Comunidade Paroquial, da qual os seus elementos fazem parte. É certo que

«a civilização paroquial, inscrita na comunidade, na ruralidade, no imobilismo e na tradição, representava a comunidade de Tönnies (1947 [1887]) e a tradição de Weber (1971 [1921-1922]). (...) Tudo se regia pela tradição, pela permanência, pela continuidade, pela ligação contínua do passado ao futuro. Regia-se também pela centralidade do grupo e da família em detrimento do eu; das relações pessoais em desfavor da impessoalidade e da burocracia. Mas, acima de tudo, esta civilização estruturava-se pela paróquia, na qual assentava a vida comunitária. Esta centralidade da religião inscrevia-se no território e na consciência, imbricando paróquia e comunidade. A comunidade centrava-se na igreja matriz exactamente por ser a mãe da mesma e fonte da sua vida»²⁶⁹.

²⁶⁵ Baden-Powell, *O Rasto do Fundador*, 61.

²⁶⁶ Cf. CNE: Assistência Nacional, *Celebrações do CNE*, 89, 96, 99, 102.

²⁶⁷ Baden-Powell, *Escutismo para rapazes*, 322.

²⁶⁸ Carlos Alberto Pereira, «Fraternidade Mundial Escutista», acedido a 24 de agosto de 2024, <https://correiodominho.pt/cronicas/fraternidade-mundial-escutista/14078>.

²⁶⁹ José Pereira Coutinho, *Religião em Portugal: Análise Sociológica* (Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020), 258.

Esta visão da comunidade foi-se perdendo e a vida foi deixando de ser pautada pelo “tocar do sino da aldeia”²⁷⁰ e para ser pautada pelo indiferentismo e pelo individualismo. Todavia, a educação que o Escutismo oferece aos seus elementos tem de ir no sentido de fazer crescer este sentido de pertença à sua Comunidade Paroquial, para que os seus elementos encontrem lá «uma excelente forma de aprofundar a sua fé e através dele tornam-se promotores da fé cristã perante a comunidade cristã que passa a ver neles motivos válidos para acreditar em Jesus» (CDM_{3a}).

Segundo o Papa Francisco, no *Angelus* de 10 de novembro de 2019, «a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte do que a morte, quando se constrói sobre verdadeiras relações e vínculos de fidelidade. Pelo contrário, não há vida quando se tem a pretensão de pertencer apenas a si mesmo e de viver como ilhas: nestas atitudes prevalece a morte»²⁷¹. Sendo assim, através do Método Escutista temos de ser capazes de educar os nossos elementos para uma cultura mais fraterna, de modo que cresça um maior sentido de pertença nos agrupamentos, e dos agrupamentos na comunidade.

3.2.3. Orações e Escutismo

«A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o próprio núcleo do mistério da Igreja. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: “Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo” (Mt 28, 20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par. Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança» (EE 1).

Desde os tempos da comunidade primitiva que a Eucaristia é o local onde a comunidade se reúne para a “fração do pão” (cf. At 2,42), «é o gesto que identifica os discípulos de Jesus e o centro da vida cristã. É a Eucaristia que faz a Igreja, que a congrega como Corpo eclesial de Cristo e a faz crescer na configuração com o Senhor»²⁷².

O Escutismo é chamado a beber da fonte que brota da Eucaristia. A Eucaristia deve ser para todo o movimento o lugar onde tudo começa e onde todos vão recarregar forças, ou seja, o lugar privilegiado da reunião da comunidade escutista, o qual é comprovado pelo lugar que a Assistência Nacional recomenda para a celebração da Promessa, através da qual «a pessoa adere, compromete-se com a Felicidade e, na Lei, encontra um caminho para a realização desse

²⁷⁰ Cf. Coutinho, *Religião em Portugal*, 258.

²⁷¹ Francisco, «*Angelus*», 10-11-2019.

²⁷² Comissão Episcopal da Educação Cristã, «A Eucaristia educa para a Comunhão», acedido a 25 de agosto de 2024, <https://agencia.ecclesia.pt/portal/a-eucaristia-educa-para-a-comunhao/>.

compromisso. Para nós que somos cristãos, tudo isto adquire um horizonte novo na Pessoa de Jesus Cristo. Por Ele, com Ele e n'Ele, tanto o compromisso como a pista são assumidos na Comunidade Católica»²⁷³.

Bento XVI, na Carta ao Presidente da Conferência Episcopal da França por ocasião do Centenário da abertura do primeiro campo de escuteiros organizado pelo Lord Baden-Powell, atesta que

«fecundado pelo Evangelho, o escotismo é não apenas um lugar de verdadeiro crescimento humano, mas também o lugar de uma vigorosa proposta cristã e de um genuíno amadurecimento espiritual e moral, assim como de um autêntico caminho de santidade; seria bom recordar, como ressaltava o Pe. Jacques Sevin, S.J., fundador do escotismo católico, que "a santidade não pertence a um período específico, nem possui um uniforme particular". O sentido das responsabilidades despertado pela pedagogia escotista conduz a uma vida na caridade e ao desejo de se colocar ao serviço do seu próximo, à imagem de Cristo servo, alicerçando-se na graça que Cristo oferece, em particular, através dos sacramentos da Eucaristia e do Perdão»²⁷⁴.

É, de facto, tendo os alicerces firmes nos sacramentos que o Escutismo consegue gerar comunidade e consegue fazer crescer o sentido de pertença nos seus elementos. Não se trata aqui de os Agrupamentos começarem a assumir tarefas atrás de tarefas nas Eucaristias dominicais, mas trata-se de permitir aos seus elementos a descoberta da beleza da Eucaristia, à semelhança da comunidade primitiva que via na “fração do pão” o momento de estarem em comum.

Além da Eucaristia, os elementos são também chamados, à medida que crescem no movimento, à oração pessoal e comunitária, como o Sistema de Progresso apresenta na área da Espiritualidade.²⁷⁵ Na verdade, é só consolidando estes objetivos educativos que os elementos conseguirão tirar fruto da vigília que fazem antes de cada promessa.

À semelhança de Jesus que se retirava para orar (cf. Lc 5,16; Lc 6,12; Lc 22,41), os elementos, na véspera do dia das Promessas, são também chamados a vigiar e a orar, a ter uma “velada de armas”²⁷⁶, num «tempo forte de reflexão sobre o assumir dos valores contidos na Promessa»²⁷⁷. Além de ser um momento introspetivo para quem vai celebrar a sua Promessa, é também um momento de renovação das Promessas dos demais escuteiros. Estes são chamados a acompanhar os mais novos no caminho que estão a iniciar e a ajudá-los a crescer na comunidade.

«É importante, no processo de crescimento integral que o Escutismo procura, a existência de momentos de oração e celebração comunitária da fé. E é importante que esses momentos vão ao

²⁷³ CNE: Assistência Nacional, *Celebrações do CNE*, 82.

²⁷⁴ Bento XVI, «Carta ao Presidente da Conferência Episcopal da França por ocasião do Centenário da abertura do primeiro campo de Escoteiros organizado por Lord Baden-Powell», 22-07-2007.

²⁷⁵ Cf. CNE, *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*, 33.

²⁷⁶ «O termo usado pelos Escuteiros para identificar a oração nocturna feita na véspera das Promessas era Velada de Armas, lembrando os cavaleiros da Idade Média e os seus ideais de cavalaria da época. Hoje, parece-nos redutora esta visão», em CNE: Assistência Nacional, *Celebrações do CNE*, 19.

²⁷⁷ CNE: Assistência Nacional, *Celebrações do CNE*, 20.

encontro das reais necessidades dos jovens, em termos espirituais. Por isso, se há-de procurar que eles tenham uma postura interventiva e criativa, permitindo-lhes espelharem-se na oração que fazem. Deve, contudo, procurar-se simultaneamente que a experiência celebrativa não se reduza às suas dimensões, mas que seja oportunidade de crescimento espiritual. É, por isso, necessário o caldeamento do que já são, com o que são chamados a ser: *Escuteiros Católicos, vivendo o compromisso com e na pista para a felicidade por Cristo, com Cristo e em Cristo*»²⁷⁸.

3.2.4. Comunidade e Escutismo: Observações Conclusivas

«O convite de Jesus *dai e vos será dado* é válido inclusive em relação aos outros. Gosto de pensar naquilo que na gíria escuteira chamais *Partida*, ou seja, no momento em que escolheis fazer do serviço o vosso estilo de vida. Abrir-se ao outro, viver para o bem do outro, viver - usando as vossas palavras - a *fraternidade escuteira*: se viverdes assim, *ser-vos-á dado*. Sim, porque se construirdes pontes rumo aos outros vereis que os outros atravessarão aquelas pontes na vossa direção. Ao contrário, quando se fica sozinho olhando para o ar, perdendo-se nas próprias fantasias, vive-se em bolhas de sabão. Mas uma vida que vagueia pelo ar evapora em vez de seguir em frente. Olhai para as vossas mãos, feitas para construir, servir, doar para dar aos outros e dizei a vós mesmos: “*I care, o outro diz-me respeito*”»²⁷⁹.

O Papa Francisco convida-nos a dar um pouco de nós aos outros, a servirmos as comunidades, seguindo o convite de Jesus em Lc 6,38: «*Dai, e vos será dado*». Só numa atitude de serviço é que o Escutismo conseguirá formar para uma maior envolvência na comunidade, através do seu método.

É de ressaltar que na «comunidade, o CNE assume a missão de formar, contínua e progressivamente, o Homem-Novo, aquele que, inconformado e humildemente, procura a perfeição como resposta aos desafios da Igreja, da Sociedade e da Família, rumo à Felicidade»²⁸⁰. Somos, de facto, chamados a formar os nossos elementos na busca do Homem-Novo.

Para isso, é importante que os “irmãos mais velhos” estejam formados nesse sentido. É preciso começar a fomentar esta necessidade de criar sentido de pertença às Comunidades Paroquiais na formação dos Assistentes e dos Dirigentes. São eles que são os educadores e os evangelizadores, não havendo «ensino que se possa comparar com o do exemplo»²⁸¹. Os Dirigentes «como orientadores de um movimento católico são chamados a participar activa e responsabilmente na missão da Igreja e a situar-se na renovação pastoral exigida pela nova evangelização. Ajudando os membros do CNE a crescer como homens e como filhos de Deus, são eles mesmos estimulados no seu próprio crescimento humano e cristão»²⁸².

²⁷⁸ CNE: Assistência Nacional, *Celebrações do CNE*, 26.

²⁷⁹ Francisco, «Discurso do Papa Francisco à União Internacional de Guias e Escoteiros da Europa», 03-08-2019.

²⁸⁰ Congresso “Valores e Missão”, «Carta do CNE - Escutismo Católico Português», em *Celebrações do CNE*, 196.

²⁸¹ Baden-Powell, *O Rasto do Fundador*, 57.

²⁸² CEP, *Exortação Pastoral: O Escutismo, Escola de Educação*, 7.

O Escutismo, como movimento juvenil, deve estar ciente de que tem o dever de formar os seus elementos para a comunidade, estando cada vez mais presente na sua vida e no seu crescimento. É usando a catequese, o fomento de uma cultura fraterna e as orações como ferramentas que o vai conseguir.

É estar ciente de que «ser escuteiro, no CNE, é ser corresponsável na acção da Igreja Católica com os jovens! Em cada comunidade, em cada lugar, em cada momento, em cada jovem! É, com carisma próprio, ser protagonista ímpar na evangelização, na pastoral juvenil. E na acção da Igreja com os jovens tudo é interpelante para todos! Porque “há diversidade de dons mas o Espírito é o mesmo. Há diversidade de ministérios mas o Senhor é o mesmo”! (1 Cor 12, 4-5)»²⁸³. É necessário caminhar em conjunto, em estilo sinodal, pois a sua dinâmica será maior quanto mais aberto à comunidade estiver.²⁸⁴

Vivemos um tempo em que urge a necessidade de formar comunidades que sejam primeiro anúncio, comunidades que acolhem, acompanham e integram os jovens, comunidades que se colocam à escuta do Espírito, que disponibilizam estruturas favoráveis ao serviço comunitário.²⁸⁵

«A comunidade é uma característica essencial do escutismo, tanto que se qualifica na sua totalidade como uma "proposta de vida comunitária". (...) A comunidade (...) constitui-se como tal precisamente porque partilha uma experiência, estando unida por um estilo alimentado por práticas e linguagens próprias, por valores inspirados no Evangelho e codificados na Lei e na Promessa e expressos na carta do clã, e por um objetivo, o do crescimento pessoal de cada um, a caminho de se tornarem, autonomamente e por escolha própria, homens e mulheres da Partida. A comunidade torna-se assim o lugar privilegiado para a descoberta e o amadurecimento da vocação pessoal, no conhecimento da realidade para poder agir nela. Os diferentes instrumentos próprios do ramo (capítulo, carta de clã, vigília, empresa, rota) têm todos uma dimensão comunitária e abrem o jovem a uma experiência de escuta, de confronto, de colaboração. No estilo de vida comunitário, a fragilidade das personalidades pode encontrar alguns antídotos»²⁸⁶.

O Escutismo e a Comunidade andam em conjunto na vida da Igreja, não se podem pensar um sem o outro. O Escutismo não pode somente pensar naquilo que são os anseios dos seus elementos, mas deve ter em conta o meio que os envolve, ou seja, os anseios das Comunidades Paroquiais que acolhem os Agrupamentos.²⁸⁷

Neste aspeto, levantamos algumas orientações práticas para a vivência comunitária, de modo que não fiquemos somente no âmbito teórico. É importante, desde já, estarmos cientes

²⁸³ M. Oliveira Sousa, «O escutismo e a pastoral juvenil», acedido a 26 de agosto de 2024, <https://arquivo.ecclesia.pt/arquivo/noticias/dossier/o-escutismo-e-a-pastoral-juvenil/>.

²⁸⁴ Cf. CEP, *Bases para a Pastoral Juvenil* (Fátima: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002), 13.

²⁸⁵ Cf. Gustavo Cavagnari, *Id y haced discípulos a todos los jóvenes: Hacia una pastoral juvenil evangelizadora* (Madrid: Editorial CCS, 2021), 149.

²⁸⁶ Alberto Casella, «Strada, comunità, servizio. Il metodo scout in branca R/S e la generazione Z: il problema della scelta e la vocazione alla eco-responsabilità», *Oikonomia* 22, n. 1 (fevereiro 2023): 8.

²⁸⁷ Cf. CNE: Secretaria Nacional Pedagógica, «C8 - Envolvimento na Comunidade».

de que, para que seja possível uma participação ativa do Escutismo na comunidade, é também necessário que estejamos perante uma comunidade que acolha e que dê espaço.

A primeira orientação é que, na preparação do plano de atividades de cada agrupamento, ou até mesmo do imaginário de cada secção, estes tenham presentes que não são um movimento isolado em si, mas fazem parte de uma estrutura eclesial, seja ela diocesana ou paroquial. Portanto, seria de aproveitar, durante a elaboração dos projetos, terem presentes o plano diocesano e o plano paroquial.

Por exemplo, seria interessante ter presente, na preparação do imaginário, o Plano Diocesano de Pastoral para 2024/2025, da Diocese do Porto, que tem como tema “Peregrinos de Esperança - Com todos e para o bem de todos”. Este plano foca um ano de mudança, um ano voltado para a escuta do Espírito Santo, no “aqui e agora”²⁸⁸, para mudar aquilo que se tem revelado infecundo.

Os Agrupamentos poderiam ter presentes os mesmos objetivos que a Diocese do Porto propõem para 2024/2025: 1) Celebrar o Jubileu e reanimar a Esperança; 2) Intensificar o processo sinodal para desenhar a Igreja sinodal que Deus deseja para o Porto e 3) Promover uma cultura do cuidado. Com isto, os imaginários podem ter um maior cariz comunitário e de comunhão. Além disso, é de aproveitar algumas propostas pastorais que a Diocese do Porto lança, como recuperar o sentido da fraternidade universal, com ações concretas de solidariedade e partilha, ter em conta a intervenção dos Movimentos no mundo, sendo os leigos uma ponte estável entre a Igreja e o mundo, responsabilizando-se pelo bem comum, entre outras.²⁸⁹

Neste sentido, é possível uma maior comunhão com a Igreja local e também um maior envolvimento na comunidade por parte do Escutismo, o qual não pode ser considerado como um grupo fechado em si mesmo, mas tem de continuar a ser um movimento eclesial aberto à comunidade e à relação com os outros.

O Escutismo não pode abrir mão da Comunidade Paroquial e, por isso, a presença e o trabalho conjunto do movimento com outros âmbitos eclesiais são imprescindíveis. Contudo, não podemos cair no perigo de diluir o Escutismo na Comunidade Paroquial. O Escutismo tem a sua identidade própria que não pode ser absorvida pela comunidade, mas este também não pode ser autorreferencial e se afastar da comunidade.

«As duas partes devem deixar-se educar pelo Espírito Santo e também pela autoridade eclesial; devem aprender a esquecer-se de si, sem o que não é possível o consenso interior com a multiplicidade das formas que a fé vivida pode assumir. As duas partes devem aprender uma com a outra a deixar-se purificar, a suportar-se e a encontrar o caminho que leva aos comportamentos de que Paulo fala no hino à caridade (1 Cor 13,4-7). Por isso, é necessário advertir os movimentos: embora tenham encontrado outros no seu caminho e lhes tenham

²⁸⁸ Cf. Diocese do Porto, *Plano Diocesano de Pastoral 2024/2025* (Porto: Diocese do Porto, 2024), 8.

²⁸⁹ Cf. Diocese do Porto, *Plano Diocesano de Pastoral 2024/2025*, 13, 17, 20.

comunicado a totalidade da fé, são um dom feito à totalidade da Igreja, devendo submeter-se às exigências dessa totalidade para permanecerem fiéis ao que lhes é essencial»²⁹⁰.

O Escutismo não precisa de sair da sua Comunidade Paroquial para se fazer presente e estar mais envolvido, pode fazê-lo internamente em conjunto com outros grupos da comunidade. Por exemplo, tendo em conta a Orientação Pastoral deixada no ponto 3.2.1, seria interessante haver um trabalho conjunto entre a Catequese e o Escutismo, o qual implica uma maior comunicação entre os dois grupos. Sendo assim, o Escutismo podia fazer-se presente nas reuniões de catequistas, como já é aplicado por algumas Paróquias, de modo que possam caminhar em conjunto e, realmente, serem complementares na formação dos jovens, fomentando um clima de evangelização e de fraternidade entre os jovens.

Por fim, outra orientação prática é o trabalho para uma cultura também mais ecológica, através, por exemplo, do uso da *Plataforma Laudato Si'*, uma plataforma que apresenta planos e ações concretas para a proteção da Casa comum, que requer a participação ativa de todos os membros da comunidade (cf. LS 144).

Por exemplo, um dos testemunhos que a *Plataforma Laudato Si'* apresenta é do Grupo Scout San Francisco de Asís, pertencentes à Federação de Escuteiros Católicos na Argentina, os quais adotaram um estilo de vida mais sustentável através de uma maior educação ecológica e de uma maior espiritualidade ecológica, pois «a proposta que Baden-Powell, fundador do Escutismo Mundial, deixou a todos os escuteiros encoraja-nos a realizar pequenas acções baseadas na comunidade e na reflexão contínua sobre o que o Papa Francisco escreveu: “Tentem deixar este mundo em melhores condições do que o encontramos”»²⁹¹.

²⁹⁰ Bento XVI, *Os Movimentos na Igreja: Presença do Espírito e Esperança para os Homens* (Estoril: Lucerna, 2007), 58.

²⁹¹ Grupo Scout San Francisco de Asís, «Refletindo sobre os Objetivos do Laudato Si'», acessido a 02 de setembro de 2024, <https://plataformadeacaolaudatosi.org/app/uploads/2023/02/r-5634-88743.pdf>.

CONCLUSÃO

O caminho percorrido permite-nos apontar um conjunto de elementos que respondem à pergunta que está subjacente a todo o trabalho: uma comunidade capaz de acolher os seus Agrupamentos e o Método Escutista capaz de os formar para um maior envolvimento na comunidade.

A nova etapa evangelizadora vive marcada por uma mudança de época que, muito mais de que transformações sociais e culturais, implica uma verdadeira conversão da ação eclesial. Atravessamos uma época marcada pela secularização, pela perda do sentido de pertença comunitária, pela perda da visão institucionalizada da fé. Esta secularização deve-se também, em grande parte, a uma ação eclesial centrada na projeção *ad intra* e com escassa incidência *ad extra*. As nossas comunidades eclesiais apresentam dificuldades e resistências à necessidade de uma mudança, fixando-se numa pastoral de manutenção. A complexidade do nosso contexto sociocultural e eclesial requerem que se repense o lugar dos jovens, os quais, apesar de cada vez mais estarem “desconectados” da religião, anseiam uma mudança eclesial que inclua as suas inspirações e desejos. É necessário ver os jovens, não só como destinatários da ação eclesial, mas também como seus interlocutores.

A participação e a presença dos jovens em vários movimentos, como o Escutismo, confirmam o desejo dos jovens por uma maior vivência comunitária. O Escutismo apresenta uma formação onde a comunidade é fundamental para o desenvolvimento integral dos jovens. Este constituiu no seio eclesial um pilar de crescimento de cada comunidade cristã, fazendo com que esta cresça e amadureça na fé para possibilitar que os jovens cresçam com ela.

Através da análise e avaliação da realidade sociocultural, fica claro que os jovens anseiam uma mudança da Igreja, uma maior presença no seio eclesial. Os jovens querem ser escutados e querem ser interlocutores da ação eclesial. Com as respostas obtidas acerca do envolvimento na comunidade, foi possível perceber uma lacuna na consciência de que o Agrupamento tem origem na comunidade. Estas respostas fazem-nos questionar onde é que o Escutismo está a falhar: será na transmissão dos pilares escutistas, na educação dos elementos ou na evangelização da fé? Será devido à necessidade de uma maior presença do Assistente de Agrupamento ou será devido à necessidade de uma maior formação de Dirigentes? Cada Agrupamento depende da sua Comunidade Paroquial para crescer, colaborar e viver, tal como

cada Comunidade Paroquial precisa do seu Agrupamento para se manter mais viva e mais jovem.

Através da análise do horizonte eclesial percebemos que este movimento deve encetar um caminho à luz daquele que a comunidade primitiva tomou após a Páscoa da Ressurreição: um caminho de comunhão. A comunidade primitiva deve ser, de facto, a comunidade modelo para o contexto em que vivemos. Uma comunidade que vive segundo os critérios da comunhão e da fraternidade, uma comunidade que vive na escuta atenta dos ensinamentos dos apóstolos e que coloca as suas preocupações na oração. No atual contexto urge a necessidade de educar as nossas comunidades para este sentido de comunhão e de pertença, para que seja possível assumir um compromisso comunitário, através de estruturas eclesiais de acolhimento.

Além disso, o Escutismo deve ser pautado pelo dinamismo sinodal, de modo que o escuteiro trace o seu percurso em direção à felicidade. Como fomos afirmando ao longo do nosso caminho, só em conjunto é que podemos construir comunidade. Ninguém constrói comunidade se andar sozinho, ninguém constrói comunidade se ficar fechado em si mesmo. Para a construção da comunidade é necessário que caminhemos sinodalmente e tomemos uma postura de “discípulos missionários” numa “Igreja em saída”.

O Movimento Escutista pressupõe a educação pela ação e o Método Escutista permite colocar em prática tudo aquilo que os elementos apreendem. Por isso, como resposta, podemos afirmar que é necessária uma inadiável renovação do itinerário formativo, entendido como um processo unitário e integral de cada elemento, desde os mais novos até aos Assistentes. É, de facto, importante que se desenvolva uma mudança na formação dos Assistentes de Agrupamento: são eles o maior elo de ligação às comunidades, como seus pastores e são eles o elo de ligação com os setores eclesiais diocesanos. Acompanhar na fé tantas crianças e jovens que pertencem ao movimento faz parte do seu ministério pastoral e das suas responsabilidades enquanto Assistentes.

Além disso, podemos afirmar que o Método Escutista forma os seus elementos para a experiência comunitária através de uma maior relação com a Catequese, não podendo ser dois setores que se contraponham, mas dois âmbitos que se complementam um ao outro; de um maior cultivo de fraternidade, sendo um movimento pertencente a uma fraternidade mundial, deve começar no seio da sua Comunidade Paroquial à luz dos Princípios do Escuta; e de uma maior presença nas orações comunitárias à luz da comunidade primitiva.

Ao chegar ao fim de todo um caminho percorrido é necessário deixar claro que este caminho não pode acabar aqui. O método de discernimento pastoral e evangélico do Prof. Sergio Lanza, para estar completo, requer a fase de atuação e verificação que só será possível se este estudo for aplicado. O percurso percorrido aponta um novo modo de educar para a

comunidade através do Método Escutista, contudo, a atuação e verificação deste modelo requer um processo dinâmico de desenvolvimento e aprofundamento próprio da reflexão teológico-pastoral: atuando, verifica-se e verificando-se atua-se. Estas orientações só produzirão frutos, quando postas em prática pelos Agrupamentos. Esta investigação centrou-se somente na Região do Porto e tendo a sua realidade como base. Contudo, seria interessante alargar este estudo às demais regiões do país, pois todas apresentam particularidades que nos ajudariam a aprimorar estas linhas orientadoras.

Além disso, mostrava-se também relevante se este estudo abrisse portas ao discernimento e à pastoral vocacional, de modo que os escuteiros discernissem o seu envolvimento na comunidade à luz da fé e, através daí, descobrir qual o caminho que o Senhor os impele a fazer. A formação para a comunidade implica que os jovens escuteiros não se sintam somente destinatários, mas interlocutores da ação eclesial. Por isso, era de aproveitar, por exemplo, o aprofundamento do Projeto Pessoal de Vida que a mística e pedagogia dos Caminheiros oferecem ao seu percurso.

Um limite desta investigação é a pouca bibliografia em língua portuguesa sobre este tema, especialmente no que diz respeito à fundamentação bíblica e eclesiológica. Contudo, já começam a surgir publicações neste âmbito, especialmente sobre o tema da sinodalidade. Uma outra limitação foi a amostra do trabalho de campo, a qual não foi intensiva, mas, tendo em conta o universo de estudo da Região do Porto, a obtenção de 130 respostas significa uma mínima aderência a este estudo, mesmo após uma partilha exaustiva, até pelos meios próprios da Região.

Este trabalho não constitui um ponto de chegada, mas um ponto de partida, que tem como objetivo orientar a educação escutista para uma educação mais aberta à comunidade. As nossas Comunidades Paroquiais devem a trabalhar, sinodalmente, com os nossos Agrupamentos, de modo que os escuteiros se envolvam na comunidade e cresça neles o sentido de pertença, para que, acompanhados pelos seus Assistentes e guiados pelo Espírito Santo, a contemplem como casa e porto seguro.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Bíblia de Jerusalém. Apelação: Paulinas, 2003.

Nestle-Aland. *Novum Testamentum Graece*. Ed. Institute for New Testament Textual Research. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

Magistério

II Concílio do Vaticano. *Gaudium et Spes: A Igreja no Mundo Actual: Constituição Dogmática sobre a Igreja no mundo actual*. 7.^a ed. Braga: AO, 1987.

_____ *Lumen Gentium: A Santa Igreja: Constituição Dogmática sobre a Igreja*. 7.^a ed. Braga: AO, 1987.

_____ «*Unitatis Redintegratio*: Decreto sobre o Ecumenismo». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html.

Bento XVI. «Carta ao Presidente da Conferência Episcopal da França por ocasião do Centenário da abertura do primeiro campo de Escoteiros organizado por Lord Baden-Powell», 22-07-2007. Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/letters/2007/documents/hf_ben-xvi_let_20070622_scoutisme.html.

_____ «*Spe Salvi*: Carta Encíclica sobre a Esperança Cristã». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html.

CEP. «Sínodo 2021/2023 - Relatório de Portugal». Acedido a 25 de maio de 2024. <https://www.conferenciaepiscopal.pt/v1/sinodo-2021-2023-relatorio-de-portugal/>.

_____ «Nota Pastoral sobre o centenário do Corpo Nacional de Escutas». Acedido a 24 de agosto de 2024. https://agencia.ecclesia.pt/portal/nota-pastoral-sobre-o-centenario-do-corpo-nacional-de-escutas/#_ftn1.

_____ *Bases para a Pastoral Juvenil*. Fátima: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 2002.

_____ *Corpo Nacional de Escutas - CNE: Caminho de Esperança*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2012.

_____ *Exortação Pastoral: O Escutismo, Escola de Educação*. Fátima: Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, 1995.

Comissão Episcopal da Educação Cristã. «A Eucaristia educa para a Comunhão». Acedido a 25 de agosto de 2024. <https://agencia.ecclesia.pt/portal/a-eucaristia-educa-para-a-comunhao/>.

Comissão Teológica Internacional. «A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_201803_02_sinodalita_po.html.

Conselho Pontifício para a Promoção da Nova Evangelização. *Diretório para a catequese*. Lisboa: Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2020.

Francisco. «Angelus», 10-11-2019. Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2019/documents/papa-francesco_angelus_20191110.html.

_____ «Audiência Geral», 15-03-2023. Acedido a 28 de agosto de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20230315-udienza-generale.html>.

_____ «Audiência Geral», 15-03-2023. Acedido a 30 de julho de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2023/documents/20230315-udienza-generale.html>.

_____ «Carta do Santo Padre Francisco aos Párocos», 02-05-2024. Acedido a 30 de julho de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240502-lettera-parroci.html>.

_____ «Carta do Santo Padre Francisco aos Párocos», 02-05-2024. Acedido a 28 de agosto de 2024. <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2024/documents/20240502-lettera-parroci.html>.

_____ «Cerimónia de Acolhimento», 03-08-2023. Em Francisco. *Papa Francisco - JMJ Lisboa 2023 - Discursos e Homilias*. Prior Velho: Paulus, 2023.

_____ «Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios», 21-12-2019. Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html.

_____ «Discurso do Papa Francisco à União Internacional de Guias e Escoteiros da Europa», 03-08-2019. Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/august/documents/papa-francesco_20190803_scouts-europa.html.

_____ «Discurso na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos», 17-10-2015. Acedido a 30 de julho de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html.

_____ «Discurso na Vigília preparatória para o Sínodo sobre a Família», 04-10-2014. Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/october/documents/papa-francesco_20141004_incontro-per-la-famiglia.html.

_____ «*Episcopalis Communio*: Constituição Apostólica sobre o Sínodo dos Bispos». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_constitutions/documents/papa-francesco_costituzione-ap_20180915_episcopalis-communio.html.

_____ «*Laudato Si'*: Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum». Acedido a 16 de setembro de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html.

- _____ «Momento extraordinário de oração em tempo de epidemia», 27-03-2020. Acedido a 30 de julho de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2020/documents/papa-francesco_20200327_omelia-epidemia.html.
- _____ «Vídeo do Santo Padre com a intenção de oração para o mês de fevereiro difundido através da Rede Mundial de Oração pelo Papa», 30-01-2023. Acedido a 30 de julho de 2024. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/01/30/0087/00205.html>.
- _____ *Alegres na Esperança: Catequeses sobre a Esperança Cristã*. Lisboa: Paulus, 2019.
- _____ «Discurso à Cúria Romana na apresentação de votos natalícios», 21-12-2019. Acedido a 30 de julho de 2024. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html.
- _____ *Evangeli Gaudium: A Alegria do Evangelho: Exortação Apostólica sobre o Anúncio do Evangelho no mundo actual*. 8ª ed. Prior Velho: Paulinas, 2013.
- _____ *Fratelli Tutti: Carta Encíclica sobre a Fraternidade e a Amizade Social*. Prior Velho: Paulinas, 2020.
- João Paulo II. «*Christifideles Laici: Os fiéis leigos: Encíclica sobre a Vocação e a Missão dos leigos na Igreja e no Mundo*». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html.
- _____ «*Ecclesia de Eucharistia: Carta Encíclica sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja*». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.html.
- _____ «*Pastores Gregis: Exortação Apostólica sobre o Bispo, servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo*». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.html.
- _____ «*Redemptoris Missio: Carta Encíclica sobre a validade permanente do mandato missionário*». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html.
- _____ *Codex Iuris Canonici*, Código de Direito Canónico. 4ª ed. revista. Lisboa, Conferência Episcopal Portuguesa; Braga: AO, 1983.
- Pio XII. «*Mystici Corporis: Carta Encíclica sobre o Corpo Místico de Jesus Cristo e a nossa união nele com Cristo*». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html.
- Sínodo dos Bispos. «XV Assembleia Geral Ordinária: Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional: Documento Final». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20181027_doc-final-instrumentum-xvassemblea-giovani_po.html.
- _____ «XV Assembleia Geral Ordinária: Os Jovens, a Fé e o Discernimento Vocacional: Instrumentum Laboris». Acedido a 28 de setembro de 2023.
- _____ «XVI Assembleia Geral Ordinária: Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão: Documento Preparatório». Acedido a 28 de agosto de 2024. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2021/09/07/0540/01156.html#PORTOGHESEOK>.

_____ «XVI Assembleia Geral Ordinária: Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão: Instrumentum Laboris». Acedido a 28 de agosto de 2024. <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2023/06/20/0456/01015.html#po>.

Estudos

«Didaché ou Doutrina dos Doze Apóstolos». Em *Antologia Litúrgica*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2004.

Associação dos Escoteiros de Portugal, *Regulamento Geral*. Lisboa: Associação dos Escoteiros de Portugal, 2021.

Atehortúa, Adolfo G. «Una eclesiología histórica-escatológica para la postmodernidad. El cambio de paradigma dentro de la orientación postmoderna hacia la historia y la hermenéutica». *Cuestiones Teológicas* 44, n. 102 (2017): 397-421.

Baden-Powell, Robert. «Última Mensagem do Chefe». Em *Celebrações do CNE*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2008.

_____ *Auxiliar do Chefe Escutista*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2018.

_____ *Escutismo para rapazes*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2002.

_____ *O Rasto do Fundador*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2013.

Barbosa, Adérito Gomes. *Os jovens portugueses e a nova evangelização*. Porto: Universidade Católica Portuguesa, 1993.

Bauman, Zygmunt. *Modernidad Líquida*. Argentina: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2000.

Bento XVI. *Os Movimentos na Igreja: Presença do Espírito e Esperança para os Homens*. Estoril: Lucerna, 2007.

Biemmi, Enzo. *Il Secondo Annuncio: La grazia di ricominciare*. Bologna: EDB, 2011.

Bueno de la Fuente, Eloy. *Eclesiología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.

Casella, Alberto. «Strada, comunità, servizio. Il metodo scout in branca R/S e la generazione Z: il problema della scelta e la vocazione alla eco-responsabilità». *Oikonomia* 22, n. 1 (fevereiro 2023): 6-11.

Castela, Jorge. *Evangelizar em tempos de mudança*. Porto: Edições Salesianas, 2020.

Cavagnari, Gustavo. *Id y haced discípulos a todos los jóvenes: Hacia una pastoral juvenil evangelizadora*. Madrid: Editorial CCS, 2021.

Celarc, Matjaz. «Narrative summaries in Acts of the Apostles. Reading of the first summary account (2:42-47)». *Biblia et Patristica Thoruniensia* 14, n. 2 (2021): 145-163.

Ciola, Nicola. *Concilio Vaticano II e Rinnovamento Teologico*. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2013.

- CNBB, *Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia: A conversão pastoral da paróquia*. Aparecida: CNBB, 2014.
- CNE. *Adultos no Escutismo*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas.
____ *Estatutos do Corpo Nacional de Escutas*, 2020.
____ *Regulamento Geral*, 2020.
- CNE: Assistência Nacional, *Celebrações do CNE*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2008.
- CNE: Junta Regional do Porto. «Plano Anual 2024-2025». Acedido a 24 de agosto de 2024. https://drive.google.com/file/d/19-zZm-Su8rJUsNn_2-s8PctZRc5ojou3/view.
- CNE: Secretaria Nacional Pedagógica. «C8 - Envolvimento na Comunidade». Acedido a 24 de agosto de 2024. https://docs.google.com/document/d/1kOPtMLnXG8ITxSvHbQsAbB-YXFMHH_SUzr-DnlSNryA/edit?pli=1.
____ *Programa Educativo*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2010.
____ *Projeto Educativo - Manual do Dirigente*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2011.
____ *Sistema de Formação de Adultos no Escutismo*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2015.
- Comité Scout Mundial. «Próxima Estrategia para el Movimiento Scout: Documento de antecedentes para la Propuesta de Resolución 2024 – C». Acedido a 28 de agosto de 2024. https://scoutconference.org/documents/confdoc-05b_43wsconf_proposed-strategy-for-scouting_es.pdf/.
- Conferência Internacional Católica do Escutismo. «Carta Católica do Escutismo». Em *Celebrações do CNE*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2008.
- Congresso “Valores e Missão”. «Carta do CNE - Escutismo Católico Português. Em *Celebrações do CNE*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2008.
- Constituição e Regulamento da Organização Mundial do Movimento Escotista* (1983).
- Coutinho, José Pereira. *Religião em Portugal: Análise Sociológica*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2020.
- Dias, Patrícia. coord. *Jovens, Fé e Futuro*. Lisboa: Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, 2023.
- Diocese do Porto, *Plano Diocesano de Pastoral 2024/2025*. Porto: Diocese do Porto, 2024.
- Dix, Steffen. «A visibilidade e a invisibilidade das pessoas “sem religião” na sociedade portuguesa». *Didaskalia* 43, nº 1-2 (2013): 57-80.
- Duque, Eduardo. *Os Jovens e a Religião na sociedade atual: Comportamentos, Crenças, Atitudes e Valores no Distrito de Braga*. Braga: Instituto Português da Juventude, 2007.
- Faria, Marcos. «A vocação e missão dos leigos». Em *Igreja Portucalense*. Porto: Voz Portucalense, 2020.

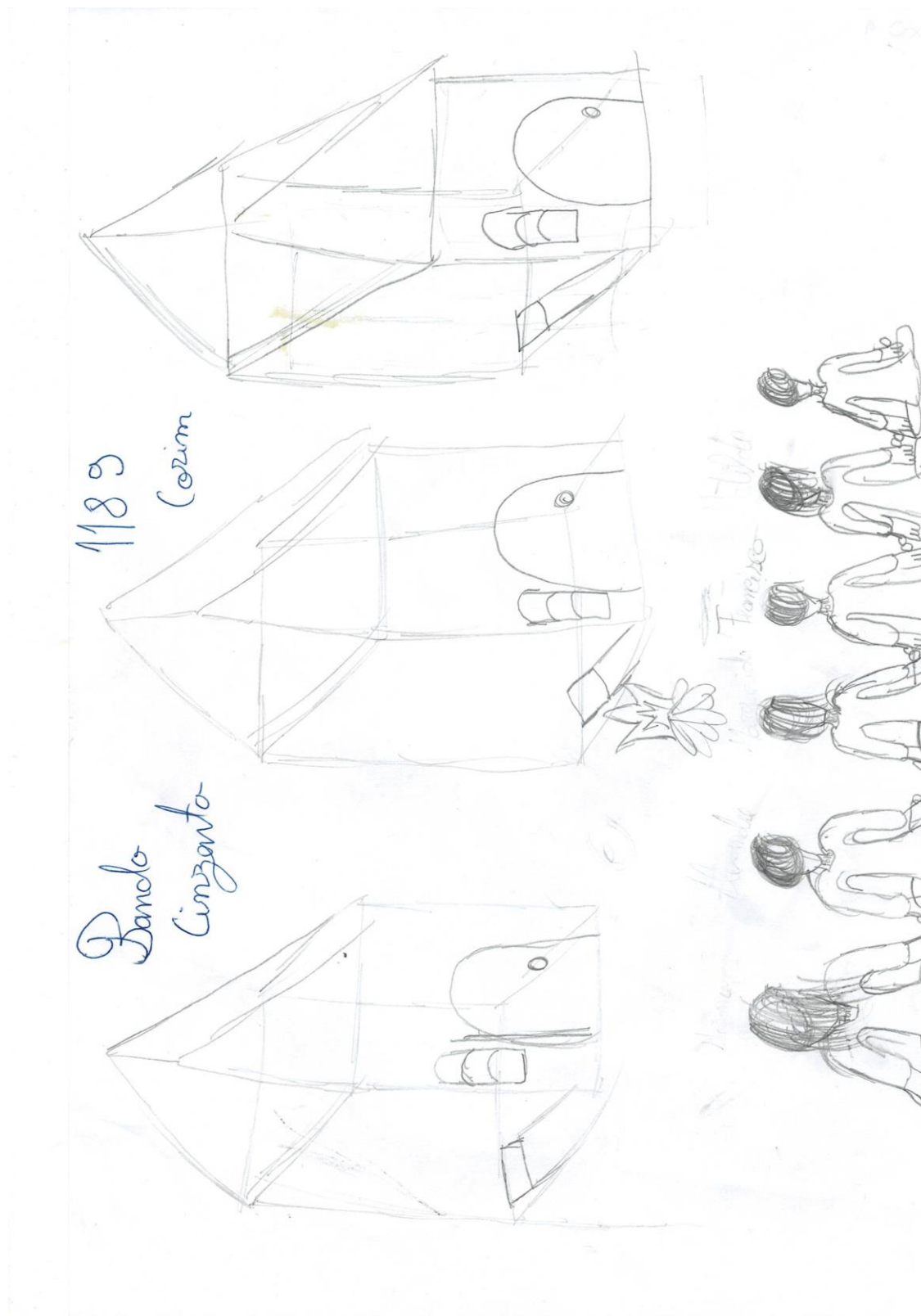
- Fitzmeyer, Joseph A. *The Acts of the Apostles: A new translation with introduction and commentary*. Nova Iorque: Doubleday, 1998.
- Forte, Bruno. *La Iglesia, Icono de la Trinidad: Breve Eclesiología*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2016.
- Freitas, Tiago. *Colégio de Paróquias: A paróquia em tempos de mobilidade*. Prior Velho: Paulinas, 2018.
- García-Valdecasas, José Ignacio. «Zygmunt Bauman: una voz sólida en una sociedad líquida». *Razón y Fe* 275, nº 1424-1423 (2017): 451-460.
- Gomes, Araújo. «Psicologia Comunitária: Uma abordagem conceitual». *Psicologia: Teoria e Prática* 1, nº 2 (1999): 71-79.
- Grupo Scout San Francisco de Asís. «Refletindo sobre os Objetivos do Laudato Si'». Acedido a 02 de setembro de 2024. <https://plataformadeacaolaudatosi.org/app/uploads/2023/02/r-5634-88743.pdf>.
- Halík, Tomás. *No limiar de uma Nova Reforma do Cristianismo*. Prior Velho: Paulinas, 2023.
- Kasper, Walter. *Il futuro dalla forza del Concilio: Sinodo straordinario dei vescovi 1985, Documenti e commento*. Brescia: Queriniana, 1986.
- Keener, Craig S. *Acts: An Exegetical Commentary, Introduction and 1:1-2:47*, vol. 1. Estados Unidos: Baker Academic, 2012.
- L'Observatore Romano. «Imagem da sinfonia e da sinodalidade da Igreja». Acedido a 27 de julho de 2024. <https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2023-10/por-040/imagem-da-sinfonia-e-da-sinodalidade-da-igreja.html>.
- Leal, Sérgio Filipe Pinho. *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco: A sinodalidade como estilo para uma permanente conversão pastoral*. Prior Velho: Paulinas, 2021.
- _____. *Pastores para uma Igreja Sinodal: O Ministério Pastoral numa Igreja Sinodal ao Serviço da Evangelização e da Missão para uma Permanente Conversão Pastoral e Missionária em Portugal*. Roma: Pontificia Universtitas Lateranensis, 2024.
- Lima, José da Silva. *Teologia Prática Fundamental: Fazei Vós Também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.
- Marguerat, Daniel. *Gli Atti degli Apostoli (1-12)*, vol. 1. Bologna: EDB, 2011.
- Matteo, Armando. *A primeira geração incrédula: A difícil relação em os jovens e a fé*. Prior Velho: Paulinas, 2013.
- _____. *Trazer os jovens de volta à Missa: A transmissão da fé numa sociedade sem adultos*. Prior Velho: Paulinas, 2023.
- Mocellim, Alan Delazeri. «A Comunidade: Da Sociologia Clássica à Sociologia Contemporânea». *Plural* 17, nº 2 (2011): 105-127.
- Neto, Tiago Miguel Fialho. *Hora de Mudança na Transmissão da Fé: A urgência da pastoral de gestão*. Prior Velho: Paulinas, 2016.

- ONU. «Objetivos de desenvolvimento sustentável». Acedido a 24 de agosto de 2024. <https://unric.org/pt/Objetivos-de-Desenvolvimento-Sustentavel/>.
- Ornelas, José. *Psicologia Comunitária*. Lisboa: Fim de Século, 2008.
- Pais, Machado. «A construção sociológica da juventude: Alguns contributos». *Análise social* 25, n.º 105-106 (1990): 139-165. Em *Os jovens em Portugal hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*, coordenado por Laura Sagnier e Alex Morell. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021.
- Pereira, Carlos Alberto. «Fraternidade Mundial Escutista». Acedido a 24 de agosto de 2024. <https://correiodominho.pt/cronicas/fraternidade-mundial-escutista/14078>.
- Philips, Roland. *O sistema de patrulhas*. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2004.
- Pié-Ninot, Salvador. *Eclesiologia: La sacramentalidad de la comunidad cristiana*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.
- Reis, João Vasco. *CNE: Uma história de factos*. Lisboa: Corpo Nacional de Escutas, 2007.
- Rizzi, Marco. *La secolarizzazione debole*. Bolonha: Il Mulino, 2016.
- Rossé, Gérard. *Atti degli Apostoli: Commento exegetico e teológico*. Roma: Città Nuova, 1998.
- Sagnier, Laura e Alex Morell. coord. *Os jovens em Portugal hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2021.
- Sannino, Armando. *Nuova Immagine di Parrocchia: Un modello di rinnovamento*. Città del Vaticano: Lateran University Press, 2020.
- Santos, Matilde. «Espiritualidade e Jogo». Em *Escutismo e Desenvolvimento Espiritual*, ed. CNE. s.l.: Corpo Nacional de Escutas, 2009.
- Santos, Susana Micaela. «Congresso do Centenário debateu o CNE no futuro». *Flor de Lis*, n. 1367 (fevereiro 2024): 14-19.
- Sevin, Jacques. *O Escutismo*. Prior Velho: Paulinas, 2011.
- Sousa, M. Oliveira. «O escutismo e a pastoral juvenil». Acedido a 26 de agosto de 2024. <https://arquivo.ecclesia.pt/arquivo/noticias/dossier/o-escutismo-e-a-pastoral-juvenil/>.
- Tagle, Luis Antonio. *Comunidad Pascual*. Barcelona: Herder, 2016.
- Tangorra, Giovanni. «Una categoria conciliare dibattuta: Il “Popolo di Dio”», *Lateranum* 81, n. 2 (2015): 315-338.
_____. *La Chiesa secondo il Concilio*. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, 2007.
- Teixeira, Alfredo. «A eclesiosfera católica: pertença diferenciada», *Didaskalia* 43, n.º 1-2 (2013): 115-205.

- _____ coord., *Identidades religiosas e dinâmica social na Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.
- _____ *Religião na Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2019.
- Toldy, Teresa Martinho. «A secularização da sociedade portuguesa no contexto das modernidades múltiplas». *Didaskalia* 43, nº 1-2 (2013): 23-55.
- Vilaça, Helena, Maria João Oliveira. *A Religião no Espaço Público Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2019.
- Vitali, Dario. *Popolo di Dio*. Assisi: Cittadella Editrice, 2013.
- Wolff, Elias. «Comunhão». Em *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- Žak, Lubomir. «Ecclesiologia Fondamentale del Vaticano II: Spunti di riflessione alla luce della ricezione della *Lumen Gentium*». *Lateranum* 81, n. 1 (2015): 37-68.

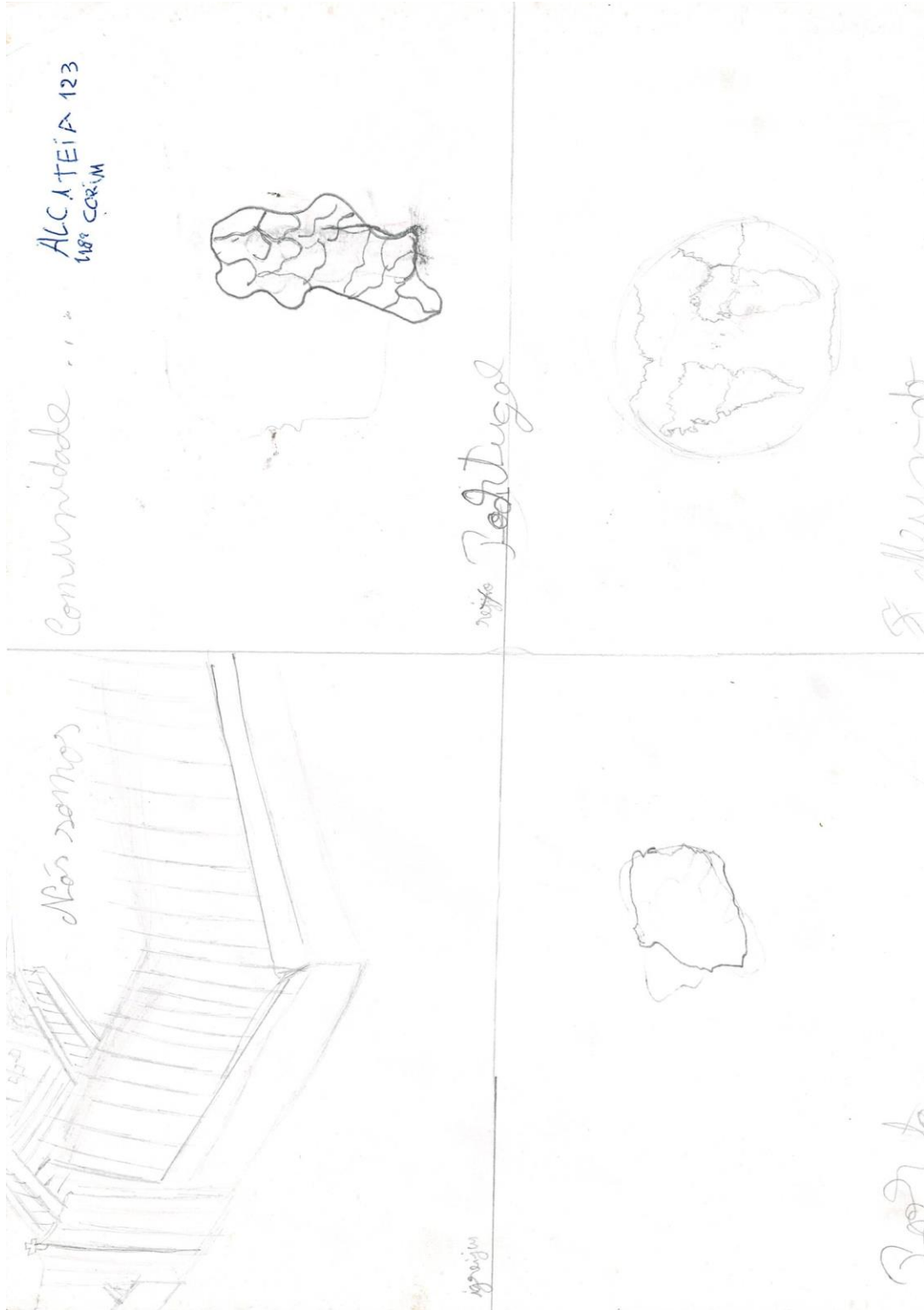
ANEXO 1

Bando Cinzento: Agrupamento 1189 - Corim



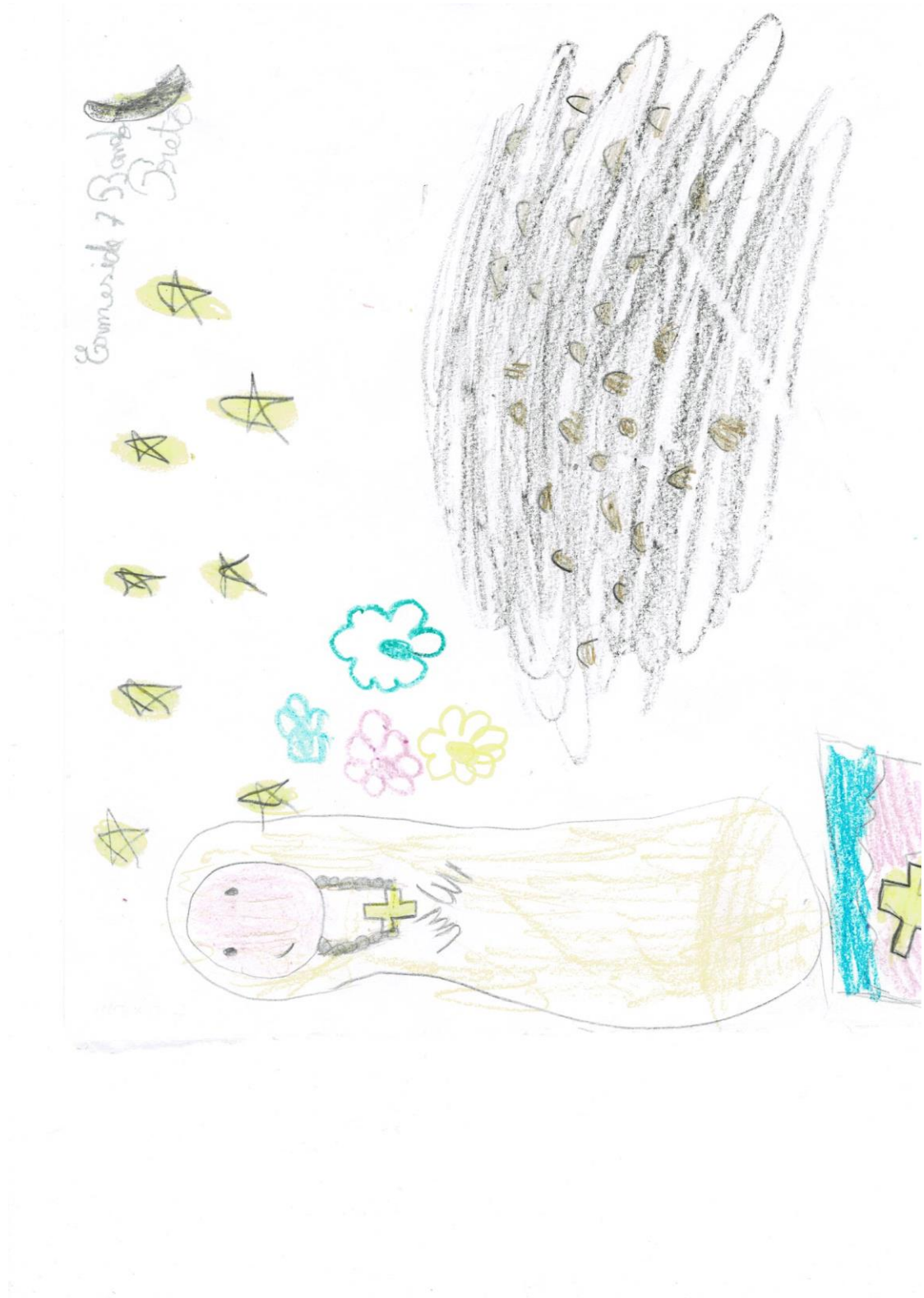
ANEXO 2

Bando Branco: Agrupamento 1189 - Corim



ANEXO 3

Bando Preto: Agrupamento 0007 - Ermesinde



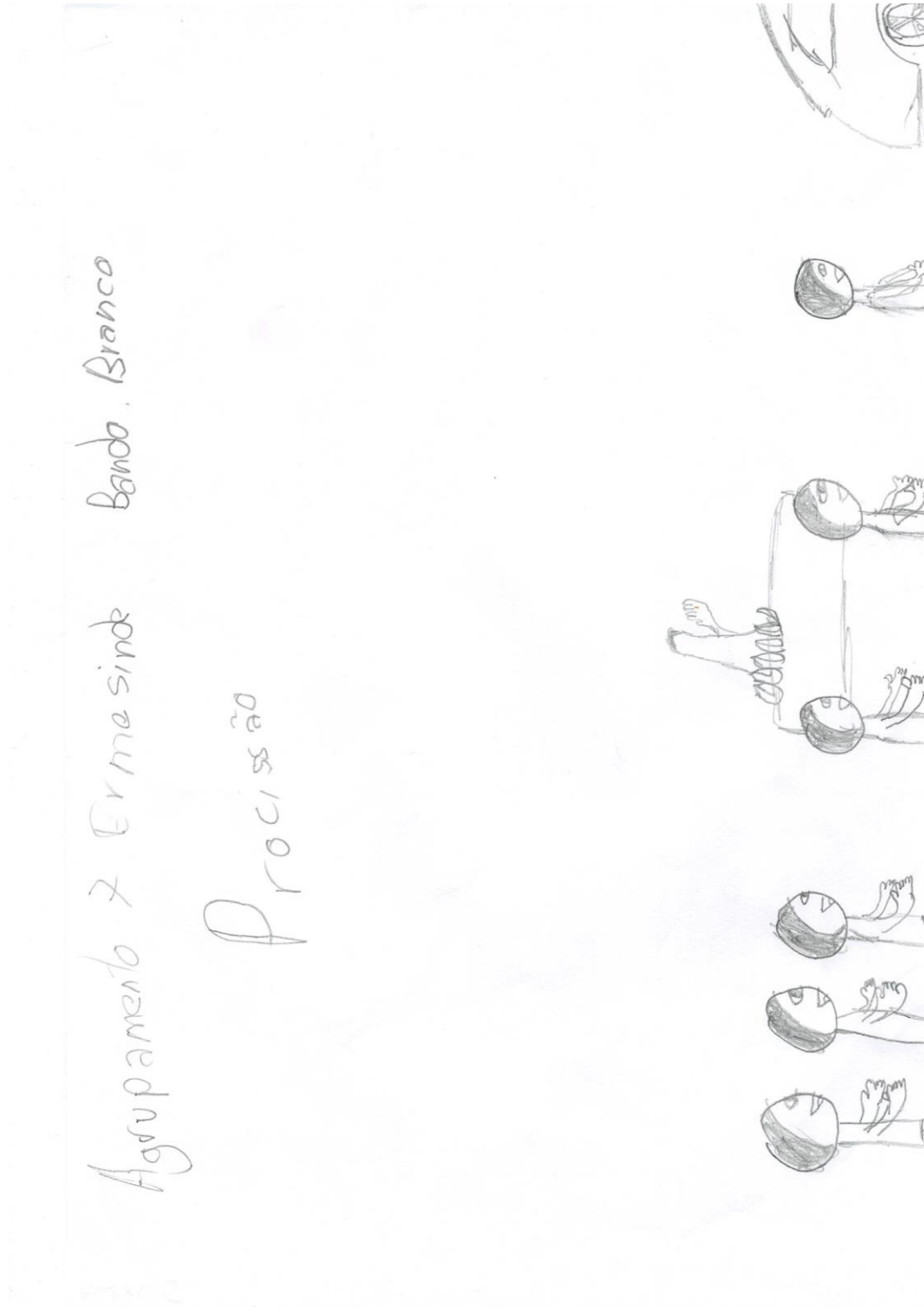
ANEXO 4

Bando Cinzento: Agrupamento 0007 - Ermesinde



ANEXO 5

Bando Branco: Agrupamento 0007 - Ermesinde



ANEXO 6 - QUESTIONÁRIO

1. Consentimento Informado

Caro/a escuteiro,

O seguinte inquérito foi realizado no âmbito da dissertação de mestrado, em Teologia, na Faculdade de Teologia, Centro Regional do Porto, cujo tema é: “Escutismo e Comunidade: o método escutista como (in)formação para a experiência comunitária”.

Os dados estatísticos recolhidos serão exclusivamente utilizados para fins académicos, com o propósito de perceber de que forma o movimento informa os seus elementos para uma maior vivência na sua paróquia como um lugar de pertença e como é que os forma para a vida comunitária. Além disso, B.P. dizia que a religião era mais simples, que primeiro amávamos e servíamos a Deus e depois amávamos e servíamos o outro.

Ao preencher o questionário concorda na utilização desta informação, apenas e em exclusivo, para o propósito da tese.

O seu preenchimento tem a duração de cerca de 10 minutos. Para qualquer dúvida ou esclarecimento adicional pode, por favor, contactar através do seguinte e-mail: ruifiliperibeirosoares@gmail.com

A tua colaboração é essencial.

Agradeço desde já a disponibilidade!

2. Identificação Pessoal

- a. Género
 - i. Feminino
 - ii. Masculino
 - iii. Prefiro não divulgar
 - iv. Outro
- b. Agrupamento
- c. Secção
 - i. Pioneiros
 - ii. Caminheiros
 - iii. Candidatos (Noviços) a Dirigentes
 - iv. Dirigentes - Idade

- d. Comunidade Paroquial (Qual é a minha comunidade Paroquial)
- e. Há quanto tempo estás no Movimento?

3. Escutismo e Comunidade

- a. Relativamente ao papel da Comunidade Paroquial na formação dos escuteiros, avalia de 1 (Discordo completamente) a 6 (Concordo completamente)
 - i. A Comunidade Paroquial só serve para angariação de fundos
 - ii. Só apareço na minha Comunidade Paroquial quando tenho atividades
 - iii. A Comunidade Paroquial está sempre presente na minha vida
 - iv. A minha relação com os vários grupos da Comunidade Paroquial é essencial para a educação dos escuteiros
 - v. A Comunidade Paroquial é fundamental para o amadurecimento dos escuteiros
 - vi. A Comunidade Paroquial interessa-me pouco
 - vii. Estou presente todos os fins-de-semana na minha Comunidade Paroquial
 - viii. Sei quem compõe a minha Comunidade Paroquial
 - ix. Só o meu grupo é que devia existir na minha Comunidade Paroquial
 - x. Estou disponível para o que seja necessário na minha Comunidade Paroquial
 - xi. Os vários grupos da minha Comunidade Paroquial perturbam as atividades do meu grupo de escuteiros
 - xii. A relação do meu Agrupamento com o representante da Comunidade Paroquial (Pároco) é essencial para o bem-estar da Comunidade
 - xiii. A Comunidade Paroquial é um grande meio para o crescimento dos escuteiros
 - xiv. Sinto que devia ser mais ativo (mais presente) na minha Comunidade Paroquial
 - xv. Sinto que a minha Comunidade Paroquial devia preocupar-se mais em ajudar os escuteiros nas suas atividades
 - xvi. A Comunidade Paroquial é um dos meios de angariação de fundos para o meu Agrupamento
 - xvii. Sinto que o representante da Comunidade Paroquial (pároco) tem um papel essencial no crescimento dos escuteiros
 - xviii. Sinto-me parte integrante da minha Comunidade Paroquial
 - xix. Sinto que sou um sinal de mudança para a minha Comunidade Paroquial
 - xx. Todos juntos (o grupo onde me insiro e a minha Comunidade Paroquial) somos capazes de crescer em prol do bem da Comunidade Paroquial

4. A Comunidade Paroquial na minha vida

- a.** O que é a Comunidade Paroquial para mim?
 - i.** Lugar onde estou sempre que posso
 - ii.** Lugar de pertença
 - iii.** Lugar de encontro e convívio com os meus irmãos
 - iv.** Outro
- b.** Como é que eu sinto a minha Comunidade Paroquial?
 - i.** Lugar importante na minha vida
 - ii.** Lugar de pertença
 - iii.** Lugar de ser igreja
 - iv.** Lugar de festividades
 - v.** Outro
- c.** Na minha opinião, como deve ser o meu envolvimento na Comunidade Paroquial?
 - i.** Devo estar completamente envolvido
 - ii.** Devo ter um envolvimento limitado aquilo que consigo fazer
 - iii.** Devo-me envolver quando é necessário
 - iv.** Devo estar presente quando o meu Agrupamento estiver presente
 - v.** Outro
- d.** Porque é que gostaria de me sentir envolvido na minha Comunidade Paroquial?
 - i.** Por causa das atividades
 - ii.** Por ser um lugar onde cresço na fé
 - iii.** Por ser um lugar de comunhão
 - iv.** Por ser um lugar de total pertença
 - v.** Outro
- e.** Como gostaria que Comunidade Paroquial fosse no futuro?
 - i.** Uma Comunidade Paroquial envolvida na educação dos escuteiros
 - ii.** Uma Comunidade Paroquial que está para o que os escuteiros necessitarem
 - iii.** Uma Comunidade Paroquial que quer que os escuteiros estejam mais afastados
 - iv.** Uma Comunidade Paroquial que está acima da educação dos escuteiros
 - v.** Outro

5. O Método Escutista

- a. Avalia o papel do Método Escutista na formação dos escuteiros, de 1 (Discordo completamente) a 6 (Concordo completamente), tendo por base a tua melhor experiência
- i. As 8 Maravilhas do Método são um meio de aprendizagem
 - ii. A Promessa é o que dá fundamento ao escutismo
 - iii. A relação entre os elementos e os dirigentes é fundamental para os elementos fazerem caminho
 - iv. O contacto com a Natureza é essencial para o crescimento dos elementos
 - v. Os FACEIS desenvolvem, com o avançar do crescimento do escuteiro, cada parte da personalidade humana
 - vi. Um dos melhores pilares educativos para um escuteiro é o Aprender Fazendo
 - vii. A divisão no Sistema de Patrulhas prepara os escuteiros para o trabalho em equipa
 - viii. O Sistema de Progresso pode ser equiparado a um jogo
 - ix. Todos os jovens deviam ser educados através do Método Escutista
 - x. O CNE tem um esquema centrado em Jesus Cristo
 - xi. A minha patrulha é uma micro-sociedade unida com objetivos comuns
 - xii. O Método Escutista educa os escuteiros para um maior sentido de pertença na Comunidade Paroquial
 - xiii. O Método Escutista deve estar implementado na sociedade
 - xiv. A Lei do Escuta é um apelo a fazer mais e melhor
 - xv. A fé cristã ajuda o movimento a crescer no sentido de pertença à Comunidade Paroquial onde estou inserido
 - xvi. A fé cristã é essencial para o CNE, fazendo parte dele

6. A Comunidade Paroquial no futuro

Nas seguintes perguntas responde com 3 ideias base

- a. Como posso ajudar a construir uma comunidade ideal?
- b. Como é que eu posso estar ao serviço da minha Comunidade Paroquial?
- c. Que papel é que a Comunidade Paroquial deve ter na educação e formação dos escuteiros?
- d. Como é que o meu Agrupamento promove o crescimento da Comunidade Paroquial?
- e. Como é que as ações do meu Agrupamento, ao serviço da Comunidade Paroquial, podem ser melhoradas no futuro?